

FACULDADE SENAC BLUMENAU
Pós-Graduação *lato sensu* em Gestão Estratégica Corporativa - MBA

Fabio da Silva
Mairiele Paula Carvalho Palma Santos
Maria Aparecida Duarte Ciufa

GESTÃO DA INOVAÇÃO NA EDUCAÇÃO:
COMO INSTRUMENTALIZAR O PROFESSOR DE FORMA INOVADORA?

Blumenau

2019

Fabio da Silva
Mairiele Paula Carvalho Palma Santos
Maria Aparecida Duarte Ciufa

GESTÃO DA INOVAÇÃO NA EDUCAÇÃO:
COMO INSTRUMENTALIZAR O PROFESSOR DE FORMA INOVADORA?

Projeto Integrador apresentado a Faculdade SENAC Blumenau
como requisito parcial para obtenção do título de Especialista
em Gestão Estratégica Corporativa.

Orientador: Dr. Daniel Knebel Baggio

Blumenau
2019

Ficha de identificação da obra

S586g Silva, Fabio da.
Gestão da inovação na educação: como instrumentalizar o professor de forma inovadora? / Fabio da Silva, Mairiele Paula Carvalho Palma Santos [e] Maria Aparecida Duarte Ciufa. – 2019.
117 f. : il. color.

Orientador: Daniel Kembel Baggio
Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação) – Faculdade Senac Blumenau, MBA em Gestão Estratégica Corporativa, 2019.

1. Educação – Metodologias ativas. 2. Inovação na educação – Mindset. I. Faculdade Senac Blumenau. II. Santos, Mairiele Paula Carvalho Palma. III. Ciufa, Maria Aparecida Duarte. IV. Título. CDD 22. ed.: 371.3

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Sandra Cristina da Silva, Msc – CRB 14/945



Creative Commons - **Atribuição-NãoComercial CC BY-NC**

Fabio da Silva
Mairiele Paula Carvalho Palma Santos
Maria Aparecida Duarte Ciufa

GESTÃO DA INOVAÇÃO NA EDUCAÇÃO:
COMO INSTRUMENTALIZAR DE FORMA INOVADORA O PROFESSOR?

Projeto Integrador apresentado à Faculdade SENAC Blumenau
como requisito parcial para obtenção do título de Especialista
em Gestão Estratégica Corporativa.

Orientador: Dr. Daniel Knebel Baggio

Banca:

Dr. Daniel Knebel Baggio

Blumenau
2019

À Deus, à família, aos amigos e colegas do curso,
aos docentes e alunos do Senac Blumenau e a esta
equipe.

“Um saber somente importa ser ensinado quando instiga o aluno a uma associação ao mundo que vive, a realidade com o qual convive, os saberes que já acumulou” (ANTUNES, 2012).

RESUMO

Este projeto integrador aborda o tema da gestão da *inovação* no contexto da educação, para responder à questão problema: Como instrumentalizar de forma inovadora o professor? Utilizou-se de pesquisa bibliográfica e aplicação de dois questionários estruturados com perguntas fechadas, sendo um direcionado aos docentes do programa Jovem Aprendiz e o outro direcionado aos alunos que participam deste programa. Os dados foram coletados a partir de técnica de levantamento, pretendendo propor alternativas para implementação da gestão da inovação para a atuação do professor da modalidade de Formação Inicial e Continuada na Educação do Nível Básico da Faculdade Senac Blumenau. Para isto foi necessário analisar a prática do professor em sala de aula, confrontando os dados coletados com a bibliografia específica. A partir desta análise identificou-se algumas necessidades apresentadas pelos professores para atuar de forma inovadora na educação. Com os dados coletados foi proposto a utilização de metodologias ativas e mudança de *mindset* no processo de ensino e aprendizagem. A relevância do trabalho está na necessidade de repensar o processo de ensino e aprendizagem. O aluno deve ser considerado na sua integralidade e como parte ativa neste processo, portanto as metodologias utilizadas devem promover a ação, reflexão e ação, capaz de tornar o aprendiz sujeito com possibilidades de mudar a sociedade em que está inserido.

Palavras-chave: Metodologias ativas. Inovação na educação. Aprendizagem. Mindset.

ABSTRACT

This integrative project addresses the issue of innovation management in the context of education to address the issue: How to innovate the teacher? We used a bibliographical research and application of two questionnaires structured with closed questions, one directed to the teachers of the Young Apprentice program and the other directed to the students who participate in this program. The data were collected from a survey technique, aiming to propose alternatives for the implementation of the management of innovation for the performance of the teacher of the modality of Initial and Continued Education in Basic Education of the Faculty Senac Blumenau. For this, it was necessary to analyze the teacher's practice in the classroom, comparing the data collected with the specific bibliography. From this analysis was identified some needs presented by teachers to act in an innovative way in education. With the collected data it was proposed the use of active methodologies and change of mindset in the process of teaching and learning. The relevance of the work is the need to rethink the teaching and learning process. The student should be considered in its entirety and as an active part in this process, therefore the methodologies used should promote action, reflection and action, capable of making the learner subject with possibilities to change the society in which he is inserted.

Key words: Active methodologies. Innovation in education. Learning. Mindset.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Mantenedoras das Instituições de Ensino Superior.....	18
Quadro 2 - Classificação acadêmica-administrativa das Instituições de Ensino Superior	18
Quadro 3 – Tipos de cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC) ou Qualificação Profissional	19
Figura 1: Papéis desempenhados pelos atores envolvidos:	31
Gráfico 1 - Idade dos Professores.....	46
Gráfico 2 – Gênero dos participantes.	46
Gráfico 3 – Escolaridade dos Profissionais.	47
Gráfico 4 – Conhecimento dos professores sobre Metodologias Ativas.....	48
Gráfico 5 - Utilização pelos professores, em sala de aula, de metodologias ativas.	48
Gráfico 6 - Utilização de recursos didáticos diferenciados em sala de aula.....	49
Gráfico 7 - Conforto dos professores ao utilizarem recursos variados durante as aulas.	50
Gráfico 8 - Satisfação com o material didático e tecnológico disponibilizado pela instituição.	52
Gráfico 9 - Utilização de mídias sociais para aprimoramento dos conteúdos apresentados em sala de aula.	54
Gráfico 10 - Gamificação na melhoria do processo ensino/aprendizagem.	56
Gráfico 11 - Impedimento por parte da instituição na utilização de metodologias ativas.....	57
Gráfico 12 - Curiosidade despertada aos alunos pelos conteúdos apresentados.	59
Gráfico 13 - Participação dos alunos em sala de aula:	60
Gráfico 14 - Disponibilidade do professor para aprender sobre metodologias ativas.....	61
Gráfico 15 – Facilitação do processo ensino/aprendizagem mediado somente pela utilização de aula expositiva.	62
Gráfico 16 - Atividades e recursos variados na facilitação do processo de aprendizagem.	64
Gráfico 17 – Quanto a Idade dos alunos respondentes.....	65
Gráfico 18 - Gênero dos alunos participantes.	66
Gráfico 19 - Quanto a Escolaridade dos alunos.	66
Gráfico 20 – Local onde o aluno cursou/cursa o ensino fundamental ou médio.....	67
Gráfico 21 - Aprendizagem em uma aula expositiva versus aula com recursos variados.....	68
Gráfico 22 - Contribuição das aulas do Programa Jovem Aprendiz para a aprendizagem.	68
Gráfico 23 - Contribuição das aulas para o desenvolvimento pessoal e profissional.....	69
Gráfico 24 - Avaliação sobre os recursos utilizados nas aulas.....	70

Gráfico 25 - Avaliação sobre as atividades utilizadas em sala de aula pelos professores.....	71
Gráfico 26 - Interesse e motivação do aluno em participar das aulas do Programa Jovem Aprendiz.	74
Gráfico 27 - Utilização de aulas somente expositivas no auxílio da aprendizagem.....	75
Gráfico 28 - Utilização de mídias sociais para aprimoramento e ampliação dos conteúdos trabalhados em sala de aula.	77
Gráfico 29 - utilização de jogos em sala de aula como auxílio na aprendizagem de um conteúdo novo.	79
Quadro 4 – Propostas.....	86

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	OBJETIVOS	16
1.1.1	Objetivo geral	16
1.1.2	Objetivos específicos	17
1.2	JUSTIFICATIVA.....	17
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
2.1	TIPOS DE INSTITUIÇÃO DE ENSINO	18
2.1.1	Cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC) ou Qualificação Profissional	19
2.2	INOVAÇÃO	20
2.2.1	Tipos de Inovação	21
2.2.2	Inovação na Educação	23
2.3	ENSINO E APRENDIZAGEM	25
2.3.1	Organização do processo Ensino/Aprendizagem	26
2.4	METODOLOGIAS ATIVAS	30
2.5	APRENDIZAGENS ATIVAS	32
2.6	MINDSET	35
2.7	GESTÃO DE PESSOAS NA EDUCAÇÃO	37
2.8	TREINAMENTO E DESENVOLVIMENTO DE PESSOAS	39
3	METODOLOGIA DA PESQUISA	41
3.1	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	41
3.2	TÉCNICA DE COLETA DE DADOS	41
3.3	FORMA DE ANÁLISE DOS DADOS	42
4	CONTEXTUALIZAÇÃO E RESULTADOS	43
4.1	CONTEXTUALIZAÇÃO.....	43
4.2	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE CRÍTICA DOS RESULTADOS.....	45
4.2.1	Pesquisa realizada com os PROFESSORES	45
4.2.2	Pesquisa realizada com os ALUNOS	64
5	PROPOSIÇÃO	83
6	CONCLUSÃO	88
	REFERENCIAS	90
	APÊNDICE A - PESQUISA METODOLOGIA ATIVAS SENAC JOVEM APRENDIZ / PROFESSOR	98

APÊNDICE B - PESQUISA METODOLOGIA ATIVAS SENAC JOVEM APRENDIZ / ALUNO	101
APÊNDICE C - PESQUISA METODOLOGIA ATIVAS SENAC JOVEM APRENDIZ / PROFESSOR RESULTADOS.....	103
APÊNDICE D - PESQUISA METODOLOGIA ATIVAS SENAC JOVEM APRENDIZ / ALUNO RESULTADOS	111

1 INTRODUÇÃO

Conhecer a educação brasileira e sua organização requer um exercício histórico, ou seja, retroceder ao início do processo de colonização e entender como se organizava o ensino no país.

De acordo com Silva (1996), o interesse pelo início da história da educação do Brasil não é reconhecer como se estruturava e selecionava o conhecimento escolar, bem como os tempos/espacos escolares no passado, mas compreender como esta forma de organização curricular alcançou o presente influenciando as práticas e concepções de ensino.

No final da Idade Média para a Idade Moderna, a luta entre católicos e protestantes não ficou só no terreno religioso/espiritual, mas foi também muito acirrada no campo educacional. Para tentar barrar a reforma, os católicos organizaram a companhia de Jesus. Edificada pelo padre espanhol Inácio de Loyola em 1534, e reconhecida em 1540, a companhia de Jesus nasceu como instrumento de combate à reforma, fundamentando-se na perspectiva de que tudo deveria ser feito para a máxima maior glória de Deus. Enfim, pode-se afirmar que a contrarreforma católica foi a tentativa de resgate da perdida hegemonia católica, contra qualquer inovação política, ideológica e cultural, e os jesuítas colaboraram nessa empreitada (CARVALHO, 2008).

No Brasil, a ação educativa ficou inicialmente a cargo dos religiosos jesuítas, focada exclusivamente na catequizaçao, e tinha como objetivo converter a alma do índio brasileiro à fé cristã. Foi assim que nasceu o embrião do ensino no Brasil, em 1549, quando os primeiros jesuítas desembarcaram na Bahia trazendo a expansão da fé católica e do reino, reunindo colonizadores e evangelizadores sob o mesmo empreendimento. Com uma missão catequista, edificaram igrejas e escolas em várias regiões da colônia da América. Construíram um sistema educacional, desenvolvendo uma pedagogia que atingia especialmente as crianças, usando o teatro, a música e a dança para cumprir seus objetivos (SHIGUNOV NETO, et al; 2008).

Não havia uma formação específica para que um padre se tornasse professor. Bastava saber ler e escrever, mas principalmente conhecer as Sagradas Escrituras, já que a escola era quase um sinônimo de sacristia e estudar significava se tornar um bom cristão. O método consistia em ouvir e repetir o que os sacerdotes ensinavam. Quanto mais fiel aos ensinamentos, melhor.

Nos primeiros tempos da colonização, os jesuítas frequentavam as aldeias e ensinavam às crianças a leitura, a escrita e a doutrina cristã. No entanto, como o trabalho de adaptação do

indígena para a lavoura exigia sua presença para um adestramento diário e ininterrupto, começaram a organizar aldeias para reunir os indígenas da região. Essas aldeias ficaram conhecidas por quase todo o período colonial como missões. Também organizaram escolas elementares e, acima de tudo, difundiram um projeto pedagógico bastante uniforme, tão bem esquematizado que até nos dias de hoje é possível perceber seus reflexos (SHIGUNOV NETO, et al; 2008).

Porém, houve uma divisão clara de ensino e os jesuítas não ficaram focados somente a catequese e no ensino das primeiras letras aos “gentis”, pois, aos poucos, acabaram se dedicando à educação da elite colonial onde os filhos dos colonos recebiam o conhecimento nos colégios, locais mais estruturados por conta do investimento. As raízes da educação Jesuítica, em especial, o comprometimento para com a formação da elite brasileira, marcaram profundamente a história da educação brasileira (MOREIRA, 1995).

Ainda que a principal missão dos Jesuítas fosse a conversão dos índios, o estabelecimento de colégios acabou por assumir, senão a prioridade, importância comparada à outra. Com isso, a educação jesuítica acabou dando atenção à formação da elite letrada da colônia, ou seja, dos padres e senhores de engenho (MACHADO, 2002).

A educação jesuítica teve dois momentos de destaque no Brasil colônia. O primeiro teve início em 1549, com a chegada dos padres jesuítas, e durou até 1570, quando morreu o padre Manoel da Nóbrega.

Machado (2002), informa que na fase inicial do projeto educacional instituído pelo padre Manoel da Nóbrega no Brasil, a intenção era instruir e catequizar os indígenas e também os filhos dos colonos, haja visto que os jesuítas constituíam os únicos mestres oficiais da colônia.

Em 1599 foi criado a Ratio Studiorum, que trouxe grandes mudanças à prática pedagógica dos jesuítas. A partir da criação do Ratio Studiorum, inicia-se o segundo momento de destaque da educação jesuítica no Brasil colônia que se caracterizou pela proposta pedagógica. O plano de catequizar e instruir os índios sofreu modificações. Os educados foram os filhos dos colonos e aos índios restou apenas a catequização. Aqui se juntava a vontade da coroa portuguesa e da igreja católica (coroa colonizadora) de tornar o índio mais submisso para ser aproveitado como mão de obra escrava. Já para os padres jesuítas, o de converter o maior número de nativos ao catolicismo, estremecido pela reforma protestante (ROMANELLI, 2001).

Segundo Carvalho (2008), essa segunda fase chamada de Ratio Studiorum, que durou de 1570 até 1759, teve como concepção uma pedagogia tradicional com uma visão

assistencialista de homem, compreendendo que esse mesmo homem era constituído por uma essência universal e imutável, e que eles já estavam prontos e determinados. Nessa fase, para atender à educação da elite, a criação de colégios assumiu uma importância maior que a ação missionária. À educação caberia apenas acomodar os alunos, segundo a essência universal.

Rocha (2005), ressalta que a mais significativa diferença entre a primeira (1549-1570) e a segunda fase (1570-1759), foi pelo tipo de dependência econômica entre religiosos e indígenas. “Se a primeira fase foi de penúria, ela teve o aspecto positivo de obrigar os jesuítas, desprovidos de recursos, a conquistar a simpatia popular, mostrando-se identificados com seus problemas, necessidades e anseios” (ROCHA, 2005, p. 3).

Desse modo, num primeiro momento, a tarefa dos jesuítas foi a de poder aproximar essas culturas e integrá-las numa nova e coesa realidade social. Já na segunda fase, sem se preocupar com a ausência de recursos, os soldados de Cristo teriam se voltado para um passado clássico e medieval, evitando a realidade imediata e recusando qualquer mudança social e ideológica. “A cultura deixou de ser posta a serviço da sociedade para se colocar à margem da vida, dedicada à conservação dos esquemas mentais clássicos e das convenções sociais estabelecidas” (ROCHA, 2005, p. 3).

Para Machado (2002), a educação ofertada pela companhia de Jesus possuía características rígidas na maneira de pensar. A formação dos professores ganhava uma precaução no que tange à leitura e ao treinamento. Era apenas com mais de trinta anos que o professor iniciava seu trabalho educativo. “Havia um controle rigoroso para manter a tradição: em casos de alguns professores se aproximarem das novidades ou ter um de espírito demasiado livre, devem ser afastados sem hesitação do serviço docente” (MACHADO, 2002, p. 32). Era uma pedagogia altamente autoritária, que servia tanto ao governo português e aos interesses da Igreja, que via na fé e na autoridade da religião, um ótimo aparelho de dominação política (ROCHA, 2005).

Já em 1759 o Marquês de Pombal expulsa os jesuítas de Portugal e conseqüentemente das terras brasileiras, acabando completamente com a organização educacional por eles aqui praticada desde o século XVI.

Provocando um retrocesso no sistema educativo da colônia, a expulsão dos jesuítas comprometeu menos a educação dos pobres que a educação das elites. O sistema educacional edificado por eles, aos poucos se transformou num sistema cada vez mais voltado às elites, refletindo o que recomendava a companhia de Jesus e o Ratio Studiorum. Em 1759, ano da expulsão, eles tinham, além das escolas de ler e escrever, inúmeros seminários e cerca de 24 colégios, sem contar a grande quantidade de missões (CARVALHO, 2008).

Grande parte das características do padrão pedagógico do ensino jesuítico, que foi praticado no Brasil por mais de dois séculos, ainda permanece viva em muitas instituições escolares brasileiras, sejam elas públicas ou privadas. Isso é notório quando se vê muitas escolas preocupadas com a formação de valores religiosos, impondo uma disciplina corporal, preservando hierarquias e utilizando estratégias didáticas como: a disciplina rígida, o cultivo da atenção e da perseverança nos estudos, a cópia, o ditado, a premiação, a prova, o castigo, o respeito a hierarquia e baseado na obediência, controle e meritocracia, o aluno “líder” da sala, o estudioso que deve ser exemplo a ser seguido, e principalmente a memorização, a repetição, o silêncio e até mesmo a competição (MACHADO, 2002).

Diante do exposto, este projeto integrador tem como tema de estudo a gestão da inovação no contexto da educação.

A empresa selecionada como foco do presente estudo é o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - Senac, o qual foi constituído para atender a necessidade de qualificar os profissionais que atuam no comércio. Compreendendo a necessidade de consolidar um currículo focado no desenvolvimento de competências, pautou suas ações educacionais numa concepção pedagógica que vai além da formação técnica, propondo o desenvolvimento do aluno em uma perspectiva cidadã, em que os saberes são articulados com a prática para solucionar problemas. Neste contexto a aprendizagem é compreendida como um processo de construção e não de reprodução do conhecimento, colocando ênfase nos princípios construtivistas.

Para fundamentar a sua prática educacional a instituição apoia-se no construtivismo de Piaget articulando com teorias de outros autores, como o sociointeracionismo de Vygotski, por meio da inter-relação de princípios teóricos que fornecendo subsídios para a prática docente. O construtivismo de Piaget (1967; 1970) propõe a construção do conhecimento baseado na ação do sujeito e o sociointeracionismo de Vygotski (VYGOTSKY; LEONTIEV; LURIA, 2007), propõe que o conhecimento seja construído por meio da interação social. Portanto a proposta pedagógica do Senac está pautada no desenvolvimento de competências, dialogando com o construtivismo por conceber que o homem constrói o seu conhecimento, ou seja, o sujeito humano é um projeto em contínua “reconstrução”, em que o sujeito e objeto se constituem mutuamente, na interação.

Segundo Perrenoud (1999), competência profissional é a capacidade de mobilizar, articular e colocar em ação valores, conhecimentos e habilidades necessários para o desempenho eficiente e eficaz de atividades requeridas pela natureza do trabalho. Esse conceito de competência foi difundido por diversos autores e por legislações nacionais e

estaduais. Envolve a realização de uma prática centrada no desempenho, entendido como a expressão concreta dos recursos que o sujeito aciona quando enfrenta determinadas situações de trabalho. Estas situações de trabalho ocorrem, segundo Küller e Rodrigues (2013), na prática, envolvendo problemas que exigem a mobilização e a busca de saberes (conhecimentos, habilidades e atitudes/valores) para sua resolução. Então, torna-se impossível separar os aspectos cognitivos, emocionais e sociais presentes nesse processo. A formação dos alunos deve ser encarada como um processo global e complexo, no qual conhecer e intervir na realidade são ações que não se dissociam. A partir dessa concepção, o Senac/SC atende às diretrizes da educação profissional estabelecidos pelo Ministério da Educação – MEC e legislações, alinhadas aos referenciais de educação profissional do Senac Nacional.

O Senac atua em Blumenau desde 1968, ofertando no momento desta pesquisa para a comunidade cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC), cursos de Educação Profissional Técnica de Nível Médio (Qualificação Profissional Técnica, Habilitação Profissional Técnica de Nível Médio e Especialização Técnica de Nível Médio) e cursos de Graduação e Pós-Graduação *Latu sensu*. A Faculdade Senac Blumenau, ofertava no momento de realização desta pesquisa dezoito turmas do curso de Aprendizagem Comercial e Profissional, atendendo seiscentos e trinta e dois jovens.

Portanto, apresenta-se a pergunta orientadora do presente projeto integrador: Como instrumentalizar de forma Inovadora o professor?

Para responder à pergunta de investigação, o presente projeto integrador constitui-se de seis etapas: A primeira refere-se à introdução composta pelo Objetivo, Justificativa e Cronograma. As próximas partes são as seguintes: Metodologia, Fundamentação Teórica, Contextualização e Resultados, Proposições e Considerações Finais.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Propor alternativas para implementação da gestão da inovação para a atuação do professor da modalidade de Formação Inicial e Continuada na Educação do Nível Básico da Faculdade Senac Blumenau.

1.1.2 Objetivos específicos

- Identificar e analisar as práticas do professor em sala de aula.
- Compreender as expectativas dos alunos quanto a metodologia tradicional e a metodologia ativa.
- Identificar as necessidades do professor para uma atuação inovadora.
- Propor a utilização das metodologias ativas e mudanças do mindset no processo de ensino aprendizagem.

1.2 JUSTIFICATIVA

Muitas instituições de ensino neste país e em muitos locais do mundo não tiveram ao longo dos anos mudanças significativas no formato de como o conhecimento é transmitido aos seus estudantes, mesmo com os estudos e avanços em novas metodologias de ensino que possam vir a substituir o formato atual de uma sala de aula.

Com as transformações pessoais e culturais que são vividas por todos atualmente em prazos cada vez menores, aliadas a facilidade e abrangência de novas formas de comunicação por meio de tecnologias cada vez mais acessíveis como a internet, há a necessidade de ser repensado o formato com que o conhecimento é transmitido dentro de uma instituição por meio dos professores, ou ainda repensar o próprio formato de uma sala de aula.

Este trabalho contemplou especificamente o Programa Jovem Aprendiz do Senac SC, que atua no desenvolvimento de jovens de 14 a 24 anos encaminhados pelas empresas do comércio, que estavam matriculados e frequentando o ensino regular ou Educação de Jovens e Adultos, ou que tenham concluído o Ensino Médio. Esse programa visa ao cumprimento da Lei nº 10.097, do Decreto-Lei nº 8.622 e do Decreto-Lei 5598, que dispõem sobre a aprendizagem para os comerciários. É um programa de qualificação profissional destinado a adolescentes e jovens de 14 a 24 anos incompletos, que prevê a realização de atividades teóricas e práticas dividindo o tempo do jovem entre o ensino regular, o curso de qualificação no Senac e a prática profissional na empresa.

Diante destes fatos e do cenário de estudo apresentado, este trabalho justificou-se pela necessidade de se avaliar e apresentar propostas de novas metodologias que viessem a contribuir para uma melhor formação dos estudantes do programa Jovem Aprendiz, bem como procurou avaliar melhorias de ambiente e dos processos de ensino e aprendizagem que pudessem vir a ser replicados para outros níveis de ensino ou instituições.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 TIPOS DE INSTITUIÇÃO DE ENSINO

As Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras são organizadas e classificadas pelo Ministério das Relações Exteriores – Itamaraty. Estão divididas em categorias referentes a forma com que são mantidas financeiramente, conforme quadro abaixo:

Quadro 1 - Mantenedoras das Instituições de Ensino Superior

Tipo	Mantenedora	Administração
IES públicas	Federal	Essas instituições são financiadas pelo Estado, e não cobram matrícula ou mensalidade.
	Estadual	
	Municipal	
IES privadas	Pessoas físicas ou jurídicas de direito privado	IES privadas são administradas por pessoas físicas ou jurídicas de direito privado, com ou sem finalidade de lucro. As instituições privadas sem finalidade de lucro são as: <ol style="list-style-type: none"> 1. Comunitárias, que incluem em sua entidade mantenedora representantes da comunidade; 2. Confessionais, que atendem a determinada orientação confessional e ideológica; 3. Filantrópicas, que prestam serviços à população, em caráter complementar às atividades do Estado (art. 20 da LDB).

Fonte: Autores com base em ITAMARATY (http://www.dce.mre.gov.br/nomenclatura_cursos.html).

De acordo com o quadro 1, verifica-se que As Instituições de Ensino Superior (IES) no Brasil, comportam variáveis e podem ser classificadas em públicas ou privadas. As instituições públicas de ensino são aquelas mantidas pelo Poder Público, na forma Federal, Estadual ou Municipal. Já as IES privadas são administradas por pessoas físicas ou jurídicas de direito privado, com ou sem finalidade de lucro.

Também são divididas em uma classificação acadêmica-administrativa, conforme quadro abaixo:

Quadro 2 - Classificação acadêmica-administrativa das Instituições de Ensino Superior

Universidade	A mais estrita, definida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, é a Universidade. Trata-se de instituição acadêmica pluridisciplinar que conta com produção intelectual institucionalizada, além de apresentar requisitos mínimos de titulação acadêmica (um terço de mestres e doutores) e carga de trabalho do corpo docente (um terço em regime integral). É autônoma para criar cursos e sedes acadêmicas e administrativas, expedir diplomas, fixar currículos e número de vagas, firmar contratos, acordos e convênios, entre outras ações, respeitadas as legislações vigentes e a norma constitucional.
Centro Universitário	O Centro Universitário é instituição pluricurricular, que abrange uma ou mais áreas do conhecimento. É semelhante à Universidade em termos de estrutura, mas não está

	definido na Lei de Diretrizes e Bases e não apresenta o requisito da pesquisa institucionalizada.
Faculdade	A Faculdade tem duas conotações. A primeira é a de uma Instituição de Ensino Superior que não apresenta autonomia para conferir títulos e diplomas, os quais devem ser registrados por uma Universidade. Além disso, não tem a função de promover a pós-graduação. O segundo sentido é aplicado para se referir a unidades orgânicas de uma Universidade. Ex.: Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pernambuco.
Institutos Federais	Os Institutos Federais são unidades voltadas à formação técnica, com capacitação profissional em áreas diversas. Oferecem ensino médio integrado ao ensino técnico, cursos técnicos, cursos superiores de tecnologia, licenciaturas e pós-graduação. A denominação remonta à Lei 11.892/08, que renomeou os Centros Federais de Educação Profissional e Tecnológica (Cefets) e as Escolas Técnicas.

Fonte: Autores com base em ITAMARATY (http://www.dce.mre.gov.br/nomenclatura_cursos.html).

De acordo com Fernandes e Cazonato (2014, p. 87),

as IES como instituição social também apresentam suas tensões, principalmente no que concerne ao contexto: públicas versus privadas. Atualmente podemos detectar um preconceito na suposição de que apenas as IES públicas apresentam um alto nível de qualidade em suas atividades, enquanto as privadas ficam com a mercantilização do ensino. Esta relação tem reflexo direto nas exigências do mercado de trabalho: as empresas normalmente optam por contratar profissionais formados em instituições públicas.

Conforme exposto por Mainardes, Domingues e Deschamps (2009), por ser a qualidade educacional algo de avaliação subjetiva e sujeito a múltiplas avaliações, cada instituição poderá adotá-la e/ou focalizá-la de forma diferente, o que leva a uma multiplicidade de entendimentos sobre uma IES ser ou não de reconhecida qualidade.

2.1.1 Cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC) ou Qualificação Profissional

Para o Ministério da Educação (MEC), a formação inicial e continuada (FIC) ou qualificação profissional são organizados para preparar para a vida produtiva e social, promovendo a inserção e reinserção de jovens e trabalhadores no mundo do trabalho. Os cursos ofertados são divididos em dois grupos:

Quadro 3 – Tipos de cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC) ou Qualificação Profissional

Cursos de livre oferta	Conforme previsto no Art. 42 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a formação inicial e continuada ou qualificação profissional podem ser ofertados como cursos de livre oferta, abertos à comunidade, com suas matrículas condicionadas à capacidade de aproveitamento da formação, e não necessariamente ao nível de escolaridade. Tais cursos não possuem carga horária preestabelecida e podem apresentar características
------------------------	---

	diversificadas em termos de preparação para o exercício profissional de algumas ocupações básicas do mundo do trabalho ou relacionadas ao exercício pessoal de atividades geradoras de trabalho e renda.
Cursos regulamentados	<p>Quando organizados pelo sistema educacional dentro de um itinerário formativo com o intuito de possibilitar continuidade de estudos, os cursos de formação inicial e continuada (FIC) ou qualificação profissional possuem regulamentação quanto a carga horária. Está estabelecida a duração mínima de 160 horas, no § 1º do Art. 3º do Decreto nº 5.154/2004, alterado pelo Decreto nº 8.268/2014.</p> <p>O perfil profissional de conclusão dos cursos de FIC ou qualificação profissional deve corresponder a perfis necessários ao exercício de uma ou mais ocupações com identidade reconhecida pelo mercado de trabalho. Eles devem garantir a profissionalização em determinada área e, ao mesmo tempo, o contínuo e articulado aproveitamento de estudos nos diferentes níveis da educação nacional.</p>

Fonte: Autores com base em MEC (<http://portal.mec.gov.br/cursos-da-ept/formacao-inicial-e-continuada-ou-qualificacao-profissional>).

Referente as instituições que podem ofertar estes tipos de cursos, o Ministério da Educação (MEC), informa que podem oferecer cursos de formação inicial e continuada ou qualificação profissional as instituições que compõem: as redes federais, estaduais, distrital e municipais de educação profissional e tecnológica; Os Serviços Nacionais de Aprendizagem (SNAs): instituições privadas de educação profissional e tecnológica e escolas habilitadas para ofertar cursos no Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec). Além das instituições relacionadas acima, os cursos livres podem ser oferecidos por empresas, associações de classe, sindicatos, igrejas, entre outras instituições.

A conclusão dos cursos de formação inicial e continuada (FIC) ou qualificação profissional garante o direito a um certificado que confere ao seu titular a comprovação do desenvolvimento de saberes associados a determinada função laboral. A instituição que oferta o curso é responsável pela emissão dos certificados, que servem como prova da formação recebida pelo seu titular.

2.2 INOVAÇÃO

O conceito de inovação é bastante variado, dependendo, principalmente, da sua aplicação.

O sucesso para as empresas significa, por exemplo, aumento de faturamento, acesso a novos mercados, aumento das margens de lucro, entre outros benefícios (TIGRE, 2014).

Atualmente, nota-se que no mundo empresarial, a inovação não alcançou o desenvolvimento necessário capaz de satisfazer a necessidade iminente relacionada ao ato de inovar. De acordo com Bes e Kotler (2011), há diversas empresas nas quais a inovação é levada em consideração, porém, a necessidade supera a capacidade.

A inovação no meio empresarial tem como base a exploração de novas ideias para melhorar os negócios, criando vantagens competitivas e gerando sucesso no mercado, podendo ser realizada pela empresa, individualmente ou em parceria com outras instituições ou também adaptando ideias de outras empresas nacionais e estrangeiras. Desta forma, a inovação não está restrita às grandes empresas nem às empresas de tecnologia avançada (TIGRE, 2014).

Todas as empresas podem inovar, desde que procurem pôr em prática ideias e métodos diferentes, que resultem em novos produtos e processos inovadores. A inovação é essencial para que a empresa ou instituição continue a ser competitiva num mercado cada vez mais dinâmico, exigente e globalizado (BES E KOTLER, 2011).

A inovação, especialmente a tecnológica, é um dos pilares fundamentais da competição e do desenvolvimento atualmente. As transformações tecnológicas dos últimos vinte anos, principalmente com a ascensão das tecnologias de informação e comunicação, transformaram radicalmente os produtos, processos, formas de uso e a vida das pessoas (DE NEGRI, SALERMO, CASTRO, 2005).

2.2.1 Tipos de Inovação

Tendo em vista as diversas possibilidades de inovar no dia-a-dia empresarial, é importante exemplificar cada uma destas possibilidades. Segundo Rank, Emediato, Osório (2008), apesar da inovação incorrer em custos, não inovar pode significar perdas significativas. De acordo com esta definição, podem existir diversos tipos de inovação nas empresas:

- Inovação em Produtos (bens ou serviços) – quando há mudança no que se faz, ou seja, desenvolvimento de novos produtos, os quais antes não existiam, ou melhoramento significativo de produtos já existentes, atendendo melhor às necessidades do mercado. Exemplo: o telefone celular em comparação ao telefone fixo, a venda por internet em comparação à venda direta na loja.

- Inovação em Processos – quando há mudança no como se faz, aprimorando ou desenvolvendo novas formas de fabricação ou de distribuição de bens e novos meios de prestação de serviços. Exemplo: processo de aproveitamento de resíduos de produtos usados e devolvidos pelo cliente, para fabricação do mesmo produto totalmente novo (logística reversa).
- Inovação Organizacional – quando são adotados ou desenvolvidos novos métodos de organização e gestão, seja no local de trabalho, seja nas relações da empresa com o mercado, fornecedores ou distribuidores. Exemplo: os métodos e técnicas de organização do ambiente de trabalho e de gestão da produção chamadas de “produção enxuta”.
- Inovação em Marketing ou Modelos de Negócio – quando são adotados ou desenvolvidos novos métodos de marketing e comercialização, com mudanças significativas na concepção do produto, no design ou na sua embalagem, no posicionamento do produto no mercado, em sua promoção ou na fixação de preços. Exemplo: venda de água de coco em copos, em carrinhos com perfuradora do fruto.

Dessa forma, a inovação pode estar no tipo de produto vendido, no desenho do mesmo, na forma de comercializar bens e serviços, nas técnicas de marketing utilizadas, no relacionamento e nos serviços prestados aos clientes, na forma de organização do trabalho e nos métodos de gestão da organização (RANK, EMEDIATO, OSÓRIO, 2008).

Segundo Tigre (2014), as inovações mesmo as muito simples, podem envolver algum dispêndio de recurso financeiro ou, pelo menos, a mobilização de recursos humanos e organizacionais. Assim, por exigirem algum custo ou dispêndio implicam, como toda aplicação econômica, algum risco de não retorno de dispêndio investido. Entretanto, as condições objetivas atuais dos mercados brasileiros e globais indicam, para todos os setores empresariais, que cada vez mais as inovações se constituem na forma competitiva dominante.

Em suma, as empresas atualmente estão em uma fase de competições nos mercados em que o maior risco dos processos inovativos é, certamente, não fazê-los e, tardiamente descobrir que perderam mercados para empresas mais inovadoras (RANK, EMEDIATO, OSÓRIO, 2008).

Da mesma forma em que a inovação pode dar-se em diversos aspectos do negócio, a sua intensidade e a sua abrangência em relação ao mercado podem ser maiores ou menores.

Assim, Tigre (2014), explica que a inovação pode ser vista em:

- Inovação incremental – Quando existe melhoria no que se faz e/ou aperfeiçoamento do modo como se faz, por acrescentar novos materiais, ou desenhos ou embalagens que tornam mais práticos produtos ou processos já anteriormente existentes, ou ainda acrescentando utilidades diferenciadas ou melhoras evidentes que os tornam mais desejados pelos seus clientes/consumidores e, portanto, mais competitivos.
- Inovação radical – quando as novas ideias resultam em produtos ou processos totalmente novos, que antes não existiam no mercado.

2.2.2 Inovação na Educação

Por mais que haja ainda dificuldades para definir com maior precisão o que a inovação envolve e exige, há uma certeza de fundo que demanda outras práticas: boa parte da escola do presente não atende às expectativas das famílias, do contexto social e às exigências do mundo do trabalho. Desta forma, ela precisa ser repensada (NOGARO, BATTESTIN, 2016).

O desenvolvimento exponencial das tecnologias da comunicação e informação, que já estão incorporadas ao cotidiano dos indivíduos, exige seu espaço no processo educacional. Dessa forma, para incorporar a inovação na educação é necessário construir modelos criativos e flexíveis que valorizem os produtos e serviços oferecidos, atentando para a qualidade e para a satisfação do cliente-alvo, ou seja, do aluno (ARAÚJO, NETO, CAZARINI, OLIVEIRA, 2013). Para Guimarães, Severo, Nobrega e Leone (2019), a inovação na educação visa uma melhoria da qualidade nos serviços prestados, que constitua uma variável percebida pelos alunos, o que influencia na sua satisfação e comprometimento, bem como na retenção de alunos no âmbito do ensino.

Messina (2001), refere que, podem-se identificar dois componentes que distinguem a inovação: a) a alteração, o de sentido a respeito da prática corrente e b) o caráter intencional, sistemático e planejado, em oposição às mudanças espontâneas. Também se enfatiza que atualmente a inovação é algo aberto, capaz de adotar múltiplas formas e significados, associados com o contexto no qual se insere. Assim, a inovação contempla a dimensão tecnológica, política e cultural e demanda mudança de métodos, de técnicas e de materiais de ensino. Neste sentido, há que se levar em conta os conflitos, as negociações e as culturas distintas da mesma realidade, pois a inovação é um fenômeno complexo que envolve processos subjetivos de conduta racional e emocional (ARAÚJO, NETO, CAZARINI, OLIVEIRA, 2013).

Assim, considerar apenas os processos racionais da instituição não seria compatível com a inovação e a mudança. As dificuldades de implementação do novo comportamento passam pela cultura das organizações que resolvem os problemas do grupo, sua adaptação ao ambiente externo e interno. Nenhuma mudança se faz por imposição, pois, a inovação e a mudança atingem as estruturas organizacionais, tais como o repasse dos recursos para a educação, as políticas voltadas para uma prática participativa, a qualificação centrada nas competências profissionais, entre outras (SCHULTZ, 2007).

Drucker (2000), afirma que nos próximos cinquenta anos as escolas e universidades sofrerão mudanças e inovações mais drásticas que nos seus últimos trezentos anos quando se organizaram em torno da mídia impressa. As novas tecnologias de informação e comunicação, a informática e a perspectiva da aprendizagem contínua, ou seja, da “*life long learning*”, têm criado novas demandas sociais, exigindo das organizações respostas inovadoras, uma vez que as soluções antigas já não se mostram suficientes e adequadas.

O professor dialógico utiliza das contradições para intervir e provocar aprendizagens em seus alunos em sala de aula. Faz entender que as percepções individuais contribuem para uma maior compreensão do assunto e, ainda mais, procura possibilitar aos seus alunos a ideia da complementariedade, no sentido da cooperação, e não da oposição em si mesma que leva ao sentido da competitividade (SUANNO, 2009).

Porém, para que isso seja concretizado, há a necessidade da reconceitualização do papel das disciplinas como componentes curriculares, selecionadas em função dos objetivos formativos pretendidos e como fonte de informações necessárias para o profissional que se pretende formar, assim como a integração das disciplinas e atividades curriculares em função dos objetivos educacionais superando o isolamento e a fragmentação do conhecimento. A substituição da metodologia tradicional, baseada apenas em aulas expositivas, por metodologias que favoreçam o alcance dos vários objetivos educacionais, que estimulem o aluno para aprender e possibilitem sua participação no processo de aprendizagem, juntamente com a exploração das novas tecnologias, baseadas na informática, na internet propiciando atividades a distância, ou seja, fora do espaço de sala de aula e ao mesmo tempo estimulando o aluno para o encontro com o professor e os colegas (MASSETO, 2004).

Há também, a necessidade de uma revisão do conceito de avaliação, entendendo-a como avaliação formativa, instrumento de feedback (retro informação) que motive o aluno para aprender, colabore para o seu desenvolvimento integral, o acompanhe em seu processo de aprendizagem de forma contínua, e que, com a colaboração de colegas, professor e do próprio aluno (auto- avaliação), consiga ampliar e aprofundar sua aprendizagem e assim,

promova a substituição do papel do professor de ministrador de aulas e transmissor de informações para o papel de mediador pedagógico, desenvolvendo relação de parceria e corresponsabilidade com seus alunos, trabalhando desta forma em equipe, assim como a importância da preparação dos professores para se comprometerem com a inovação e assumirem projetos inovadores, mediante um trabalho de formação docente contínua e em serviço que possibilite a reflexão sobre suas atividades docentes, favorecendo o intercâmbio de experiências com colegas e o diálogo entre as áreas; a revisão de infraestrutura de apoio para projetos inovadores, incluindo biblioteca atualizada e informatizada, laboratórios adequados e com isso se promova a preparação dos novos ambientes de aprendizagem (MASSETO, 2004).

Por fim, a inovação na educação implica na descontinuidade das práticas pedagógicas tradicionais e consiste na atualização de uma visão crítica sobre a organização e o funcionamento do sistema educativo ainda praticado (GUIMARÃES, SEVERO, NOBREGA, LEONE, 2019).

2.3 ENSINO E APRENDIZAGEM

A palavra *ensino* é utilizada cotidianamente em todos os seguimentos e principalmente no educacional, remetendo a uma percepção de ação. De acordo com o dicionário, o significado de ensino tem a seguinte definição: Ação ou efeito de ensinar, ensinamento. Forma sistemática de transmitir conhecimentos, geralmente em escolas. Método usado para transmissão de conhecimento (MICHAELIS, 2019).

No entanto, essa palavra requer uma atenção muito maior por parte dos envolvidos com a educação formal, ou seja, professores/educadores e gestores educacionais, pois o ato de ensinar requer planejamento sério e intencional. É necessário ter plena consciência do que se quer ensinar, e que esse ato não seja meramente transmissão de conhecimento. As ações que permeiam este ato precisam ser cuidadosamente planejadas, prevendo todas as etapas da aprendizagem, que deverão tornar o ensino significativo e reflexivo, capaz de ser colocado em prática para resolução de problemas e transmitido a outras pessoas pelo próprio aprendiz.

Para Antunes (2012), ensinar quer dizer ajudar e apoiar os alunos a confrontar uma informação significativa e relevante no âmbito da relação que estabelecem com uma dada realidade, capacitando-o para reconstruir os significados atribuídos a essa realidade e a essa relação.

Então, o processo de ensinar é uma ação que deveria resultar em uma aprendizagem. Pois, aprender é um processo que se inicia a partir do confronto entre a realidade objetiva e os diferentes significados que cada pessoa constrói acerca dessa realidade, considerando as experiências individuais e as regras sociais existentes (ANTUNES, 2012).

Desta forma, pode-se apresentar a aprendizagem em determinadas etapas, pois, professor promove a aprendizagem quando ele considera a realidade objetiva ou as circunstâncias que envolvem o seu aluno, resgatando conhecimentos prévios que podem ser ampliados ou desmistificados, levando em consideração experiências individuais e as regras sociais existentes, e assim a forma como seu aluno aprende, mobilizando os conteúdos ministrados para resolução de problemas, pois, “... Um saber somente importa ser ensinado quando instiga o aluno a uma associação ao mundo que vive, a realidade com o qual convive, os saberes que já acumulou” (ANTUNES, 2012, p.33).

A aprendizagem precisa passar por etapas de compreensão do que se está sendo ensinada, para que haja retenção dos conteúdos e para que estes possam ser colocados em prática, disseminados ou compartilhados com os outros, pois, quando se ensina algo para alguém, o aprendizado é reforçado ou ampliado.

A aprendizagem é concebida como um processo de assimilação/apreensão de determinados conhecimentos, habilidades intelectuais e psicomotoras, atitudes e valores, organizados e orientados no processo de ensino. Processo de ensino entendido não apenas como o processo formal que se situa dentro das instituições escolares, sejam elas básicas, técnicas ou superiores, mas também no cotidiano (VEIGA, 2010).

Cada aluno aprende de forma diferente. Com a grande quantidade de aplicativos e softwares disponíveis, estudantes de uma mesma sala de aula podem seguir diferentes caminhos para adquirir determinados conhecimentos e habilidades. Educadores também podem acomodar estilos de aprendizagem únicos caso a caso, tornando o ensino mais fácil e eficiente. Dessa maneira, os professores têm em suas mãos todas as possibilidades de incrementar as aulas e torná-las mais atrativas (JANER, 2018).

2.3.1 Organização do processo Ensino/Aprendizagem

A organização do processo ensino/aprendizagem pode ser definida em três etapas. Planejamento, Aplicação e Avaliação.

Inicialmente, propõem-se o planejamento no âmbito da educação, seja ele básico, técnico ou superior. Planejar é uma ação indispensável para a prática pedagógica, ou seja,

planejar é condição indispensável no exercício da docência. O planejamento requer um envolvimento profundo do professor que idealiza suas aulas com vistas ao que deseja realizar e conseqüentemente ensinar aos seus alunos (MASETTO, 2001).

Pode-se afirmar que o trabalho do professor começa muito antes de ele entrar em sala de aula.

Suas tarefas começam com o planejamento, que se inicia algumas semanas ou alguns meses antes, dependendo da experiência do professor com a disciplina que pretende lecionar. Por mais experiente que seja, ele não pode dispensar essa etapa, pois graças a ela é que seu trabalho assume racionalidade e permite que seja avaliado (GIL, 2011, p. 94).

Definido o que será estudado e o porquê, o professor precisa planejar como e quando isso será realizado. Inclui-se no Planejamento de Ensino da Disciplina a metodologia que será aplicada, de modo a atingir os objetivos propostos e o cronograma devidamente organizado, fazendo a distribuição, ao longo de um período de estudos, de quando as ações serão realizadas (VEIGA, 2010).

Para Moretto (2010), ao definir os objetivos e selecionar os conteúdos, o professor elenca uma série de referências bibliográficas que darão suporte à sua ação educativa e promoverá uma ampliação do repertório bibliográfico que os alunos já podem trazer consigo ao iniciarem determinada disciplina.

No planejamento de ensino da disciplina, além de o professor definir os objetivos a serem alcançados, determinar os conteúdos, organizar os métodos e o cronograma do seu trabalho acadêmico, ele ainda precisa deixar claro como será exercida a avaliação. Estando definidos no planejamento os objetivos que se pretende alcançar com aquela disciplina, em algum momento do processo será necessária a aplicação de recursos avaliativos a fim de verificar se objetivos estão sendo alcançados. Planejar a avaliação implica organizar meios diversificados de acompanhar o desenvolvimento dos alunos, evitando utilizar apenas uma única forma avaliativa e promovendo uma abrangência maior dessa ação pedagógica de grande valor (GIL,2011).

Por fim, a partir do exposto, pode-se afirmar que “um plano de ensino, portanto, é a apresentação, sob forma organizada, do conjunto de decisões tomadas pelo professor em relação à disciplina que se propôs a lecionar” (ABREU, MASETTO, 1990, p. 16). E, “à medida que as ações docentes são planejadas, evita-se a improvisação, garante-se maior probabilidade de alcance dos objetivos, obtém-se maior segurança na direção do ensino e também maior economia de tempo e de energia” (GIL, 2011, p. 99).

Logo após o planejamento, passa-se a etapa de aplicação, onde o Plano de Ensino da Disciplina constitui-se em um documento que orienta o fazer docente do professor, se reconstrói à medida que se articula com os alunos, e ainda comunica à instituição de ensino como é pensada e realizada a ação educativa por aquele profissional de ensino em suas aulas (CHIZZOTTI, 2001).

Para Viella (2001), todo esse planejamento visa antecipar como ocorrerá todo um processo educativo – desde a definição dos conteúdos à avaliação. Sem desmerecer nenhum de seus componentes, pois é sabido que toda a sua confecção auxilia o fazer docente em sala de aula, destaca-se uma das partes do planejamento que mais exige atenção e cuidado do professor no preparo do plano de ensino: a Metodologia. É justamente nesse tópico do plano que o educador apresentará *como ele fará* para atingir os objetivos que ele mesmo propôs no planejamento. O professor conhece tanto os conteúdos que vai trabalhar com seus alunos quanto os objetivos que pretende alcançar através deles, então este é o momento de pensar e desenvolver modos, meios, estratégias que possibilitem o alcance desses objetivos.

Pensar num horizonte possível – nos objetivos que se pretende atingir – já traz implícito que para atingi-los são necessários alguns instrumentos, num âmbito mais concreto de intervenção, no interior da sala de aula, no espaço onde se realiza a vivência das intencionalidades e dos objetivos da educação. Dessa forma, o que se pretende alcançar supõe definir *o que* (conteúdo) ensinar, *o como* (metodologia) e *a avaliação*. (VIELLA, 2001, p. 118-119).

Segundo Rangel (2010), é válido relembrar que, ao criar as estratégias de trabalho, ao desenvolver as metodologias de ensino, o professor leva em consideração, além dos objetivos a serem alcançados, mas também, a sua concepção de aprendizagem, pois, a atenção aos objetivos e percepção de concepções de aprendizagem é o que o orientará em sua prática pedagógica a desenvolver métodos e estratégias de ensino.

Os desafios que se abrem ao pensar nos métodos e estratégias de trabalho são muito grandes frente à história que se apresenta em relação ao dar aula. “O que se defende é a mudança de postura do professor ‘ensinante’ para o professor ‘que está com’ o aluno para que ele possa aprender” (MASETTO, 2001, p. 89).

Vale lembrar que aulas expositivas não são as grandes vilãs do processo de ensino aprendizagem. O grande problema reside em manter-se apenas nesse tipo de estratégia de ensino. É querer ensinar diferentes conteúdos, promover a aprendizagem de diferentes conhecimentos para pessoas completamente distintas utilizando sempre a mesma estratégia (ABREU, MASETTO, 1990).

Atuar frente ao cenário da educação implica estar disposto a encenar diferentes ações no dia-a-dia da sala de aula e estar devidamente preparado para elas. Implica ser ator principal e coadjuvante ao mesmo tempo. Enfim, “trata-se de buscar atividades pedagógicas que sejam mais eficientes e mais eficazes para colaborar com a aprendizagem dos alunos e melhorar a qualidade do ensino” (MASETTO, 2001, p. 86).

Por fim, a avaliação conclui as etapas de ensino/aprendizagem pois, quando é ensinada alguma coisa a alguém o esperado é que haja aprendizado. Mas como certifica-se que realmente houve aprendizagem? Como é possível obter essa informação? E a partir dessa informação o que se pode fazer?

Nos questionamentos acima parece haver uma única resposta óbvia a todas as questões: Avaliação, pois, toda metodologia empregada no processo de ensino aprendizagem precisa ser avaliada, tendo como objetivo maior identificar, se houve aprendizagem.

Para Luckesi (2011), a avaliação é um ato de investigar a qualidade daquilo que constitui seu objeto de estudo e, por isso mesmo, retrata a sua qualidade. Desta forma, a avaliação não pode ser vista como um fim e sim um meio. Por meio dela é possível estabelecer um novo planejamento, criar novas diretrizes e estratégias. Então, ela é uma prática pedagógica intencional, sistemática e organizada com o objetivo de verificar a aprendizagem do aluno e nortear o trabalho do professor. Apresenta modalidades distintas, porém, interconectadas, variando de acordo com objeto de avaliação e função que exercem. Neste sentido compreendem as dimensões diagnósticas, formativas e somativas. (SENAC, 2015).

Seja para clarificar o progresso do aluno ou subsidiar a ação docente, a avaliação precisa promover a ação-reflexão-ação, tornando o aluno protagonista no processo educativo. Segundo Moretto (2010), o primeiro passo para a transformação é dar ao processo de avaliação um novo sentido, isto é, transformá-lo em oportunidade para o aluno ler, refletir, relacionar, operar mentalmente e demonstrar que tem recursos para abordar situações complexas.

Para Küller (2013), os benefícios da avaliação costumam ir além da simples melhoria dos processos e dos desempenhos, o que já não é pouco. O próprio processo de análise e comunicação franca sobre os erros e acertos proporciona experiências ricas de aprendizagens da competência e de relacionamento humano.

Em suma, a avaliação planejada, considerando as modalidades e funções, de forma analítica, sistemática e construtiva, oferecendo ao aluno os feedbacks adequados, dá sentido real e aumenta as chances de eficácia do processo de ensino e aprendizagem e contribui, de

forma significativa, para o pleno desenvolvimento (SENAC, 2015). Por isso, é preciso entender o avaliar como uma atitude presente continuamente no processo ensino-aprendizagem. Os instrumentos avaliativos devem ser pensados, organizados e planejados, amparados nessa visão contínua de avaliar e com a finalidade de investigar se está de fato havendo aprendizagem e se os objetivos estão sendo atingidos (MORETTO, 2010).

2.4 METODOLOGIAS ATIVAS

O processo de aprendizagem inicia desde o nascimento e não cessa enquanto há vida, aprendemos para garantir nossa existência, para isso temos a necessidade de transmitir os conhecimentos que adquirimos e que nos auxiliam a resolver problemas.

Para Freire aprendemos “[...] não apenas para nos adaptarmos à realidade, mas, sobretudo, para transformar, para nela intervir, recriando-a” (FREIRE, 1996, p.28).

O professor precisa ter claro qual o seu objetivo em relação a aprendizagem, o que precisa ser aprendido e então estabelecer o caminho que deseja seguir, ou seja, definir o método que utilizará para promover a construção do conhecimento com os seus alunos, tendo consciência de que o protagonismo não é dele, e sim do aprendiz.

Segundo Antunes: “[...] o professor jamais ensina; em verdade, apenas contribui para que o aluno aprenda e que, dessa forma, uma aula de qualidade deve primar pela ação dinâmica do aluno, conduzida com sutileza pelo professor” (ANTUNES, 2012, p.21).

Diante da evolução científica, tecnológica e social é necessário repensar a prática docente, estabelecer significado ao que está sendo ensinado, o aprendizado deve ser para vida e não somente para ser entregue no dia da prova em troca de uma nota ou conceito.

O processo aprendizagem não é estático, requer movimento, precisa de atividade, por tanto cada vez mais é necessário trazer situações práticas e vivências cotidianas para sala de aula. Por conta de toda a tecnologia disponível na sociedade, não podemos mais ficar presos em modelos de aulas tradicionais, é preciso possibilitar ao aluno a oportunidade de resolver problemas, mobilizando e articulando os conhecimentos aprendidos em sala de aula com a prática cotidiana.

Para Moran (2018), “[...] toda aprendizagem é ativa em algum grau, porque exige do aprendiz e do docente, formas diferentes de movimentação interna e externa, de motivação, seleção, interpretação, comparação, avaliação, aplicação”.

As metodologias utilizadas precisam ser dinâmicas e capazes de promover a interação entre professor/aluno, aluno/professor e aluno/aluno, haja vista, que o conhecimento se multiplica na troca.

Assim, as metodologias são grandes diretrizes que orientam os processos de ensino e aprendizagem e que se concretizam em estratégias, abordagens e técnicas concretas, específicas e diferenciadas. Metodologias ativas são estratégias de ensino centradas na participação efetiva dos estudantes na construção do processo de aprendizagem, de forma flexível, interligada e híbrida (BACICH, MORAN, 2018, p. 4).

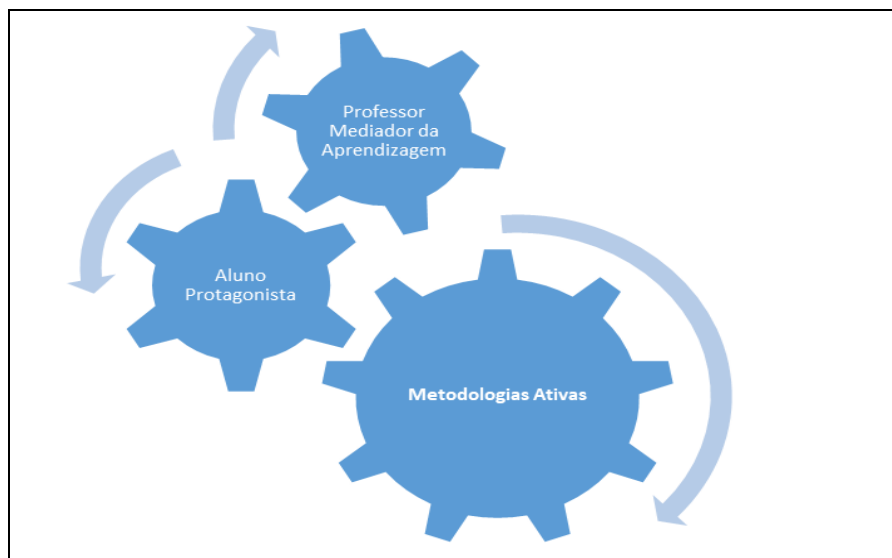
Portanto, no conceito explicitado é possível definir que o aluno é o centro do processo de ensino aprendizagem e o professor atua como mediador dessa aprendizagem, agindo como facilitador do processo.

O professor não pode ser mais um mero transmissor de informações, para atuar nessa perspectiva de metodologia ativa é atribuído um novo sentido ao papel do professor, ele agora atua como mediador. Sua atuação volta-se a mediação das situações de aprendizagem, estabelecendo desafios possíveis, promovendo a interação e compartilhamento de aprendizagem entre os alunos, desenvolvendo a autonomia.

O aluno sente-se acolhido e valorizado, pois o professor torna-se capaz de proporcionar condições para que ele explore seu potencial construindo aprendizagens significativas, capaz de resolver situações problemas a partir das informações recebidas e transformadas em conhecimento.

A figura a seguir ilustra os papéis desempenhados por cada ator envolvido nesse processo:

Figura 1: Papéis desempenhados pelos atores envolvidos:



Fonte: Elaborado pelos autores (2019).

Neste contexto o professor é articulador das etapas individuais e grupais da aprendizagem, por ter capacidade para acompanhar, mediar, analisar os processos, resultados, lacunas e necessidades a partir dos percursos realizados pelos alunos individualmente e em grupo. Esse novo papel do professor é mais complexo do que o anterior de mero transmissor de informações. Requer dele uma preparação em competências muito mais amplas, além do conhecimento dos conteúdos, ele precisa ter um olhar diferenciado para saber como adaptar-se ao grupo e a cada indivíduo que está em sua sala de aula. Precisando planejar, acompanhar e avaliar atividades significativas e diferentes. Vai requerer dele uma prática de ação-reflexão-ação muito mais intensa e suas atividades precisaram ser muito mais intencionais, tornando claro o objetivo a ser alcançado (BACICH, MORAN, 2018, p.15).

2.5 APRENDIZAGENS ATIVAS

Para promover a aprendizagem é possível utilizar técnicas e recursos variados, considerando sempre o grupo que tal atividade é direcionada, qual a intenção da aprendizagem e o objetivo a ser alcançado. Também é preciso considerar a capacidade criativa de cada professor que será capaz de ampliar e muito as possibilidades aqui sugeridas. Pode-se elencar os seguintes tipos de aprendizagens ativas:

- Sala de Aula Invertida: Em um ambiente em que são utilizadas metodologias tradicionais o professor é o único detentor de conhecimento e por esse motivo precisa apresentar os conceitos/novos conteúdos antes de apresentar qualquer atividade. No contexto da Sala de Aula Invertida, os alunos buscam os conteúdos por meio de pesquisa para resolver um questionamento ou para promover um debate ou seminário, então o professor resgata os conteúdos estudados anteriormente a sala de aula e pode nivelar os conhecimentos de todos e até mesmo ampliar. Essa técnica vai requerer do aluno autonomia e responsabilidade, pois precisará cumprir os prazos conseguindo contribuir com a realização da técnica proposta. Ao mesmo tempo em que irá requerer do professor um aprofundamento maior no assunto, pois poderão surgir questionamentos mais amplos, como também poderão aparecer informações sem cunho científico.

Para Bacich e Moran (2018), depois que os estudantes desenvolvem o domínio básico de leitura e escrita nos primeiros anos do ensino fundamental, podemos inverter o processo: as informações básicas sobre um tema ou problema podem ser pesquisadas

pelo aluno para iniciar-se no assunto, partindo dos conhecimentos prévios e ampliando-os com referências dadas pelo professor (curadoria) e com as que o aluno descobre nas inúmeras oportunidades informativas de que dispõe.

- Aprendizagem Baseada em Problemas: É um método de aprendizagem que desperta no aluno a curiosidade motivando-o a mobilizar seus conhecimentos para a resolução de um determinado problema. O termo surgiu na década de 1960, PBL, do inglês *problem-based learning* e no Brasil já é conhecido como ABP, aprendizagem baseada em problemas.

A aprendizagem baseada em problemas, de forma ampla, propõe uma matriz não disciplinar ou transdisciplinar, organizada por temas, competências e problemas diferentes, em níveis de complexidade crescentes, que os alunos deverão compreender e equacionar com atividades individuais e em grupo (BACICH, MORAN; 2018, P.16).

O problema utilizado como recurso metodológico deve ter as seguintes características: a) O tema e o nível de complexidade de ser compatível com o conhecimento prévio do aluno; b) Apresentar dicas e sugestões para que o aluno identifique pontos de partida ou seja possibilidades de resolução a partir de sua pesquisa; c) Apresentar enunciado claro e objetivo, evitando que o aluno perca o foco desmotivando o estudo; d) Possibilite que o aluno mobilize e articule todos os seus conhecimentos.

- Aprendizagem Baseada em Projetos: Tem como objetivo promover a aprendizagem por meio de interação e partilha de conhecimento a partir de um desafio gerado no contexto do conteúdo apresentado. Dessa forma os alunos trabalham em grupo para a solução de um problema fazendo perguntas instigantes, investigando por meio de pesquisa para propor soluções e por vezes gerar inovação. Essa técnica de aprendizagem ativa permite uma avaliação formativa e também a valorização do produto resultante por meio de apresentação (SENAC, DEPARTAMENTO NACIONAL, 2018).

Para Bacich e Moran (2018), por meio dos projetos, são trabalhadas também suas habilidades de pensamento crítico e criativo e a percepção de que existem várias maneiras de realizar uma tarefa, competências necessárias para o século XXI. Os alunos são avaliados de acordo com o desempenho durante as atividades e na entrega dos projetos.

- Aprendizagem Baseada em Casos: Consiste em utilizar eventos reais ou que poderiam ser reais, envolvendo situações problemas mobilizando os alunos para que analisem o

contexto e as circunstâncias possíveis soluções. Os estudos de casos geralmente apresentam mais que uma solução possível (SENAC, DEPARTAMENTO NACIONAL, 2018).

Os casos são constituídos ou selecionados a partir dos conhecimentos ou habilidades que precisam ser mobilizados, ampliados ou adquiridos. Os professores podem apresentar os casos de forma simples ou complexa e neles podem conter figuras, tabelas ou gráficos subsidiando a análise dos alunos.

- Aprendizagem Baseada em Jogos e “Gamificação”: Nesta abordagem o professor utiliza-se de jogos lúdicos com finalidades educacionais. Estes jogos podem ser físicos ou digitais, também há a possibilidade do professor ou os alunos criarem seus próprios jogos, o que deve prevalecer é a intencionalidade para sua utilização e como em todos os jogos deve haver regras claras que os jogadores precisam cumprir. É importante que haja graus de dificuldades para serem vencidos, níveis que possam ser superados, gerando desafios (SENAC, DEPARTAMENTO NACIONAL, 2018).

Dentre todos os jogos possíveis para adaptação educacional, os mais utilizados e que mais atendem a modalidade de ensino voltada para a qualificação profissional são os jogos empresariais. Estes jogos consistem em simular situações que ocorrem dentro das empresas, fazendo com que os jogadores assumam papéis previamente definidos e precisando tomar decisões.

O mercado apresenta uma infinidade de games para diversas idades e conteúdos pedagógicos. Para Simão (2017), o importante é criar um processo onde o professor pesquise games que vão de encontro aos seus objetivos pedagógicos. Alguns tipos se inserem de forma mais fácil para determinados conteúdos, como RPG, ótimo para ensino de idiomas, para temas transversais como sustentabilidade e empreendedorismo, e para temas da área de Humanas.

A partir da aplicação dos jogos o professor consegue observar o aprendizado dos alunos frente ao conteúdo, bem como perceber quais competências cognitivas e sócio emocionais foram desenvolvidas ou precisam ser mais bem trabalhadas.

Na visão de Sanches (2017), existe um problema capital, sempre ignorado, que é o da necessidade de promover o conhecimento capaz de apreender problemas globais e fundamentais para neles inserir os conhecimentos parciais e locais. É preciso ensinar os métodos que permitam estabelecer as relações mútuas e as influências recíprocas entre as partes e o todo em um mundo complexo.

2.6 MINDSET

A capacidade humana de desenvolvimento cognitivo é sem dúvidas infinita e se faz necessária a compreensão de como o ser humano pensa, sente e age. O conhecimento existente no inconsciente desenvolvido através das diversas experiências ao longo do tempo pode gerar resultados na realidade humana baseados na escassez ou na abundância. Percebe-se que o resultado está associado ao condicionamento mental que o indivíduo desenvolve (PONTES, 2018).

A teoria do Mindset é resultado de anos de pesquisa da professora de psicologia, especialista em sucesso e motivação Carol S Dweck, ph.D, da Universidade de Stanford nos Estados Unidos. Ela estudou durante décadas para desenvolver esse conceito e assim, teve como objetivo explicar para a sociedade a teoria de como aprender a ter mais assertividade e sucesso em suas vidas.

O Mindset ou atitude mental, define o modo como se encara a vida, a mentalidade, a construção do modelo mental que representa as ações e atitudes. Mentalidade é basicamente uma crença ou um sistema de crenças. Conforme filtra-se tudo através das crenças, cria-se a percepção e os pensamentos que moldarão as decisões, os sentimentos e comportamentos (PONTES, 2018).

As crenças configuram a mente conforme moldam a percepção e a perspectiva. Entretanto, a maioria das crenças não produzem clareza de visão ou precisão de pensamentos, geralmente elas dificultam e impedem de se ver a realidade que de fato se apresenta (GEORGE, 2017).

Conforme apontado por Dweck (2017), o mindset não é simplesmente um traço de personalidade, mas sim, a relação que se estabelece com o trabalho, com outras pessoas, a forma como se educa os filhos e como se alcança sucesso, como percebe-se o mundo e como faz-se as escolhas que são norteadoras para superação e mudança.

Com o mindset fica mais claro para se perceber como as crenças pessoais impactam nas respostas que se dá frente aos desafios e oportunidades vislumbrados. O mindset mostra o modo otimista ou pessimista de enxergar diversas situações da vida e de como se portar diante delas (PONTES, 2018).

Nessa perspectiva é importante entender a diferença entre os conceitos de mindset fixo e mindset de crescimento. Como se encara os fatos que se apresentam durante a vida, como se lida com os objetivos traçados, o propósito norteador que baliza a missão e razão de existir, pois dependendo de como maneja-se isso tudo, pode-se alcançar o sucesso ou não.

A atividade mental fixa é aquela que faz com que os indivíduos acreditem que se não nascem com determinadas capacidades e dons, naturalmente, também não podem desenvolvê-los ao longo do tempo. Geralmente, as pessoas entendem que a inteligência que possuem é colocada em julgamento a todo momento e assim é gerada a insegurança em relação a isso. Essa tendência de não engajar impede que essa pessoa adquira novos conhecimentos que considera estarem em um nível de dificuldade maior do que ela pensa que é capaz. Tanto no âmbito profissional como no pessoal, quem tem a mentalidade mais fixa demonstra mais pensamentos negativos e tem a inclinação de ficar estagnado e desmotivado diante de situações complicadas que fogem do comum (DWERCK, 2017).

O segundo tipo de mentalidade é chamado de progressiva ou de crescimento. Ao contrário da mentalidade fixa, as pessoas com esse tipo de pensamento acreditam que seus talentos e habilidades podem ser desenvolvidos, desde que elas sejam pacientes, focadas, esforçadas e dedicadas. Um indivíduo com esse mindset tem a aptidão para transformar a dificuldade em uma oportunidade de aprender e evoluir. Se ele errar, não tem problema, pois acredita que é possível assimilar novos conhecimentos com o que não deu certo. O importante é enxergar os pontos positivos do processo e entender como corrigir os pontos negativos. Os profissionais com este perfil são aqueles que estão destinados ao sucesso, pois buscam vencer suas limitações e aprimorar seus conhecimentos diariamente (DWERCK, 2017).

Conforme o psicólogo Goleman, (2012), a sustentação e configuração dos modelos mentais são a maneira pela qual os seres humanos organizam e dão sentido às suas experiências. Assim é possível compreender que o comportamento é condicionado por modelos mentais.

É importante ressaltar que uma pessoa não apresenta apenas um tipo de mindset em todos os aspectos de sua vida. Os mindsets variam conforme a situação, e em cada área da vida é comum ter a predominância de um tipo, nem sempre o mesmo. Não há uma classificação de um tipo de mindset como sendo o correto ou o errado, mas é possível perceber que o mindset de crescimento é aquele que possibilita mais êxito e que contribui de forma crucial para o desenvolvimento de um indivíduo (DWERCK, 2017).

Segundo Dwerck (2017), para haja transformação e aprimoramento pessoal e profissional, é preciso conhecer a própria mentalidade e mudá-la se necessário, pois o modo como se constrói o pensamento sobre as situações determina as ações e, conseqüentemente, determina a avaliação se as conseqüências destas atitudes serão interpretadas como negativas, neutras ou positivas

2.7 GESTÃO DE PESSOAS NA EDUCAÇÃO

Considerando que todo o referencial e objetivos da educação estão intimamente direcionados ao ser humano e que os recursos mais importantes de uma organização são as pessoas, estudar a sua gestão é uma prática quase que inevitável para qualquer empresa, sobretudo as de educação, uma vez que cada ser humano possui habilidades, pretensões, atitudes, valores, motivações e comportamentos próprios, que podem de certa forma influenciar no clima organizacional como um todo e desta forma, na qualidade do ensino ofertada (PEDRO, OLIVIERI, 2008).

A gestão de pessoas está intimamente ligada ao clima organizacional, uma vez que este fator poderá determinar a vontade dos membros da equipe em participar (em diversos níveis) ou adotar a opção de alienar-se ou criar resistência ao processo de evolução educacional e assim, dificultar o desenvolvimento de novas práticas e ações relacionadas as mudanças e inovações educacionais (MANSANO, 2010).

Por isso, gestão de pessoas refere-se ao conjunto de políticas e práticas definidas de uma organização para orientar o comportamento humano e as relações interpessoais estabelecidas no ambiente de trabalho. Assim, as ações exercidas compreendem desde a atração dos melhores profissionais possíveis e incluem seu desenvolvimento, retenção, potencialização e motivação para desempenhar suas funções. As empresas e instituições que possuem essa expertise entre suas políticas internas são aquelas que formam profissionais mais bem qualificados e motivados para desempenhar suas funções (ZANELLI, SILVA, 2015).

Fundamentalmente, a vitalidade da escola, na promoção de educação de qualidade, centra-se na competência das pessoas que a compõem e realizam o seu fazer pedagógico e em sua determinação em promover ensino de qualidade voltado para a formação e aprendizagem dos alunos (LUCK, 2007).

Educar é estimular a busca do conhecimento e aperfeiçoamento, elevar, despertar a consciência e ainda, facilitar o progresso integral de cada indivíduo. Esse conjunto de capacidades é que faz impulsionar o crescimento, a criatividade e o desenvolvimento. Portanto, cabe à instituição, o desenvolvimento de habilidades para recrutar, treinar e manter os professores bem qualificados e motivados a utilizar novas práticas e atualizar seus conhecimentos constantemente em busca de melhorias em seus métodos e atuação (LUCK, 2009).

Segundo Gadotti (1991), a educação é obra transformadora, criadora. Para criar é preciso mudar, perturbar, modificar a ordem existente. Ensinar alguém a progredir, significa modificá-lo. Por isso, a educação é um ato de desobediência e de desordem, de desconstrução e reconstrução. Desordem em relação a uma ordem dada, uma pré-ordem.

A capacitação profissional é um aspecto importante a ser considerado na gestão de pessoas. Tal fato é ainda mais significativo na escola, por esta ser uma instituição onde se desenvolve “a aprendizagem como um valor e um modo de ser e de fazer de todos” (LÜCK, 2009). A autora, aborda essa questão, afirmando que “a capacitação profissional se constitui em processo sistemático e organizado de promoção do desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias para o correto exercício de atividades intelectuais e profissionais” (LÜCK, 2009, p.88).

Para isso, ao se realizar um trabalho com pessoas, é necessário entender um pouco do comportamento humano e conhecer os vários sistemas e práticas disponíveis, que auxiliam na construção de uma força de trabalho qualificada e motivada. Sendo em parte intangível, o capital humano não pode ser gerenciado da mesma maneira que as empresas gerenciam tecnologias, produtos e cargos/salários. Porém para formar esse capital, as instituições e seus gestores precisam desenvolver estratégias que possam garantir um profissional em sua equipe com habilidades, conhecimentos, atitudes e experiências (CHIAVENATO, 2006).

Tratar de Gestão de Pessoas no âmbito educacional, apesar de atualmente discutir-se muito sobre o assunto, ainda não se tornou uma prática efetiva nas diversas áreas da educação. Verifica-se esse déficit principalmente na escola, que é uma instituição tradicional por natureza, onde encontra-se uma hierarquia administrativa, prevalecendo o gerenciamento de regras, na maioria das vezes não compartilhadas com toda a equipe pedagógica (BOURDIEU, 2011).

Para o bom desenvolvimento das habilidades dos protagonistas do processo educacional, a escola enquanto empresa e enquanto instituição social necessita obter um modelo de gestão que considere as pessoas que nela atuam como seu principal diferencial, buscando transformá-las em agentes efetivos e disseminadores do conhecimento e assim, do profissionalismo (DURKHEIM, 2011). Segundo Mansano (2010), a instituição deverá estimular a adoção de atitudes proativas alinhadas aos tempos de mudanças, onde as pessoas antecipem os problemas e quando eles aparecerem, saibam resolvê-los com desenvoltura e eficácia, tomando decisões assertivas.

Desta forma, constata-se que a gestão de pessoas favorece, inegavelmente, o desenvolvimento do ato criativo e da reciprocidade em ensinar e apreender os conteúdos

explorados, formando-se uma rede de compartilhamento que propicia ambientes saudáveis onde se promovem as satisfações profissional e pessoal, além da motivação de todos.

2.8 TREINAMENTO E DESENVOLVIMENTO DE PESSOAS

Vive-se em uma sociedade de aprendizagem e mudanças rápidas e constantes. É uma de suas características principais é a multiplicação dos contextos de aprendizagens e suas metas (ABBAD, BORGES-ANDRADE, 2004).

A demanda de uma aprendizagem constante e diversa é consequência também do fluxo de informações constantes ao qual se está submetido. As mudanças na cultura do aprender e na formação profissional nos últimos tempos estão ligadas historicamente ao desenvolvimento de novas tecnologias e informações (CARVALHO, 2017).

As ações de treinamento, desenvolvimento ou qualificação do profissional ocupam um dos papéis fundamentais no conjunto de práticas que estão incluídas no rol de atividades compreendidas a gestão de pessoas em contextos organizacionais. Desta forma, seus impactos, são fundamentais tanto para os ajustes indivíduo-trabalho que se traduzem em diferenças em desempenhos individuais e coletivos quanto para as relações entre organizações e seus contextos, garantindo-lhes, ou não, um ambiente que promova qualidade e produtividade (BORGES-ANDRADE, ABBAD, MORÃO, 2007).

As empresas e instituições que possuem essa expertise entre suas políticas internas são aquelas que formam profissionais mais bem qualificados e motivados para desempenhar suas funções. O capital humano das organizações passou a ser visto como algo vital para seu sucesso, sendo este o diferencial competitivo das organizações bem-sucedidas e para isto, estas organizações precisam estar constantemente preparadas para os desafios das inovações (VOLPE, LORUSSO, 2009).

Por isso, tornou-se tão necessário para as organizações o incentivo e investimento aos projetos e programas de treinamento e desenvolvimento das pessoas devido as profundas transformações tecnológicas, econômicas, políticas e sociais que caracterizam o cenário atual (POZO, 2014).

Por meio do treinamento e desenvolvimento, a pessoa pode assimilar informações, aprender habilidades, desenvolver atitudes e comportamentos diferentes e desenvolver

conceitos abstratos (VOLPE, LORUSSO, 2009). Portanto, para Pilati (2016), um dos maiores interesses da área de treinamento e desenvolvimento consiste em ampliar e desenvolver tecnologias para tornar-se mais produtivo e eficiente o processo de aprendizagem e assim, o desenvolvimento, a aquisição e retenção de novos conceitos, habilidades, atitudes e a promoção de novos hábitos.

No entanto, a realização de treinamento não pode ser confundida como a simples realização de cursos que transmitem novas informações. Treinar significa atingir o nível de desempenho desejável pela organização por meio do desenvolvimento contínuo das pessoas que nela atuam e para isso, é necessária uma cultura organizacional favorável ao aprendizado e comprometida com as mudanças (SALORENZO, 2015).

O treinamento e desenvolvimento é uma experiência que produz uma mudança relativamente permanente em um indivíduo em que melhora sua capacidade de desempenhar uma determinada função de acordo com os objetivos traçados. Envolve uma mudança de habilidades, conhecimentos, atitudes e comportamentos. Interferem também, naquilo que os indivíduos conhecem, em como eles trabalham, em suas atitudes perante o seu trabalho ou em suas interações com seus colegas e alunos (VOLPE, LORUSSO, 2009).

Desta forma, o professor que passa por um bom treinamento adquire novos hábitos, amplia seus conceitos e muda sua mentalidade e percepção sobre seu trabalho e principalmente sobre sua forma de atuar e ensinar agregando valor ao seu trabalho e desempenho.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa, além de ser uma via para a construção de conhecimento e informações, é base para o progresso humano no mundo científico, tecnológico e cultural (MOTTA, 2011).

Para Becker (2012), fazer pesquisa, entre as variáveis, é defender uma ideia, fundamentando-a com bibliografias e dados extraídos do mundo real e, ou das páginas que são constatações já existentes. É também fazer consultas através de questionários, entrevistas, observações, implicações, comprovações, estando pessoas relacionadas ao mesmo tempo para mostrar através de gráficos as análises e interpretações dos resultados obtidos com a pesquisa. É buscar novas informações a partir das já existentes e cruzar conhecimentos. É olhar para o mundo e perceber o "novo".

Desta forma, esta pesquisa se caracteriza como descritiva e exploratória. Segundo Hair Jr (et al. 2005, p.86):

pesquisas descritivas em geral são estruturadas e especificamente criadas para medir as características descritas em uma questão de pesquisa. As hipóteses derivadas da teoria, normalmente servem para guiar o processo e fornecer uma lista do que precisa ser mensurado. (HAIR JR, et al 2005, p.86)

Já para Cooper (2011, p. 154): “O estudo descritivo mais simples se refere a uma questão ou hipótese uni variada na qual perguntamos ou declaramos algo a respeito do tamanho, forma, distribuição, ou existência de uma variável”.

A pesquisa exploratória é uma investigação realizada em área na qual há pouco conhecimento acumulado e sistematizado. A mesma não comporta hipóteses que poderão surgir durante ou ao final da pesquisa (VERGARA, 2014).

Pesquisas exploratórias têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com determinado problema, com o intuito de torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Seu planejamento tende a ser bastante flexível, pois interessa considerar os mais variados aspectos relativos ao assunto estudado (GIL, 2010).

3.2 TÉCNICA DE COLETA DE DADOS

Para a obtenção dos dados, utilizou-se a técnica de levantamento ou *survey* no qual os dados foram obtidos por meio de aplicação de dois questionários estruturados com perguntas

fechadas, sendo um direcionado aos docentes do programa Jovem Aprendiz e o outro direcionado aos alunos que participam deste programa.

Segundo Hair Jr (et al. 2005, p.157), o levantamento é

um procedimento para a coleta de dados primários a partir de indivíduos. Os dados podem variar entre crenças, opiniões, atitudes e estilos de vida até informações gerais sobre a experiência do indivíduo, tais como gênero, idade, educação, e renda, bem como as características de uma empresa, como lucro e número de funcionários (HAIR JR, 2005, p.157).

De acordo com Gray (2012, p.179)

uma pesquisa de levantamento é uma descrição quantificada e detalhada de uma população, um mapa preciso ou uma mensuração precisa de um potencial. As pesquisas de levantamento envolvem a coleta sistemática de dados, seja por meio de entrevistas, questionários ou métodos de observação, de forma que a padronização tem importância central nas pesquisas de levantamento. (GRAY, 2012, p.179).

A pesquisa contou com a participação de 32 docentes e 333 alunos que responderem a um questionário online via plataforma do google formulários, os quais foram enviados para os e-mails dos respectivos participantes. O período de envio contemplou os dias 25 a 29 de março de 2019. O questionário enviado para os docentes consta no anexo A e o questionário enviado aos alunos consta no apêndice B.

3.3 FORMA DE ANÁLISE DOS DADOS

Após a coleta dos dados a fase seguinte da pesquisa foi a análise dos dados colhidos junto aos participantes. Para Gil (2010), a análise tem como objetivo sumarizar e organizar os dados de tal forma que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para a investigação.

Ao analisar os dados obtidos pode-se perceber que se trata de uma pesquisa com dados quantitativos pois, Richardson (1999), afirma que a pesquisa quantitativa é realizada através da quantificação, tanto nas modalidades de coleta de informações quanto no tratamento das mesmas através de técnicas estatísticas.

Para Mattar (2001), a pesquisa quantitativa busca a validação das hipóteses mediante a utilização de dados estruturados, estatísticos, com análise de um grande número de casos representativos, ela quantifica os dados e generaliza os resultados da amostra para os interessados.

4 CONTEXTUALIZAÇÃO E RESULTADOS

4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Em âmbito nacional, o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC, criado pelo Decreto-lei Nº. 8.621/46 em 10 de janeiro de 1946 (BRASIL, 1946), é uma Instituição de Ensino, de Direito Privado, sem fins lucrativos, administrada pela Confederação Nacional do Comércio e que oferece serviços de educação profissional em todo território nacional. A instituição tem marcante atuação em todas as Unidades da Federação, reconhecida pela sua competência na oferta da Educação Profissional. A credibilidade de sua marca está pautada na vinculação entre educação profissional e trabalho, aliando teoria e prática de forma interativa em uma gestão por resultados, com flexibilidade e autonomia, garantindo uma ação institucional criativa, audaciosa e em constante crescimento e aperfeiçoamento.

O Departamento Nacional do Senac – DN, situado no Rio de Janeiro, tem a responsabilidade de determinar as diretrizes educacionais e políticas institucionais para o Sistema, bem como, a disseminação de tecnologias. Faz de forma participativa, e para isso, orienta no atendimento das particularidades de cada Departamento Regional – DR, com área de abrangência em cada Estado da Federação.

O ano de 1948 ficou marcado na história de Santa Catarina com a Criação do Conselho Regional do Senac no estado. Desde então, empresários do comércio de bens, serviços e turismo e o povo catarinense desenvolveram suas habilidades profissionais por meio dos cursos e atividades realizadas pelo Senac em Santa Catarina.

A administração Regional do Estado de Santa Catarina, Instituição Mantenedora das Unidades Educacionais do Senac do Estado, possui mecanismo permanente na articulação com o setor de comércio, bens, serviços e turismo tendo a participação de empresários, entidades de classe e representantes sindicais na forma do Conselho Regional e do Conselho Consultivo, mantendo estreito vínculo com as principais demandas de desenvolvimento da região. A Administração Regional tem como órgão executivo o Departamento Regional (DR), com jurisdição em todo o Estado de Santa Catarina.

Instituição de ensino de direito privado, sem fins lucrativos, com atuação reconhecida em todo o estado de Santa Catarina, o Senac/SC tem como base trabalhar o desenvolvimento e possibilitar que cada aluno adquira as competências necessárias para ingressar e/ou se manter no mercado de trabalho, cada dia mais competitivo.

Com foco no desenvolvimento de competências, o Senac/SC assumiu posição de destaque no cenário empresarial, sendo uma das instituições mais expressivas no setor educacional.

Com um crescimento anual significativo, o Senac/SC tem consolidado e confirmado seus projetos desenvolvidos. Um dos fundamentos dessa expansão é a busca constante pela excelência de seus produtos e serviços, essencial para o estabelecimento e a manutenção da qualidade na relação com seus clientes.

O Senac Santa Catarina possui uma estrutura física de aproximadamente 45.000 m² de área construída e um corpo funcional com mais de 2.375 colaboradores. As atribuições do Departamento Regional, bem como sua organização administrativa, estão definidas no Regimento da Administração Regional. Esse regimento trata da organização administrativa por isso as diretrizes escolares estão orientadas nos documentos de mapeamento na Gestão de Processos.

O Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial tem por missão: Educar para o trabalho em atividades do comércio de bens, serviços e turismo. Por visão: Ser a Instituição brasileira que oferece as melhores soluções em educação profissional, reconhecida pelas empresas. Seus Valores definidos são: Transparência; Excelência; Inclusão social; Inovação; Atitude empreendedora; Desenvolvimento sustentável e Educação para a autonomia.

Atendendo aos dispositivos da Lei da Aprendizagem - Lei 10.097/2000 e regulamentada pelo Decreto 5.598/05, que tratam da obrigatoriedade das empresas de contratarem jovens aprendizes, o Senac oportuniza por meio do Programa Senac de Gratuidade a formação de jovens nas idades entre 14 e 24 anos por meio do Programa Senac de Aprendizagem Profissional Comercial.

O principal objetivo do Programa é promover a inclusão social e profissional, oferecendo formação técnico-profissional para o jovem, auxiliando-o para conseguir o primeiro emprego, haja visto, a dificuldade encontrada por essa população de pouca idade e sem experiência ao tentar se inserir no mundo do trabalho.

A Faculdade Senac de Blumenau em parceria com as empresas do seguimento do comércio, bens e serviços ofertam o Programa de Aprendizagem desde o ano 2012, e os cursos ofertados são: Aprendizagem Profissional Comercial Serviços de Vendas; Aprendizagem Profissional Comercial em Serviços Administrativos e Aprendizagem Profissional Comercial em Serviços de supermercados.

O Programa Senac de Aprendizagem propicia aos aprendizes competências voltadas à profissionalização e à cidadania, a partir da compreensão das características do mundo do

trabalho e de seus fundamentos técnico-científicos. Este programa de qualificação prevê a realização de atividades teóricas e práticas dividindo o tempo do jovem entre o ensino regular, o curso de qualificação no Senac e a prática profissional na empresa. A organização do Senac e das empresas parceiras são definidas da seguinte forma: as aulas são ministradas duas vezes por semana no período matutino ou vespertino nas dependências do Senac e três vezes por semana o jovem vai para empresa e podendo colocar em prática os conhecimentos adquiridos no curso.

No momento da realização da pesquisa a Faculdade Senac de Blumenau estava com vinte turmas do Programa Senac de Aprendizagem Profissional Comercial em andamento, cada turma composta por uma média de 30 alunos, resultando no total 632 alunos. Para garantir a execução dos cursos, são disponibilizados 39 colaboradores diretos, sendo 2 pedagogos, 2 analistas de eixo que coordenam o curso e supervisionam a atividade prática junto às empresas, 1 assistente educacional e 35 professores. No entanto é preciso salientar que há uma equipe muito maior de profissionais que atuam indiretamente para garantir a oferta do curso e a manutenção de equipamentos e infraestrutura necessária para a realização das aulas.

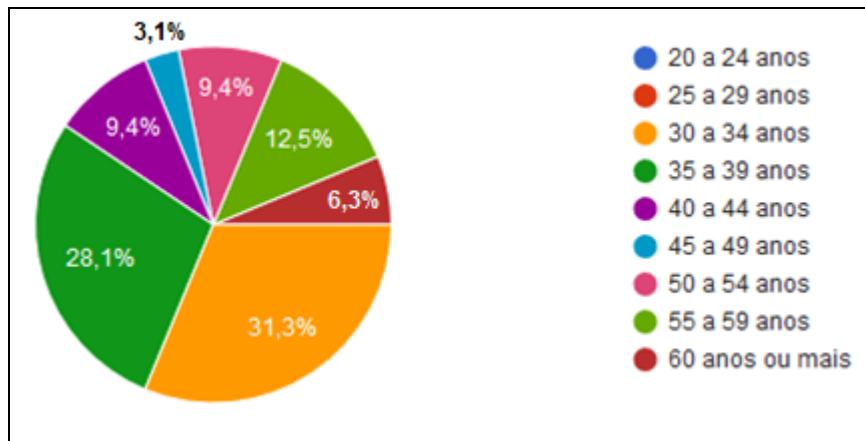
4.2 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE CRÍTICA DOS RESULTADOS

4.2.1 Pesquisa realizada com os PROFESSORES

A modalidade de ensino Programa Jovem Aprendiz do SENAC- Blumenau, possui atualmente 32 professores para ensino dos alunos e para estes foi aplicado um questionário buscando identificar conhecimento, uso e opinião acerca das metodologias ativas, bem como buscar identificar a visão do profissional sobre a instituição e os incentivos existentes. Todos os professores participaram do questionário aplicado através da ferramenta Google Forms, onde foram identificados os dados abaixo expostos nos gráficos a seguir.

A seguir apresenta-se o gráfico 1, que refere a idade dos professores respondentes desta pesquisa:

Gráfico 1 - Idade dos Professores.



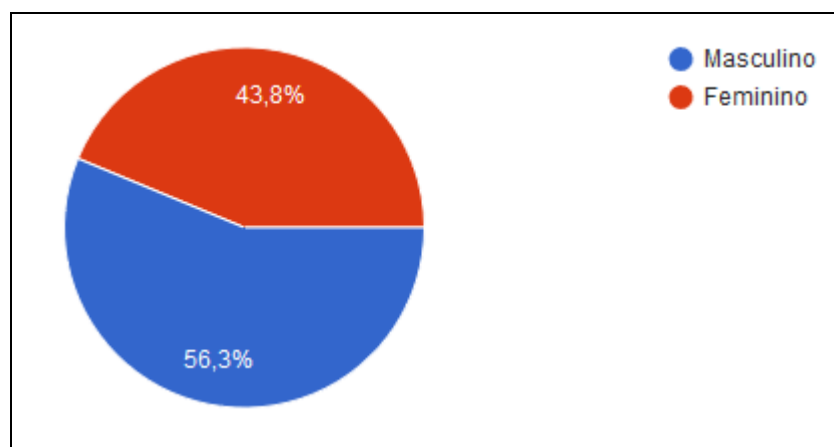
Fonte: Os autores (2019).

Com relação a faixa etária, a maioria dos pesquisados encontra-se entre os nascidos entre 1980 e 1988, ou seja, com faixa etária entre 30 a 39 anos. Apesar disto, é importante notar que há muitos professores com 55 anos ou mais, cerca de 18,8% que também contemplam o quadro de profissionais da instituição.

Este dado é importante, uma vez que os alunos estão expostos a vivências e ensinamentos de professores nascidos em diferentes épocas, que trabalham com abordagens diversas e que tiverem contato com várias teorias e assim, os alunos durante seu curso tem a possibilidade de entrar em contato com essa diversidade de conhecimento durante o seu processo de aprendizagem.

O gráfico 2 a seguir, expressa a distribuição do gênero dos professores participantes:

Gráfico 2 – Gênero dos participantes.



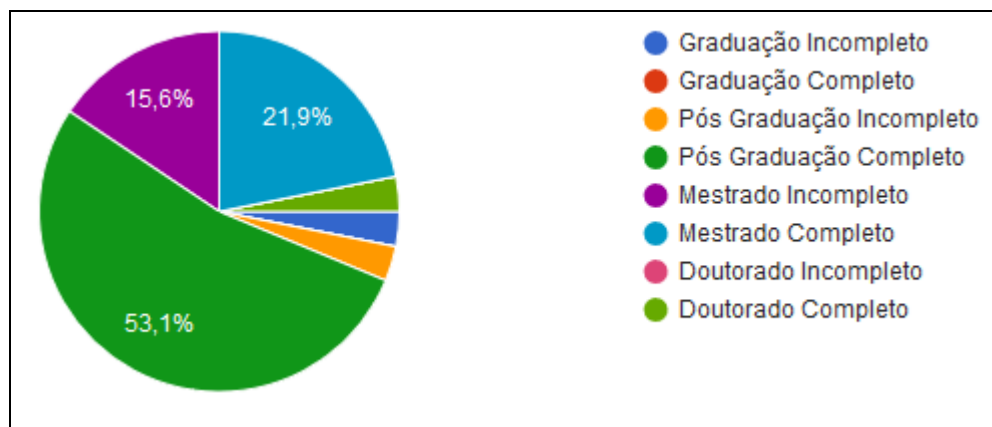
Fonte: Os autores (2019).

Os diversos estereótipos atribuídos aos gêneros moldam, definitivamente, o significado atribuído às ocupações e às carreiras, pois é comum o entendimento de que há carreiras mais afeitas às mulheres e carreiras propriamente masculinas (CADERNOS DO GEA, 2014).

No entanto, é possível identificar que entre os professores pesquisados, não há muita diferença neste dado pois, há uma pequena variação de gênero dos professores atuantes no programa Jovem Aprendiz onde 56,3% são homens e 43,8% são mulheres.

Dando continuidade aos dados obtidos, o Gráfico 3 a seguir, apresenta o grau de escolaridade dos Professores participantes desta pesquisa.

Gráfico 3 – Escolaridade dos Profissionais.



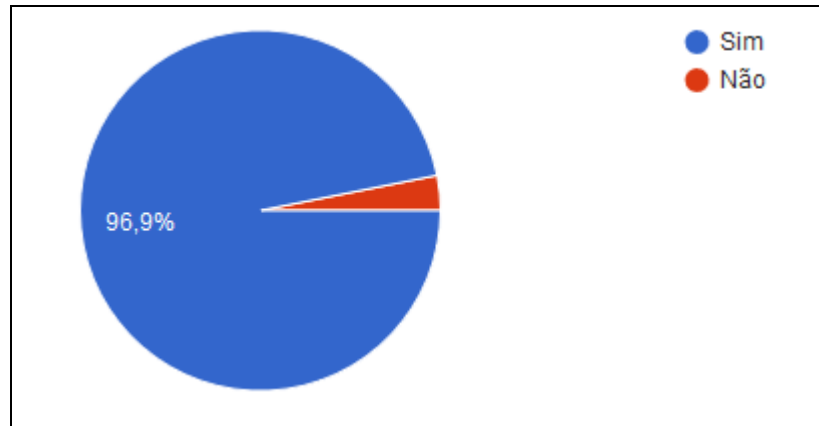
Fonte: Os autores (2019).

A escolaridade dos professores possui influência sobre a qualidade do ensino entregue aos alunos em sala de aula uma vez que, para Santos (2010), apesar de limitada por um programa, um conteúdo, um tempo predeterminado, normas internas e pela infraestrutura da instituição, é a interação entre o professor e o aluno que vai dirigir o processo educativo.

Quando questionado aos professores referentes a sua escolaridade, foi identificado que em sua maioria os professores possuem nível de Pós-graduação completo 53,1%, o que é interessante, dado a carga horária de estudo que o profissional teve ao longo de sua vida.

No Gráfico 4 abaixo, consta os dados obtidos sobre o conhecimento dos professores no que se refere as metodologias ativas.

Gráfico 4 – Conhecimento dos professores sobre Metodologias Ativas.



Fonte: Os autores (2019).

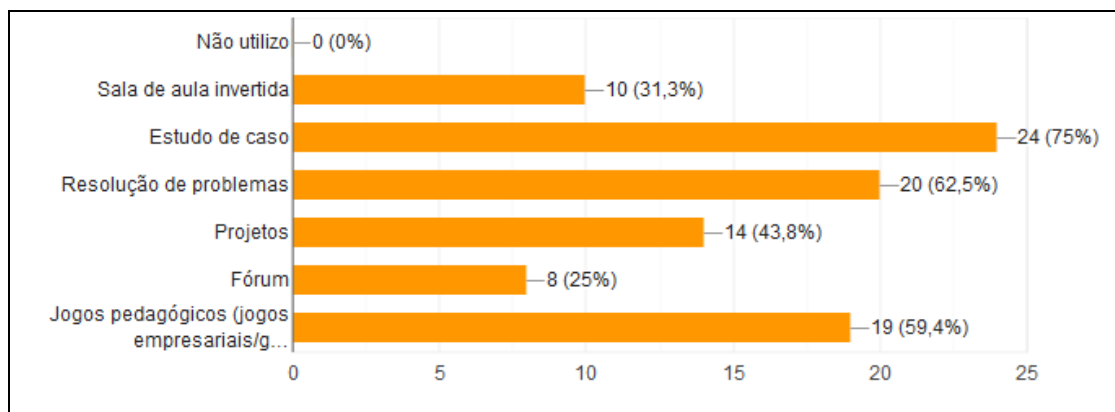
Entre os pesquisados, a grande maioria destes, 96,9% alega ter conhecimento sobre as metodologias ativas, conforme apresentado no gráfico 4. O Senac tem participação nisto, uma vez que promove entre os professores processos de capacitações internas referentes ao tema.

Para Borges e Alencar (2014), nos dias atuais, há uma grande necessidade de que os docentes desenvolvam competências profissionais para preparar os estudantes numa formação crítico social. É preciso, portanto, substituir as formas tradicionais de ensino por metodologias ativas de aprendizagem, que podem ser utilizadas como recurso didático na prática docente cotidiana.

Assim o conhecimento sobre o assunto por parte dos professores representa um ponto importante na educação dos alunos do programa Jovem Aprendiz, uma vez que, estes possam a oportunidade de proporcionar a aplicação destas durante suas aulas.

Dando prosseguimento, o Gráfico 5 a seguir, refere-se sobre quais modelos de metodologias ativas os professores utilizam em sala de aula.

Gráfico 5 - Utilização pelos professores, em sala de aula, de metodologias ativas.



Fonte: Os autores (2019).

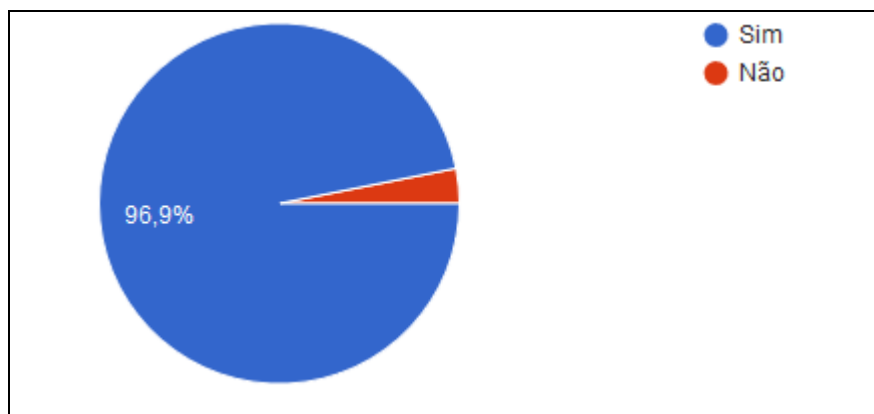
Para Bacich e Moran (2018), as metodologias ativas constituem alternativas pedagógicas que colocam o foco do processo de ensino e de aprendizagem no aprendiz, envolvendo-o na aprendizagem por descoberta, investigação ou resolução de problemas. [...] As metodologias voltadas para aprendizagem consistem em uma série de técnicas, procedimentos e processos utilizados pelos professores durante as aulas, a fim de auxiliar a aprendizagem dos alunos.

De acordo com o questionamento: “Você utiliza alguma metodologia ativa em sala de aula?”, os professores afirmaram que utilizam algum tipo de metodologia ativa, sendo que as estratégias mais utilizadas são: Estudo de Caso com 75%, Resolução de Problemas com 62,5% e Jogos pedagógicos/GBL-game-based learning com 59,4%, conforme apresentado no gráfico 5.

A aplicação de estratégias variadas para apresentação de conteúdo torna as aulas mais dinâmicas e interessantes, garantindo maior participação do aluno no processo de aprendizagem.

A seguir, apresenta-se os dados obtidos sobre a utilização pelos docentes, de recursos didáticos diferenciados em sala de aula:

Gráfico 6 - Utilização de recursos didáticos diferenciados em sala de aula.



Fonte: Os autores (2019).

O uso de materiais didáticos diferenciados tem como objetivo tornar a aula mais dinâmica e atrativa aos alunos presentes em aula, assim, seu uso tem grande importância para o desenvolvimento do ambiente de aprendizagem.

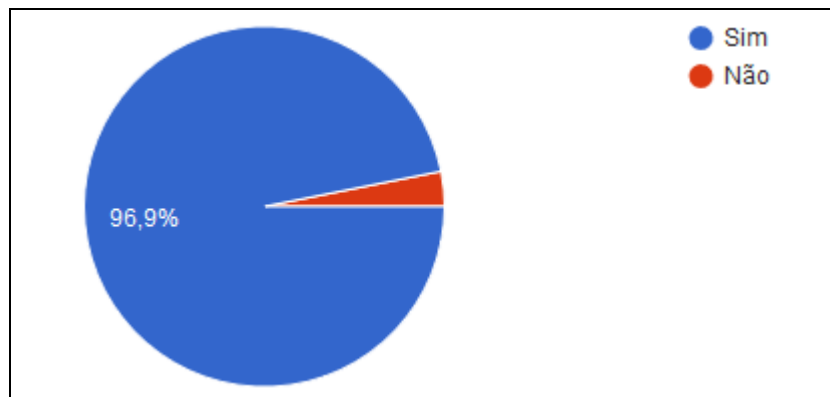
Ao questionar os professores sobre o uso destes, a maioria, ou seja, 96,9% informa que utiliza estes recursos durante suas aulas, conforme gráfico 6.

Castoldi e Polinarski (2009), comentam que, com a utilização de recursos didático-pedagógicos, pensa-se em preencher as lacunas que o ensino tradicional geralmente deixa, e

com isso, além de expor o conteúdo de uma forma diferenciada, fazer dos alunos participantes do processo de aprendizagem.

O Gráfico 7 a seguir, trata sobre o questionamento feito aos professores, se estes se sentem confortáveis ao utilizarem recursos variados durante suas aulas.

Gráfico 7 - Conforto dos professores ao utilizarem recursos variados durante as aulas.



Fonte: Os autores (2019).

Um ponto importante ao se preocupar além do uso de recursos diversos durante a aula, é se o professor se sente confortável com o uso destes em sala de aula uma vez que do contrário, sua utilização pode vir a afetar negativamente o desempenho do professor em sala e conseqüentemente a aprendizagem por parte do aluno. Entre os pesquisados, 96,9% responderam que se sentem confortáveis com o uso de recursos variados em suas aulas.

Para Moraes e Varela (2007), parte-se do pressuposto de que a desmotivação interfere negativamente no processo de ensino-aprendizagem, e entre as causas da falta de motivação, o planejamento e o desenvolvimento das aulas realizadas pelo professor são fatores determinantes.

Na questão 8 da pesquisa, foi questionado aos professores do programa Jovem Aprendiz se o local onde trabalham proporciona treinamento e desenvolvimento para a melhoria na qualidade do trabalho desempenhado e 87,5% dos professores responderam que sim e apenas 12,5% responderam não a essa pergunta.

Os professores que atuam no Programa Jovem Aprendiz não possuem formação em Licenciatura, são Bacharéis, com vasta experiência e atuação nas suas áreas no mercado de trabalho. Tornando imprescindível a formação continuada para esses profissionais atuarem em sala de aula, principalmente no que se refere às questões no âmbito didático.

A instituição tem a responsabilidade de promover uma formação contínua, oportunizando aos seus professores a reflexão crítica e contínua sobre sua prática, transformando-a em práxis. Enfim, é uma porta que se abre para infinitas possibilidades.

De acordo com Miranda (2012), é a formação que dá forma à ação. Mas o reclame que se faz, enquanto educadores é por uma formação que não “enforme”, isto é, que não se ponha em fôrma, nem se ensine a “enformar” os alunos; que vá além da informação e, assim, construa significações, que signifiquem ações, que deem sentido às atividades humanas. Tem-se buscado também uma formação que não haja conformismo, nem aos docentes, nem aos alunos, mas que sempre sobre as instigações e que estas instiguem ações. Esforça-se em exorcizar, também, uma formação que desenforme; e é sempre bem-vinda a formação que dê forma, no sentido de construção, de constituição, de sentidos aos ideais de transformação social aos quais a educação se ocupa.

Para os professores que responderam à questão 9: “O local que você trabalha disponibiliza material didático e tecnológico para sua atuação em sala?” 96,9% afirmaram que sim, ou seja, que isto está sendo assegurado. Portanto, o fator recurso didático não deve ser o empecilho para o desenvolvimento de atividades diversificadas em suas aulas.

A qualidade e diversidade dos materiais didáticos e tecnológicos disponibilizados para utilização em sala de aula aliados à formação dos professores garantindo o uso adequado favorecem no desenvolvimento da aprendizagem. Por meio desses recursos é possível desenvolver aulas mais dinâmicas e interativas, convidando o aluno a mobilizar e articular seus conhecimentos de forma prática, elevando-o à práxis.

De acordo com Luckesi (2011), o ensino-aprendizagem, para realizar-se de forma eficiente, necessita de recursos técnicos, ou seja, modos de fazer, que possibilitem oferecer aos educandos condições de efetiva aprendizagem do conteúdo do ensino, a fim de que o currículo efetivamente cumpra o seu papel de mediador no processo de formação do educando.

As salas de aulas em sua maioria são compostas por pessoas que apresentam histórias e culturas variadas, bem como formas de aprender diferentes. Neste contexto buscando a equidade é preciso oferecer recursos didáticos e tecnologias diversas, que garantam a aprendizagem de todos. A ação de ensinar só acontece de fato, se o que foi ensinado foi aprendido.

Quando questionados se consideram que os programas de treinamento e desenvolvimento oferecidos pela instituição favorecem e auxiliam no seu planejamento e

desempenho nas aulas 81,3% dos professores responderam positivamente e uma pequena parcela 18,8% destes responderam que não.

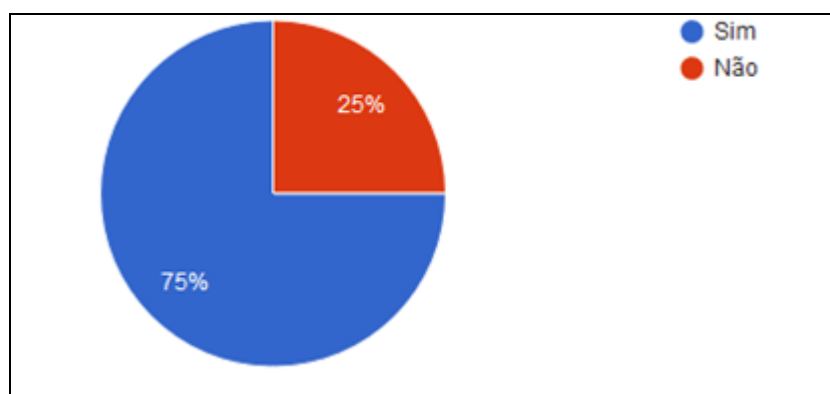
Quando se afirma que, para haver aprendizagem significativa para os alunos é preciso sondar sobre os conhecimentos prévios dos mesmos, a máxima também deve ser aplicada ao desenvolver programas de formação continuada para os professores.

Na elaboração da formação continuada é preciso considerar aspectos institucionais que são necessários para a continuidade da missão, visão e valores da instituição, e também abordar assuntos que os professores sintam necessidade em sua formação. A aproximação e o relacionamento empático estabelecido pela coordenação são primordiais para este diálogo.

Imbernón (2016) defende que, um dos objetivos prioritários da formação do professorado é a formação construtiva e crítica e a auto formação que conduz à autonomia, sua finalidade deveria ser o fortalecimento de modelos autônomos de trabalho. Isso não impede que, para ser consolidados, os modelos autônomos necessitem de referências técnico-práticas e de reflexão ou de alguém que os acompanhe. A autonomia não significa necessariamente caminhar sozinho. Alcançar a autonomia deve ser um objetivo prioritário na formação.

Dando prosseguimento aos dados obtidos nesta pesquisa, o Gráfico 8 a seguir, apresenta o resultado sobre a questão realizada aos professores sobre se estes se sentem satisfeitos com o material didático e tecnológico disponibilizado pelo seu local de trabalho.

Gráfico 8 - Satisfação com o material didático e tecnológico disponibilizado pela instituição.



Fonte: Os autores (2019).

Os professores do Programa de Aprendizagem foram questionados se estão satisfeitos com o material didático e tecnológico disponibilizado pela instituição e 75% respondeu sim e 25% não, conforme gráfico 8.

Para promover aulas interativas o professor na maioria das vezes precisa dispor de materiais didáticos e tecnológicos diversificados que auxiliem nas situações de aprendizagem planejadas. As instituições disponibilizam materiais que julgam atender as necessidades e expectativas docentes, mas nem sempre conseguem. A forma mais assertiva é conciliar as compras de materiais com o Plano de Trabalho Docente. No entanto, esta é uma mão de via dupla, pois prevê responsabilidade por parte do professor de entregar seu plano de trabalho com certa antecedência, tornando capaz a compra dos materiais adequados, bem como a contratação de recursos tecnológicos adequados.

Segundo o Documento Técnico do Modelo Pedagógico Senac (2015), o planejamento, função inerente à profissão docente, é uma forma de organizar as ações do processo de ensino e aprendizagem que serão desenvolvidas pelo docente. Envolve reflexão, tomadas de decisão e posicionamentos com base no perfil do profissional que se quer formar e na realidade que se apresenta em cada turma.

O papel do planejamento é, nesse sentido, propor e organizar as estratégias de aprendizagem de acordo com os objetivos do curso e os princípios educacionais da Instituição, de modo a orientar a prática docente e atender às necessidades educacionais dos alunos. Sua lógica de elaboração pressupõe o domínio dos elementos a serem tratados nas aulas, coerência com os resultados educacionais esperados, detalhamento das práticas educativas e, principalmente, previsão de flexibilidade e adaptação do próprio planejamento às características e interesses dos alunos. Essas propriedades sinalizam o quanto o planejamento se relaciona com a qualidade da oferta educacional (SENAC. DEPARTAMENTO NACIONAL, 2015).

Foi questionado também aos professores, se estes consideram suas aulas dinâmicas e interativas, e assim, 87,5% do grupo responderam positivamente.

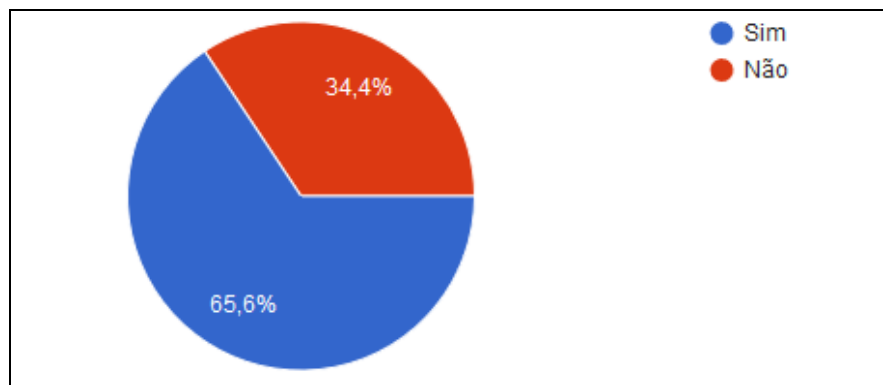
Aulas dinâmicas requerem dos professores conhecimento, planejamento e acima de tudo sensibilidade para promover situações de aprendizagem que contemplem a todos que fazem parte da classe.

Para Antunes (2012), o uso de diferentes situações de aprendizagem ao longo de um ano letivo não é procurada pelo professor porque se sente “empolgado” com novidades ou apenas porque essa alternância motiva muito a classe, mas, sobretudo, porque não existe possibilidade de se explorar o potencial inteligente dos alunos ou ensina-los a usar suas competências quando toda dinâmica da aula está centralizada em um discurso. Por essa razão, quando o professor sabe eleger um elenco de situações de aprendizagem que respondem os quesitos anteriores, seu trabalho fica mais fácil, o interesse de seus alunos por suas aulas

ganha dimensão excelente e sem dificuldade pode chegar ao binômio que expressa a grandeza de sua função e a realização em sua missão: amar o que se faz e compreender a quem se faz.

No Gráfico 9 abaixo, trata-se da questão realizada aos professores se estes utilizam mídias sociais para aprimorar ou ampliar estratégias para apresentar os conteúdos a serem trabalhados em sala de aula:

Gráfico 9 - Utilização de mídias sociais para aprimoramento dos conteúdos apresentados em sala de aula.



Fonte: Os autores 2019).

Para 65,6% dos entrevistados as mídias sociais podem aprimorar e até mesmo ampliar estratégias para apresentar os conteúdos que devem ser trabalhados, conforme gráfico 9.

Com os recursos disponíveis nas mídias, os professores podem oferecer possibilidades para que os alunos coloquem em prática os conteúdos que foram trabalhados, desenvolver seu senso crítico, aprimorando sua capacidade de selecionar conteúdos que sejam verdadeiros e agreguem valor a sua formação. Ao incorporar as tecnologias, ele torna as aulas mais atrativas e aproxima seu conteúdo as experiências cotidianas de seus alunos.

É preciso considerar o percentual de 34,4 % que não utiliza as mídias sociais para aprimorar e ou ampliar estratégias para apresentar os conteúdos a serem trabalhados em sala de aula. Isto pode ocorrer devido ao fato de pertencerem ao grupo de imigrantes digitais, que ainda não se sentem confortáveis em utilizar as tecnologias disponíveis. Para Imbernón (2016), evidentemente tem-se que introduzir as tecnologias do ensino quando se fala de alunos digitais, com professores e professoras imigrantes digitais ou nativos analógicos. Não se pode deixar desassistidas muitas crianças que, no futuro, terão de possuir um quadro de conhecimento tecnológico.

Foi questionado aos professores se eles acreditam que as redes sociais podem ser utilizadas como extensão da sala de aula ou um meio facilitador do processo de aprendizagem e 78,1% concordam com essa possibilidade.

Para Jáner (2018), as novas tecnologias não estão apenas transformando a maneira de aprender dos estudantes, estão mudando também o papel dos educadores, criando mudanças nas abordagens do ensino e remodelando a sala de aula. A aliança entre educação e tecnologia veio para ficar e se renova a cada dia, e com tantas ferramentas surgindo, as plataformas de apoio à aprendizagem têm papel fundamental nessa integração.

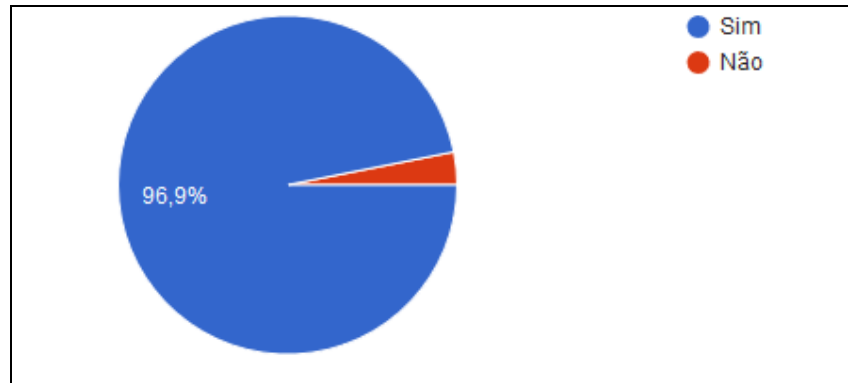
O professor não vive em um mundo paralelo, a educação acontece no mundo real, então não há como negligenciar os recursos tecnológicos disponíveis a sua volta e sim, aproveitá-los para melhorar a interação com os alunos auxiliando o processo de ensino e aprendizagem.

De acordo com a pesquisa realizada com os professores que atuam nos cursos do Programa de Aprendizagem da Faculdade Senac Blumenau, 75% consideram que a utilização de jogos em sala de aula auxilia no ensino de um conteúdo novo. A utilização de jogos permite o estabelecimento de regras, a interação entre aluno/aluno, bem como a articulação e mobilização dos conhecimentos prévios. Sendo assim, o aluno sente-se mais motivado ao aprendizado, por ele ser desafiado de forma saudável em um ambiente seguro.

Os jogos e as aulas roteirizadas com linguagem de jogos (gamificação) estão cada vez mais presentes na escola e são estratégias importantes de encantamento e motivação para uma aprendizagem mais rápida e próxima da vida real. Os jogos mais interessantes para educação ajudam os estudantes a enfrentar desafios, fases, dificuldades, a lidar com fracassos e correr riscos com segurança (BACICH, MORAN; 2018).

A seguir, o Gráfico 10, refere-se sobre a opinião dos professores se estes acreditam que a gamificação/utilização de jogos ajudaria na melhoria do processo ensino/aprendizagem.

Gráfico 10 - Gamificação na melhoria do processo ensino/aprendizagem.



Fonte: Os autores (2019).

Manter os alunos estimulados e interessados é um dos principais desafios encontrados pelos educadores e instituições de ensino. A gamificação na educação pode ser uma ferramenta muito interessante para usar os dispositivos eletrônicos a favor do ensino. É possível perceber com o gráfico acima que, 96,9% dos professores do Programa Jovem Aprendiz entendem que a gamificação é um método de ensino importante para a melhoria de suas aulas favorecendo assim, o processo de aprendizagem de seus alunos, conforme gráfico 10.

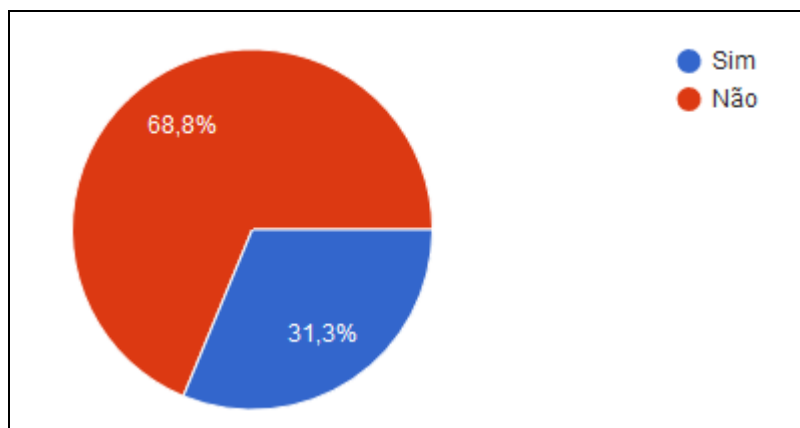
De acordo com Leite (2017), quando se fala em gamificar a aprendizagem, busca-se incorporar elementos presentes nos jogos em uma dinâmica na sala de aula, com a participação ativa do aluno, proporcionando o desenvolvimento de determinadas habilidades e comportamento. A educação gamificada tem como objetivo incentivar os alunos a aprenderem se divertindo, isto é, a gamificação desperta o interesse dos educandos, aumentando sua vontade de aprender. Ademais, a gamificação na educação possibilita: a) Feedback instantâneo; b) O aumento do comprometimento com a aprendizagem; c) Maior controle sobre a aprendizagem; d) Oportunidades para a resolução de problemas de forma colaborativa; e) Refazer mais de uma vez a mesma tarefa quando o aluno erra, pois ele pode tentar de novo sem consequências negativas provindas do professor ou dos colegas.

Nesse sentido, a Aprendizagem Baseada em Jogos (Games Based Learning – GBL) trata-se de uma abordagem que utiliza os jogos, em sua perspectiva lúdica, em atividades com finalidades educacionais. Nessa metodologia, o docente pode utilizar jogos educativos nos formatos digitais ou físicos, ou até mesmo criar seus próprios jogos. Pode, também, em uma perspectiva mais atual, desenvolver jogos baseados nos elementos e nas dinâmicas dos videogames, nos quais a ação se desenvolve sob um enredo e uma narrativa, com desafios e

níveis de dificuldade e progressão. Há, portanto, diversas formas de apropriação dos jogos em contextos pedagógicos (SENAC. DEPARTAMENTO NACIONAL, 2018).

No Gráfico 11 a seguir, encontra-se os dados obtidos, onde os professores foram questionados se, ao tentarem utilizar metodologias ativas em sala de aula encontraram algum impedimento por parte da instituição.

Gráfico 11 - Impedimento por parte da instituição na utilização de metodologias ativas.



Fonte: Os autores (2019).

A saturação no modelo tradicional de aula leva as instituições a adotarem metodologias ativas de ensino para motivar os estudantes e tornar o processo de ensino e aprendizagem mais significativos, pois, esta é uma atualização necessária do conceito de aprendizagem. Nota-se com os dados apontados pelo gráfico acima, que os professores que atuam no programa Jovem Aprendiz mostram interesse em utilizar as metodologias ativas em suas aulas e 68,8% destes, referem que não encontraram nenhum impedimento por parte da instituição Senac-Blumenau na aplicação das metodologias ativas em sala de aula, conforme gráfico 11.

Segundo o Documento Técnico do Modelo Pedagógico Senac (2018), a Instituição, em consonância com os pressupostos da aprendizagem para o desenvolvimento de competências, refere que as metodologias de ensino e aprendizagem se alicerçam na concepção de aluno como sujeito de seu desenvolvimento educacional. Desta forma, os currículos dos cursos são estruturados em um conjunto articulado de competências com a intenção de superar a lógica tradicional das disciplinas e garantir que, uma vez desenvolvidas tais competências, o aluno esteja apto a atuar no mundo do trabalho de acordo com o Perfil Profissional de Conclusão de Curso, em uma perspectiva de aprendizagem constante.

Para esta Instituição, está claro que as práticas educativas desenvolvidas visam proporcionar experiências de aprendizagem significativas e transformadoras para o

desenvolvimento das competências. Esta perspectiva traz a necessidade de pautar a prática docente em metodologias que tragam o aluno para o centro da cena pedagógica (SENAC. DEPARTAMENTO NACIONAL, 2018).

Na visão de Leite (2017), uma metodologia ativa de aprendizagem tem como premissa que apenas ver e ouvir um conteúdo de maneira apática não é suficiente para absorvê-lo. O conteúdo e as competências devem ser discutidos e experimentados até chegar ao ponto em que o aluno possa dominar o assunto e falar a respeito com seus pares, e quem sabe até mesmo ensiná-lo.

Nesta pesquisa, também se investigou se a instituição facilita e incentiva a utilização de metodologias ativas como método de ensino. As metodologias ativas de aprendizagem estão promovendo mudanças significativas nas interações entre docentes, alunos e instituições de ensino. Na instituição pesquisada não é diferente, pois, de acordo com os dados coletados 93,8% dos professores pesquisados afirmam que a instituição facilita e incentiva a utilização de metodologias ativas como método de ensino.

No Modelo Pedagógico do Senac é clara a perspectiva de rompimento com a divisão entre teoria e prática, comum na metodologia tradicional de ensino. A visão de metodologia debatida no documento técnico *Concepções e Princípios*, explicita a orientação para o desenvolvimento de competências “por meio de práticas pedagógicas ativas, inovadoras, integradoras e colaborativas, centradas no protagonismo do aluno” (SENAC, 2015c, p. 15).

Dois fatores são determinantes para se assumir a perspectiva da aprendizagem ativa como orientação à prática pedagógica realizada no Senac: a) as *Concepções e Princípios do Modelo Pedagógico*, sob os quais se assenta o ideário do Modelo, e; b) a abordagem institucional do conceito de *Competência*, a partir da qual se elaboram os currículos dos cursos de Educação Profissional.

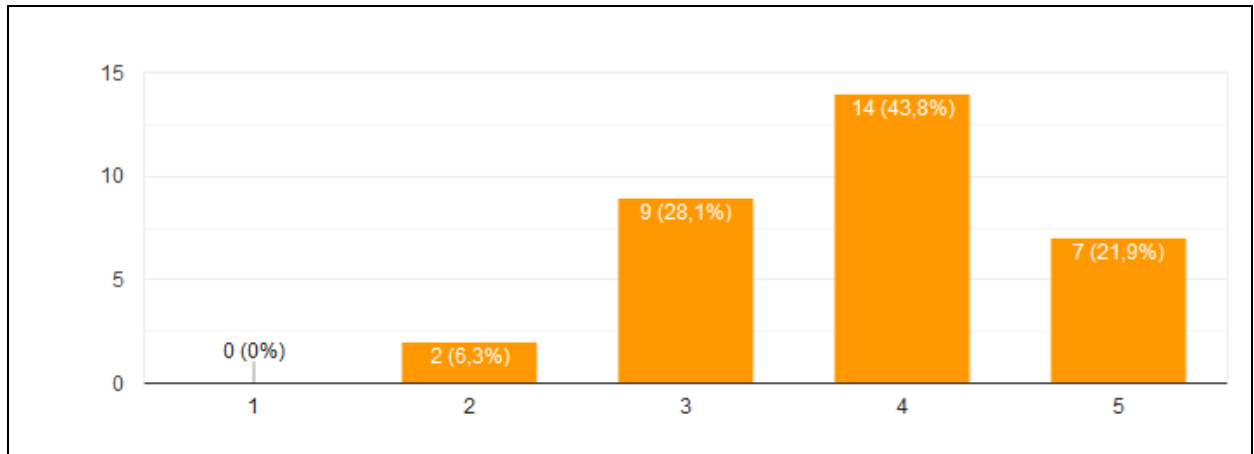
A proposta da Metodologia Ativa é colocar os alunos como principais agentes de seu aprendizado. Com ela, o estímulo à crítica e reflexão são incentivados pelo professor que conduz a aula, mas o centro desse processo é, de fato, o próprio aluno. Assim, é possível trabalhar o aprendizado de uma maneira mais participativa, uma vez que o envolvimento do estudante é que traz a fluidez e a essência da Metodologia Ativa.

Esse método aperfeiçoa a autonomia individual do aluno, desenvolvendo-o como um todo, para que ele seja capaz de compreender aspectos cognitivos, socioeconômicos, afetivos, políticos e culturais (SALES, et al, 2017).

O Gráfico 12 a seguir, apresenta os dados obtidos para o questionamento feito aos professores se estes consideram que os conteúdos apresentados em sala de aula despertam a

curiosidade dos alunos, lembrando a escala de respostas quando 1 representa "Discordo totalmente" e 5 "Concordo totalmente":

Gráfico 12 - Curiosidade despertada aos alunos pelos conteúdos apresentados.



Fonte: Os autores (2019).

Alunos curiosos fazem mais perguntas e desenvolvem uma atitude mais proativa na busca por respostas. Despertar a curiosidade em sala pode aumentar a receptividade da turma e tornar o aprendizado mais fácil e interessante. De acordo com o gráfico acima, visualiza-se com a média 3,81, que os professores do programa Jovem Aprendiz percebem e concordam que os conteúdos que apresentam em sala de aula atualmente despertam a curiosidade de seus alunos.

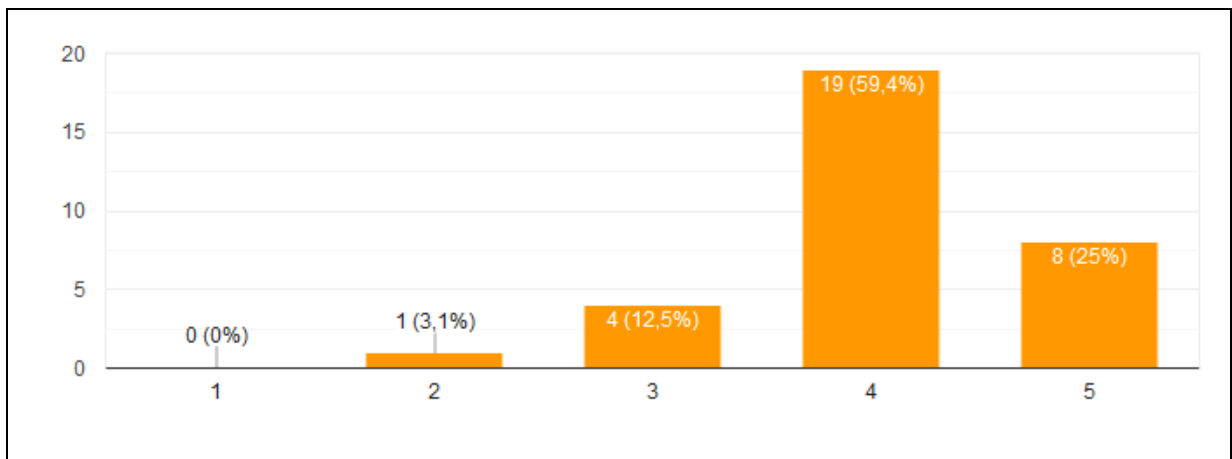
As metodologias ativas têm o potencial de despertar a curiosidade, à medida que os alunos se inserem na teorização e trazem elementos novos, ainda não considerados nas aulas ou na própria perspectiva do professor. Portanto, se um professor é capaz de despertar a curiosidade dos alunos sobre algo que eles são naturalmente motivados para aprender, estes estarão melhor preparados para aprender coisas que normalmente consideram chatas ou difíceis (BERBEL, 2011).

Nessa perspectiva, segundo o Modelo Pedagógico Senac, as aulas são planejadas de forma a promover a autonomia e despertar a curiosidade e o interesse, bem como a estimular a tomada de decisão na busca por respostas às questões de contexto real da vida e do mundo do trabalho. É essencial que, nesse percurso, os alunos busquem observar, entender, ouvir, falar, perguntar, discutir, trabalhar em grupo, auto avaliar-se e, em especial, aprender colaborativamente e compartilhar experiências. Para a adoção de estratégias dessa natureza, portanto, são fundamentais a organização, o planejamento, a explicitação dos objetivos e o

estabelecimento de um compromisso mútuo entre docentes e alunos (SENAC. DEPARTAMENTO NACIONAL, 2018).

Dando prosseguimento, no gráfico 13 abaixo, apresenta-se os resultados obtidos para a questão realizada aos docentes questionando-os se as atividades utilizadas em sala de aula propiciam a participação do aluno.

Gráfico 13 - Participação dos alunos em sala de aula:



Fonte: Os autores (2019).

Levantar questões e incentivar a participação de todos, quando necessário, por vezes é um desafio. Por isso, o principal objetivo deste modelo de metodologias ativas no ensino é incentivar os alunos para que aprendam de forma autônoma e participativa, a partir de problemas e situações reais. A proposta é que o estudante esteja no centro do processo de aprendizagem, participando ativamente e sendo responsável pela construção de conhecimento. De acordo com a média 4,06 encontrada nas respostas dos professores do programa Jovem Aprendiz, é possível analisar que estes concordam e entendem que as atividades realizadas em suas aulas proporcionam a participação de seus alunos.

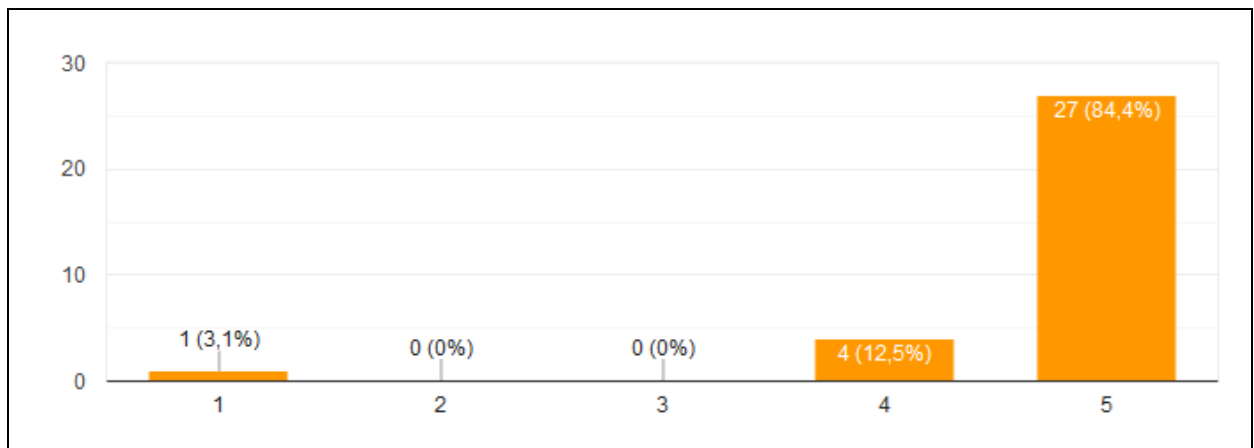
Para Berbel (2011), a implementação de metodologias ativas em sala de aula pode vir a favorecer uma motivação autônoma quando incluir o fortalecimento da percepção do aluno de ser origem da própria ação, ao serem apresentadas oportunidades de problematização de situações envolvidas na programação escolar, de escolha de aspectos dos conteúdos de estudo, de caminhos possíveis para o desenvolvimento de respostas ou soluções para os problemas que se apresentam alternativas criativas para a conclusão do estudo ou da pesquisa, entre outras possibilidades.

O engajamento do aluno em relação a novas aprendizagens, pela compreensão, pela participação, pela escolha e pelo interesse, é condição essencial para ampliar suas

possibilidades de exercitar a liberdade e a autonomia na tomada de decisões em diferentes momentos do processo que vivencia, preparando-se para o exercício profissional futuro. Para isso, deverá contar com uma postura pedagógica de seus professores com características diferenciadas daquelas tradicionais (PAIVA, et al; 2016). Desta forma, ouvir o aluno é o ponto principal para incluí-lo e assim, estimular sua participação, pois, a educação tem que ser pensada para o estudante, e a melhor maneira é dialogar com o aluno para promover esta participação.

No Gráfico 14 a seguir, apresenta-se sobre a questão realizada aos docentes referente se um professor deve estar disposto a aprender mais sobre as metodologias ativas:

Gráfico 14 - Disponibilidade do professor para aprender sobre metodologias ativas.



Fonte: Os autores (2019).

As metodologias ativas exigem dos professores uma capacitação mais proativa, criativa e voltada ao incentivo de seus alunos. Eles passam a desempenhar novos papéis, agindo como tutores e direcionadores, de modo que devem receber treinamentos para que consigam ensinar com o objetivo de obter maior engajamento e participação dos estudantes. Assim, a formação contínua do professor se faz necessária, principalmente por se considerar a dinamicidade dos processos de mudanças curriculares e por ainda haver muitos professores cuja formação inicial foi calcada em metodologia tradicional (NASSIF, CHIRELLI, 2018).

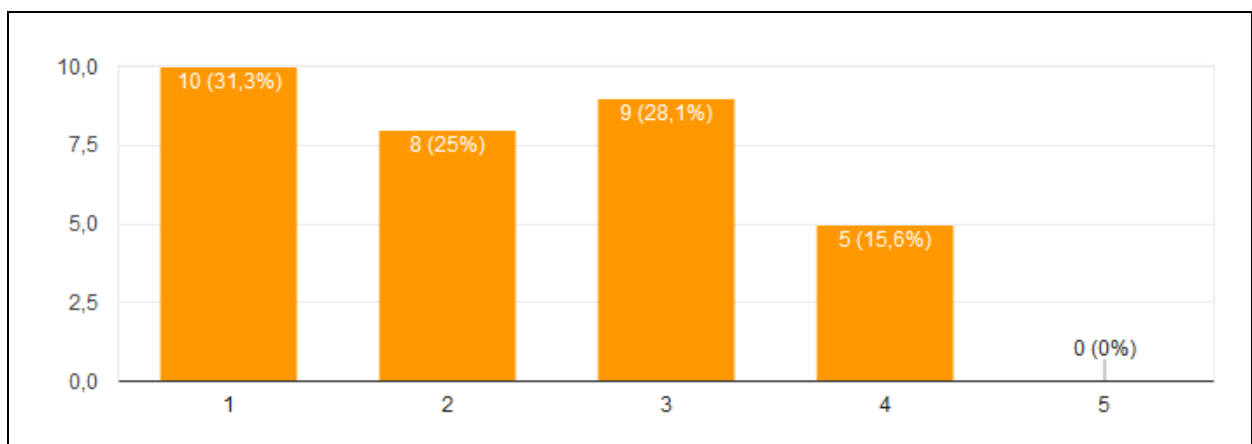
Conforme os resultados apresentados no gráfico 14, é possível perceber que a média obtida nesta questão foi de 4,75 e assim é possível analisar que os professores do programa Jovem Aprendiz concordam totalmente com a premissa que um professor deve estar disposto a aprender mais sobre o uso das metodologias ativas, pois, atuar na perspectiva da aprendizagem ativa requer a ressignificação do papel do docente, cuja posição se desloca da figura do sujeito detentor do conhecimento para uma atuação mais próxima da tutoria, tendo

em vista orientar, acompanhar e facilitar o processo de aprendizagem (SENAC. DEPARTAMENTO NACIONAL, 2018).

A utilização de Metodologias Ativas acaba tornando-se um desafio para os educadores, para que exerçam uma práxis criadora, na qual seja possível a formação de sujeitos crítico-reflexivos, corresponsáveis pela construção de seu próprio processo de aprendizado ao longo da vida. Sua utilização implica não somente conhecer os modos de operacionalização, mas fundamentalmente os princípios pedagógicos que a sustentam (GOMES, et al, 2017).

No Gráfico 15 a seguir, encontra-se dados sobre a questão realizada aos docentes se uma aula somente expositiva facilita o processo de aprendizagem do aluno.

Gráfico 15 – Facilitação do processo ensino/aprendizagem mediado somente pela utilização de aula expositiva.



Fonte: Os autores (2019).

Durante muito tempo, a aula expositiva foi o único procedimento empregado em sala de aula. No século passado, no entanto, ela perdeu espaço na educação e até passou a ser malvista por muitos educadores, já que se tornou a representação mais clara de um ensino diretivo e tradicional, que tem por base a transmissão do conhecimento do mestre para o aluno.

Esta ainda é a técnica de trabalho mais usada por muitos professores em sala de aula, pois nem sempre a adoção de técnicas mais elaboradas é possível, por uma série de fatores. No entanto, para muitos educadores a aula expositiva se contrapõe às modernas tendências do ensino, pois para eles esta não seria capaz de produzir uma aprendizagem duradoura por parte dos alunos.

A disseminação dessas práticas e o fato de a aula expositiva ser associada a uma didática ultrapassada fizeram com que ela fosse ficando de fora do planejamento de muitos docentes.

Para os professores do programa Jovem Aprendiz, respondendo à questão: uma aula somente expositiva facilita o processo de ensino e aprendizagem do aluno, a média apresentada foi 2,28 representando o referencial discordo. A perspectiva da aprendizagem ativa, no âmbito do Modelo Pedagógico Senac, organiza-se a partir de duas premissas:

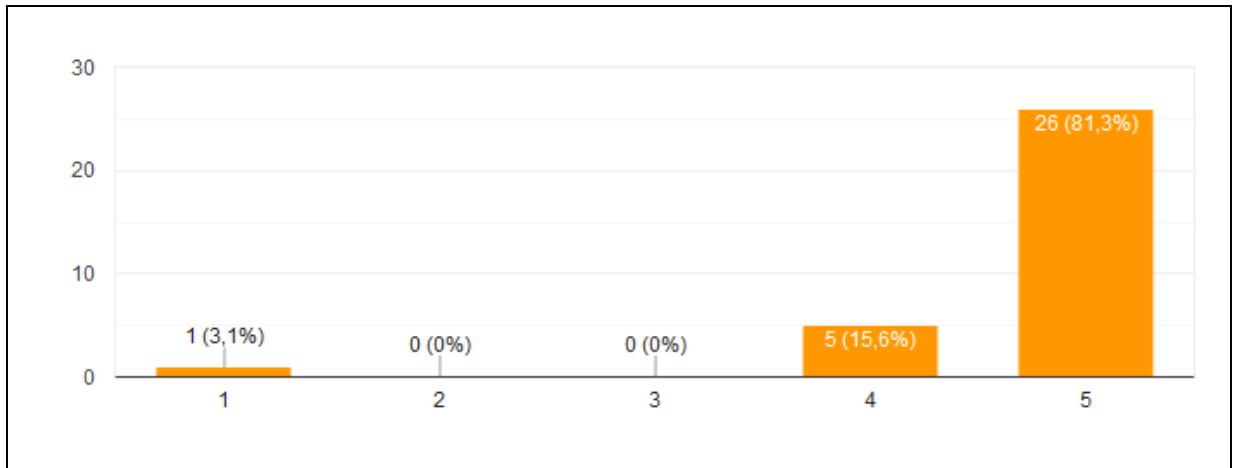
A) O aluno é o centro do processo de ensino e aprendizagem, ou seja, as aulas são planejadas de forma a promover a autonomia e despertar a curiosidade e o interesse, bem como a estimular a tomada de decisão na busca por respostas às questões de contexto real da vida e do mundo do trabalho. É essencial que, nesse percurso, os alunos busquem observar, entender, ouvir, falar, perguntar, discutir, trabalhar em grupo, auto avaliar-se e, em especial, aprender colaborativamente e compartilhar experiências. Para a adoção de estratégias dessa natureza, portanto, são fundamentais a organização, o planejamento, a explicitação dos objetivos e o estabelecimento de um compromisso mútuo entre docentes e alunos.

B) O professor é o mediador da aprendizagem: atuar na perspectiva da aprendizagem ativa requer a ressignificação do papel do docente, cuja posição se desloca da figura do sujeito detentor do conhecimento para uma atuação mais próxima da tutoria, tendo em vista orientar, acompanhar e facilitar o processo de aprendizagem. A ação docente volta-se, sobretudo, para a mediação das situações de aprendizagem e para a interação entre os alunos, a fim de promover a aprendizagem significativa e ampliar, progressivamente, o nível de autonomia dos alunos.

Nota-se com o uso de metodologias ativas que se aumenta e muito a performance dos alunos em sala de aula. E é por isso que ele confronta o ensino mantido em algumas instituições tradicionais, que detém a informação, trabalham com disciplinas fragmentadas e aplicam avaliações que exigem memorização. É comprovado que o índice de aprendizagem pode aumentar com esse novo método, mas é necessário que as metodologias ativas sejam muito bem elaboradas e aplicadas, considerando-se as necessidades específicas dos diversos públicos de alunos (PAIVA, et al; 2016).

O Gráfico16 a seguir, refere-se sobre os dados obtidos na questão realizada de acordo com os professores, se as aulas onde são utilizadas atividades e recursos variados facilitam no processo de aprendizagem do aluno:

Gráfico 16 - Atividades e recursos variados na facilitação do processo de aprendizagem.



Fonte: Os autores (2019).

No processo de aprendizagem por meio de metodologias ativas, o professor usa estratégias diversas que procuram evitar passar para os alunos o conteúdo pronto e acabado ou exercícios mecânicos e repetitivos. Os professores desempenham, dentro das metodologias ativas de aprendizagem, diferentes estratégias para conseguir a participação dos alunos. Nota-se que com uma média de 4,72 referente ao fator concordo totalmente, os professores do programa Jovem Aprendiz percebem que, com o uso de atividades e recursos variados é possível facilitar o processo de aprendizagem de seus alunos.

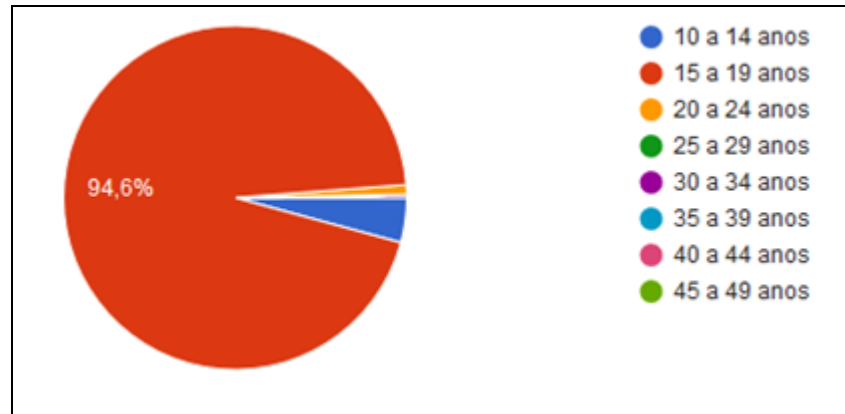
Desta forma, as metodologias ativas de aprendizagem estão mudando a forma como muitas instituições de ensino organizam suas grades curriculares e promovem o conhecimento entre os alunos. Elas fazem parte de um novo passo no ensino, sendo impulsionadas por novas tecnologias e promovendo mudanças significativas de comportamento dos alunos (MUNHOZ, MARTINS; 2014).

4.2.2 Pesquisa realizada com os ALUNOS

A pesquisa contou com a participação de 333 alunos que responderam ao questionário aplicado através da ferramenta Google Forms. A seguir, é apresentado os resultados obtidos, expostos nos gráficos abaixo.

No primeiro gráfico a seguir, apresenta-se a idade dos alunos que participaram desta pesquisa:

Gráfico 17 – Quanto a Idade dos alunos respondentes.



Fonte: Os autores (2019).

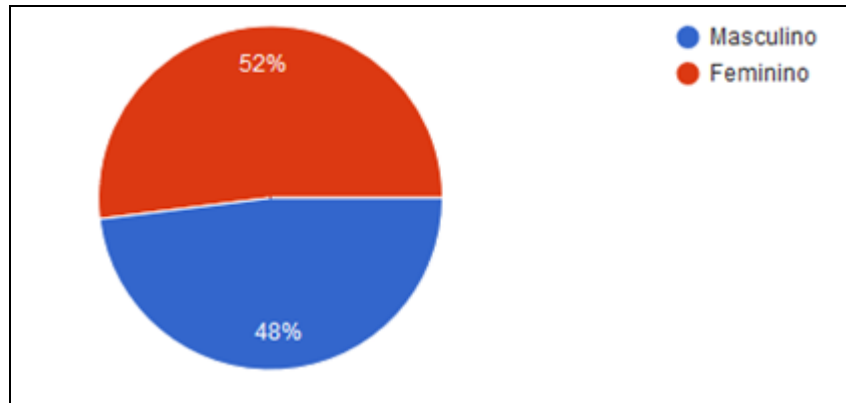
O Programa Jovem Aprendiz é ofertado para adolescentes que se encontram na faixa etária de 14 a 24 anos incompletos. A geração ao qual este público está inserido é nominada de geração Z. É uma geração que já nasceu na era digital e não consegue conceber o mundo sem as tecnologias hoje existentes. São muito conectados e conseguem desenvolver várias atividades ao mesmo tempo.

Para Rech, Viêra e Anschau (2017), embora nem sempre seja fácil para os mais velhos entender o que os nativos digitais têm a dizer, é importante compreender que se trata de uma geração pronta para contribuir com o mundo hiperconectado. A internet e a infinidade de gadgets que os cercam fizeram com que eles desenvolvessem uma forma de pensamento não linear. Eles são e sabem várias coisas ao mesmo tempo, sem medo de expressar suas diferenças e formas de pensar e sem a necessidade de se encaixar em um grupo específico.

Analisando o gráfico 17, é possível perceber que 94,6% dos alunos que responderam à pesquisa correspondem a faixa etária entre 15 a 19 anos, assim, este é um dado de grande relevância no que se refere a preparação, organização de conteúdos e planejamento das atividades a serem desenvolvidas para formação destes indivíduos.

No Gráfico 18 a seguir, apresenta-se a distribuição do gênero dos alunos participantes da pesquisa.

Gráfico 18 - Gênero dos alunos participantes.



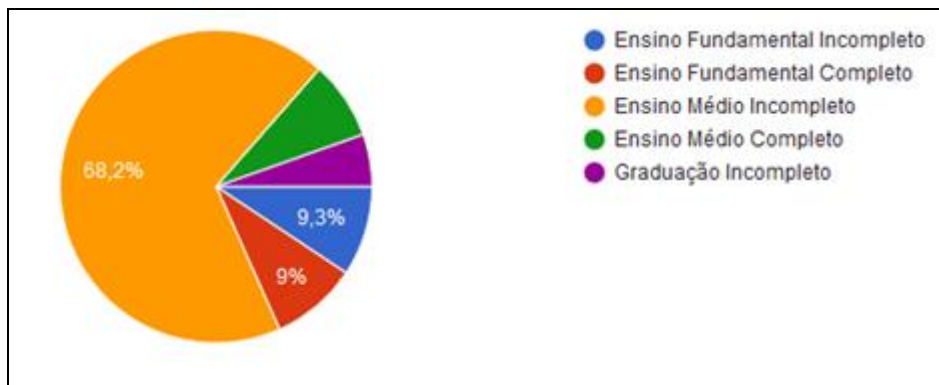
Fonte: Os autores (2019).

De acordo com dados da PNAD-C (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua) 2017, o número de mulheres no Brasil é superior ao de homens. A população brasileira é composta por 48,4% de homens e 51,6% de mulheres (IBGE, 2017).

Nota-se com o gráfico 18, que os dados encontrados nesta pesquisa em relação ao fator de gênero dos participantes respondentes, também se confirmou à similaridade dos dados encontrados no IBGE 2017 pois, o grupo de alunos é composto por maior número de mulheres com público feminino de 52% e masculino 48%.

No Gráfico 19 a seguir, apresenta-se o grau de Escolaridade dos alunos.

Gráfico 19 - Quanto a Escolaridade dos alunos.



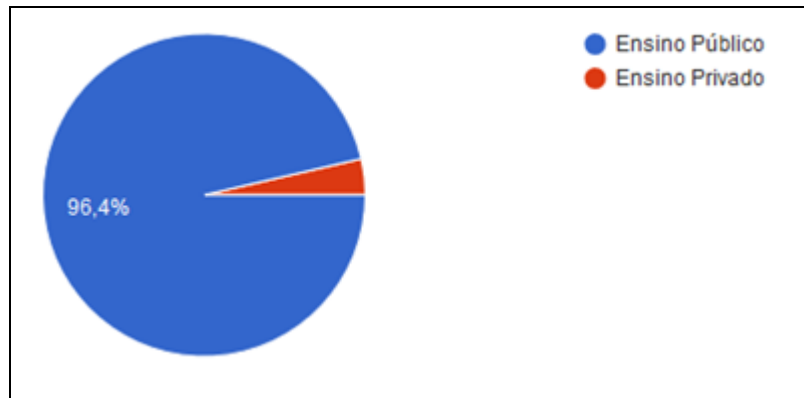
Fonte: Os autores (2019).

Assim como identificado quando questionados sobre sua idade e identificado que os alunos possuem uma faixa etária de 15 a 19 anos, com base no gráfico acima, é possível avaliar que estes em sua maioria ainda cursam o ensino médio. Por outro lado, ao considerar o total de alunos com ensino médio completo e que já fazem parte da graduação, existe um cenário, em que em uma mesma sala de aula, alunos com diferentes níveis de instrução

interagem entre si, o que pode ser um desafio ao professor para atender as diferentes expectativas e comportamentos.

O Gráfico 20 a seguir, destaca o tipo de escola que o aluno cursou/cursa o ensino fundamental ou médio.

Gráfico 20 – Local onde o aluno cursou/cursa o ensino fundamental ou médio.



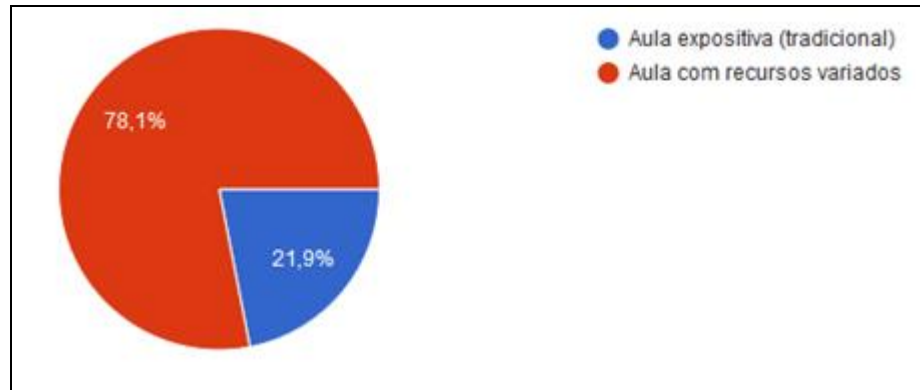
Fonte: Os autores (2019).

No Brasil, 56,5 milhões de pessoas frequentou a escola no ano de 2017, tanto no ensino médio como fundamental. Do total de estudantes, 73,5% frequentavam escola pública, enquanto 26,5%, a rede privada. As informações constam na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) 2017, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

É possível perceber no gráfico 20, referente ao tipo de escola que o aluno do Programa Jovem Aprendiz frequentava no momento da pesquisa que 96,4% destes, estudavam em escola pública comprovando o dado apresentado pelo IBGE em 2017, onde o maior número de estudantes brasileiros frequentava a rede pública de ensino.

Prosseguindo com a apresentação dos dados obtidos nesta pesquisa, o Gráfico 21 a seguir, refere sobre a opinião do aluno, identificando se ele aprende com mais facilidade em uma aula expositiva (tradicional), ou em uma aula com recursos variados onde haja trocas entre professor e aluno.

Gráfico 21 - Aprendizagem em uma aula expositiva versus aula com recursos variados.



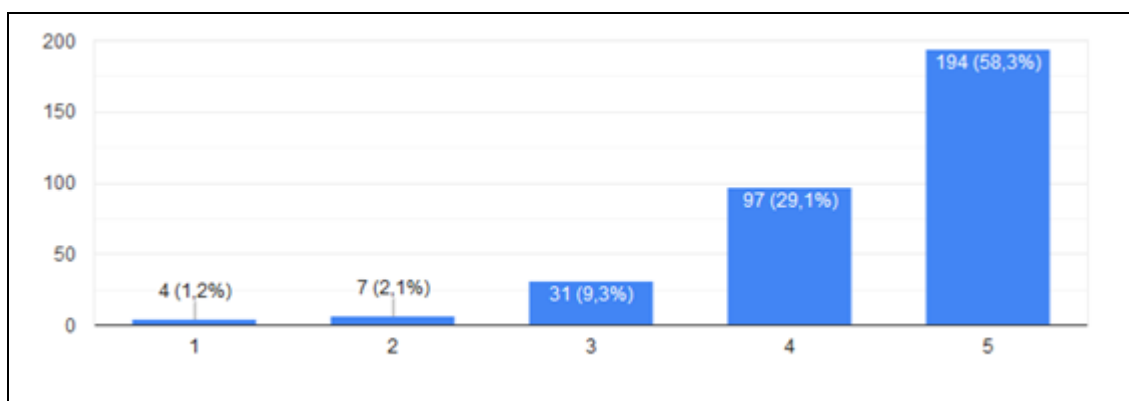
Fonte: Os autores (2019).

Ao serem questionados sobre a forma com que os alunos aprendem com mais facilidade, 78,1% dos alunos sinalizaram que aulas com recursos variados proporcionam uma maior facilidade para seu aprendizado., conforme gráfico 21.

Este olhar dos alunos é interessante ao se considerar que, conforme colocado por SUHR (2016), a premissa que reúne propostas diversas sob o título de metodologias ativas é que é preciso tirar o aluno da postura passiva frente ao conhecimento, que seria induzida pela forma expositiva tradicional ao colocar o professor como transmissor de verdades prontas e o aluno como receptor. Utilizando outras formas de organização do trabalho pedagógico, que levem à reflexão e ao desenvolvimento de níveis maiores de compreensão da realidade, o aluno estaria não só compreendendo melhor, como dando sentido aos referenciais teóricos estudados na (s) disciplina (s).

No Gráfico 22 a seguir, apresenta-se os dados ao questionamento feito aos alunos se para eles, as aulas administradas pelos professores do Programa Jovem Aprendiz contribuem para a aprendizagem:

Gráfico 22 - Contribuição das aulas do Programa Jovem Aprendiz para a aprendizagem.

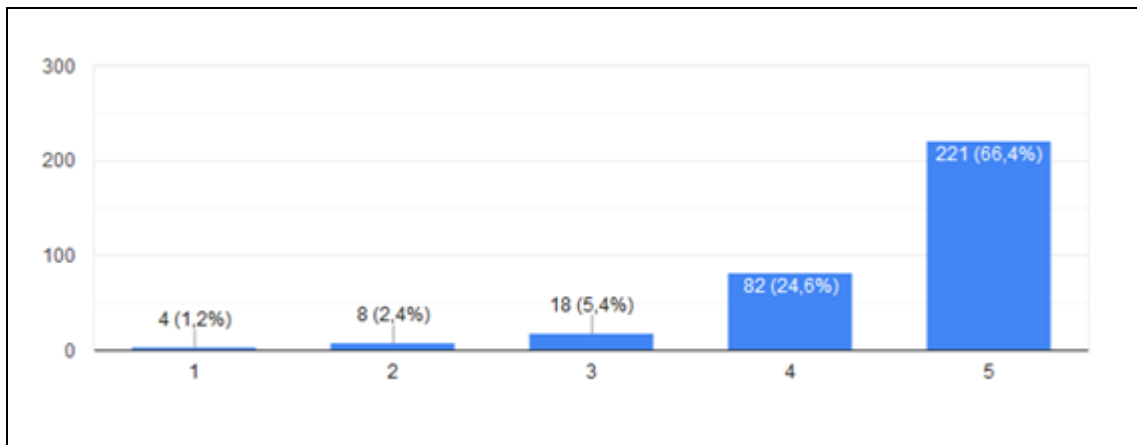


Fonte: Os autores (2019).

Quando questionado aos pesquisados que expressassem sua opinião referente se as aulas administradas a eles no Programa Jovem Aprendiz contribuem para sua aprendizagem, dentro de uma escala de 1 (Totalmente Insatisfeito) a 5 (Totalmente Satisfeito), foi obtido uma média de 4,41. Não só a visão do aluno quanto a sua aprendizagem, este também foi questionado quanto a como considera que as aulas contribuem para seu desenvolvimento pessoal e profissional, conforme demonstra o gráfico a seguir que apresenta os dados sobre a contribuição das aulas para o desenvolvimento pessoal e profissional.

No Gráfico 23 a seguir, apresenta-se os dados obtidos nesta pesquisa referente a questão se os alunos consideram que as aulas administradas pelos professores contribuem para o desenvolvimento pessoal e profissional.

Gráfico 23 - Contribuição das aulas para o desenvolvimento pessoal e profissional.



Fonte: Os autores (2019).

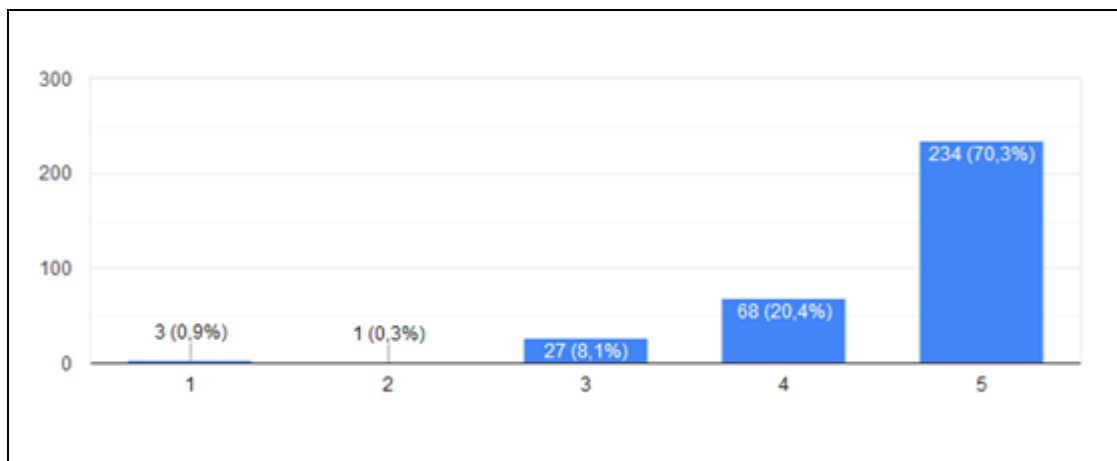
Quanto a pergunta: Você considera que as aulas administradas pelos professores do programa Jovem aprendiz contribuem para seu desenvolvimento pessoal e profissional. Como resultado obteve-se uma média de 4,53 entre as respostas dadas. Ambas as médias identificadas nas questões refletem a satisfação e a percepção destes alunos com as aulas recebidas no programa.

É importante considerar a visão do aluno quanto a sua aprendizagem para seu desenvolvimento pessoal e profissional, tendo em vista que estes são fatores motivacionais e que podem contribuir para um melhor desempenho do estudante em sala de aula. O desinteresse do aluno em sala de aula pode ser prejudicial ao aluno e a seus colegas, uma vez que o aluno não estará engajado na aula e pode se tornar um foco de distração aos demais alunos.

Como comentado por Guimaraes e Boruchovitch (2004), a motivação no contexto escolar tem sido avaliada como um determinante crítico do nível e da qualidade da aprendizagem e do desempenho. Um estudante motivado mostra-se ativamente envolvido no processo de aprendizagem, engajando-se e persistindo em tarefas desafiadoras, despendendo esforços, usando estratégias adequadas, buscando desenvolver novas habilidades de compreensão e de domínio. Apresenta entusiasmo na execução das tarefas e orgulho acerca dos resultados de seus desempenhos, podendo superar previsões baseadas em suas habilidades ou conhecimentos prévios.

Prosseguindo com a apresentação dos dados, o Gráfico 24 abaixo refere sobre a avaliação dos alunos quanto a utilização de recursos variados para ensinar:

Gráfico 24 - Avaliação sobre os recursos utilizados nas aulas.



Fonte: Os autores (2019).

Essa questão obteve a média de resposta de 4,59, denotando que os mesmos estão totalmente satisfeitos no que se refere aos recursos variados utilizados para ministrar as aulas.

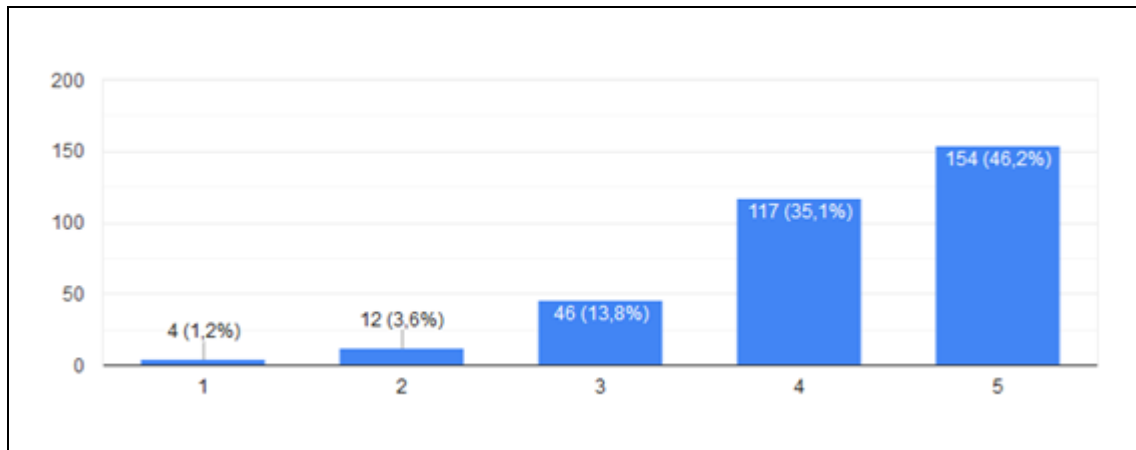
Para Bacich e Moran (2018), a aprendizagem mais profunda requer espaços de práticas frequentes (aprender fazendo) e de ambientes ricos em oportunidades. Por isso, é importante o estímulo multissensorial e a valorização de conhecimentos prévios dos estudantes para “ancorar” os novos conhecimentos. Aprendemos de muitas maneiras, com diversas técnicas e procedimentos, mais ou menos eficazes para conseguir os objetivos desejados. A aprendizagem ativa aumenta a nossa flexibilidade cognitiva, que é a capacidade de alternar e realizar diferentes tarefas, operações mentais ou objetivos e de adaptar-nos a situações inesperadas, superando modelos mentais rígidos e automatismos pouco eficientes.

Por tanto, quanto mais variados os recursos utilizados, mais garantias se tem da efetivação da aprendizagem, tornado a sala de aula um espaço propício para experimentação

de novos conhecimentos e desenvolvimento de competências requeridas para a formação integral do indivíduo.

No Gráfico 25 a seguir, é apresentado os dados obtidos para a questão realizada aos alunos em como estes avaliam as atividades utilizadas em sala de aula pelos professores.

Gráfico 25 - Avaliação sobre as atividades utilizadas em sala de aula pelos professores.



Fonte: Os autores (2019).

Quando o professor estimula o aluno oportunizando momentos desafiadores, mediando as situações de aprendizagem, é possível despertar nele o sentimento de realização na busca pelo conhecimento e desenvolvimento pessoal e profissional. As atividades desenvolvidas devem despertar o interesse e gerar desafios positivos. Os alunos do Programa de Aprendizagem estão totalmente satisfeitos com as atividades utilizadas em sala de aula, esta situação é comprovada ao analisar o gráfico acima, que apresenta a média geral de 4,22.

De acordo com Bacich e Moran (2018), a sala de aula pode ser um espaço privilegiado de cocriação, *maker*, de busca de soluções empreendedoras, em todos os níveis, onde estudantes e professores aprendem a partir de situações concretas, desafios, jogos, experiências, vivências, problemas, projetos, com os recursos que têm em mãos: materiais simples ou sofisticados, tecnologias básicas ou avançadas. O importante é estimular a criatividade de cada um, a percepção de que todos podem evoluir como pesquisadores, descobridores, realizadores; que conseguem assumir riscos, aprender com os colegas, descobrir seus potenciais. Assim, o aprender se torna uma aventura permanente, uma atitude constante, um progresso crescente.

Na questão 10 da pesquisa, os alunos foram indagados se avaliavam as aulas administradas pelos professores do Programa Jovem Aprendiz como dinâmicas e interessantes. Para ministrar aulas dinâmicas e interessantes, os professores precisam planejar

cuidadosamente as atividades que utilizaram, levando principalmente em conta os objetivos que devem ser alcançados. Para 92,2% dos alunos do Programa Jovem Aprendiz que responderam à pesquisa, estes afirmaram que os professores administram aulas dinâmicas e interessantes.

De acordo com Miranda (2012), o bom planejamento é aquele que assegura que os processos de ensinar e de aprender correrão sob controle; é aquele que evitará que o educador despenda energias imensas para encontrar o “melhor improvisado” para remediar os imprevistos.

O ato de planejar requer organização e disciplina, nele deve ser previsto todas as situações que irão possibilitar que a aprendizagem aconteça.

Tébar (2011), defende que, o planejamento da atividade escolar para construção de determinados objetivos é a primeira exigência que todo mediador deve se propor, tanto com referência ao seu trabalho pessoal como ao modelo de planejamento que pretende projetar nos alunos. O educador deve ter consciência da importância do seu papel modelador, para conseguir que os alunos assimilem e configurem seu próprio estilo de trabalho, que deve se manifestar em uma forma concreta de organizar e planejar todas as atividades que realizam, tanto escolares como pessoais. O planejamento é uma forma de preparar e adiantar-se a situações educacionais em todas as suas dimensões essenciais.

Parte-se do pressuposto que os professores que atuam no Programa Jovem Aprendiz planejam as atividades considerando as especificidades do grupo, bem como privilegiando ações necessárias para o desenvolvimento da aprendizagem.

Os alunos foram questionados se consideravam que os assuntos abordados pelos professores do programa Jovem Aprendiz estavam no momento atualizados.

Os conteúdos ministrados em sala de aula devem fazer sentido e ter significado, podendo ser utilizado no cotidiano por quem os aprende. Quanto mais próximos da realidade em que se vive estiverem, mais absorvido e compreendido serão. Os professores precisam estar atualizados e sincronizados com as mudanças e expectativas de seus alunos. Assim, de acordo com os dados coletados, 93,4% dos alunos que responderam à pesquisa consideram que os assuntos abordados pelos professores no Programa Jovem Aprendiz estavam atualizados.

Para Zabala (2010), formar em todas as capacidades do ser humano, com a finalidade de poder responder aos problemas que a vida apresenta, se converte, assim, na finalidade primordial da escola. A formação integral da pessoa como função básica, em lugar da função propedêutica. Um ensino que não esteja baseado na seleção dos “melhores”, mas sim que

cumpra uma função orientadora que facilite a cada um dos alunos o acesso aos meios que possam se desenvolver conforme suas possibilidades, em todas as etapas da vida; ou seja, uma escola que forme em todas as competências imprescindíveis para o desenvolvimento pessoal, interpessoal, social e profissional. Trata-se de uma educação também para o trabalho, mas sem perder a visão global da pessoa como ser crítico diante das desigualdades e do comprometimento com a transformação social econômica em direção a uma sociedade na qual não apenas se garantisse o direito ao trabalho, como ainda este fosse desenvolvido em função ao desenvolvimento das pessoas e não apenas dos interesses de mercado.

Foi também investigado com os alunos, se os professores do Programa Jovem Aprendiz propiciavam espaços para a expressão das opiniões sobre os conteúdos abordados e assim oportunizassem a contribuição com a aprendizagem em sala de aula.

Oferecer ao aluno a oportunidade de protagonizar o seu aprendizado, implica também em democratizar o planejamento, pois se faz necessário entender como ele aprende. Para 95,5% dos alunos que responderam à pesquisa, os professores oportunizavam espaços que propiciam a expressar suas opiniões sobre os conteúdos abordados contribuindo com o processo de aprendizagem.

De acordo com Küller e Rodrigues (2013), sempre que possível, especialmente considerando o tempo disponível, é interessante que o planejamento da ação seja efetuado com a participação dos alunos. Com isso, o professor estará proporcionando o desenvolvimento transversal de uma competência profissional básica: a de planejar o próprio trabalho. É importante salientar que o desenvolvimento da atividade de aprendizagem sempre é uma atribuição dos alunos, nunca do professor. A participação do professor, quando prevista, sempre será a de orientar, coordenar, acompanhar e apoiar a ação dos alunos.

Na pesquisa desenvolvida, quando questionados se eles se sentiam agentes participativos e responsáveis pela própria aprendizagem, 88,9% dos alunos, responderam que sim, ou seja, de fato se sentiam participativos e responsáveis pela sua aprendizagem. Este sentimento é de extrema importância para formação social deste indivíduo que contribuirá de forma consciente para o desenvolvimento da comunidade em que está inserido, tornando-se capaz de propor e promover modificações no meio em que vive.

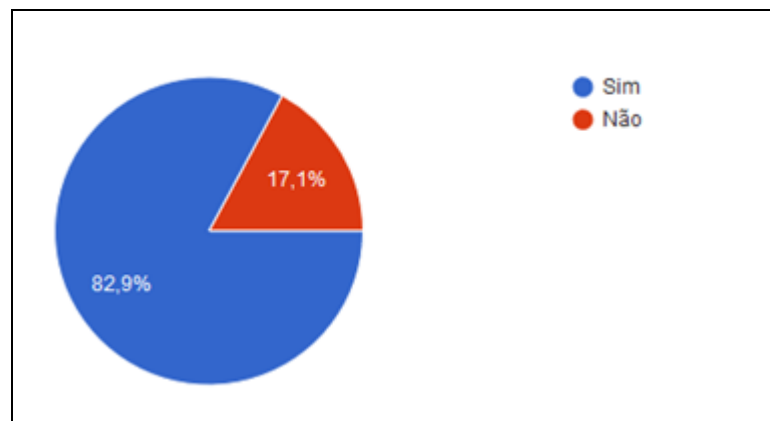
Para Bacich e Moran (2018), em todos os níveis há, ou pode haver, orientação ou supervisão, e ela é importantíssima para que o aluno avance mais profundamente na aprendizagem. Porém, na construção individual, a responsabilidade principal é de cada um, da sua iniciativa, do que é previsto pela escola e do que o aluno constrói nos demais espaços e tempos. O papel principal do especialista ou docente é o de orientador, ser tutor dos

estudantes tanto individualmente como nas atividades em grupo, nas quais os alunos são sempre protagonistas.

O professor auxiliará o aluno na busca pela sua autonomia, tornando-o corresponsável por sua aprendizagem, neste sentido o professor torna-se parceiro, mediando às situações de aprendizagem e garantido o protagonismo necessário a quem é de direito.

A seguir apresenta-se o gráfico, o qual expressa se os alunos sentem-se interessados e motivados em participar das aulas do Programa Jovem Aprendiz.

Gráfico 26 - Interesse e motivação do aluno em participar das aulas do Programa Jovem Aprendiz.



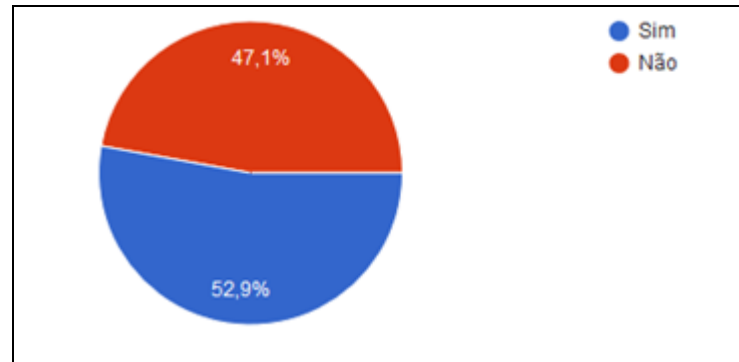
Fonte: Os autores (2019).

A motivação é um processo intrínseco que é construído pelo indivíduo e que pode ser gerado por meio de recursos e situações variadas. Para o processo de ensino aprendizagem este é um sentimento relevante, que deve ser considerado. Para 82,9% dos alunos, as aulas ministradas no Programa Jovem Aprendiz são interessantes e motivadoras, conforme gráfico 26.

De acordo com Küller e Rodrigues (2013), motivar para a aprendizagem não significa necessariamente, como é comum às críticas menos fundamentadas à escola nova, tornar a situação de aprendizagem agradável para os alunos. Porém, é preciso torná-la necessária e estimulante; adiantar, garantir e mostrar a relevância do movimento ação-reflexão-ação proposto na situação de aprendizagem; evidenciar que aprendizagem decorrente é importante não apenas para um suposto uso em uma hipotética situação de vida futura; ressaltar a importância dessa aprendizagem para educação profissional em curso, para formação cidadã ou a vida de agora, no momento presente.

O gráfico 27 destaca a opinião dos alunos sobre a utilização de aulas somente expositivas, consideradas como tradicionais, no auxílio da aprendizagem.

Gráfico 27 - Utilização de aulas somente expositivas no auxílio da aprendizagem.



Fonte: Os autores (2019).

A importância da identificação das preferências dos alunos está na sua utilidade direta para o planejamento e estabelecimento de estratégias e diretrizes didático-pedagógicas que possam mudar ou melhorar a percepção dos alunos sobre as condições de ensino, o que certamente levaria a um ganho de aprendizagem e ao aumento de interesse por parte dos alunos (CAMARGOS, CAMARGOS, MACHADO, 2006).

A opinião do aluno é fundamental para o ambiente de ensino e para aqueles que nele atuam como professores e gestores educacionais. Quando questionado aos alunos do Programa Jovem Aprendiz se as aulas somente expositivas auxiliam na aprendizagem, 52,9% destes responderam que sim e 47,1% responderam que não. Nota-se com estes dados, que há uma proximidade com relação ao entendimento dos alunos sobre a utilização desta metodologia de ensino no auxílio da aprendizagem em contraponto a utilização das metodologias ativas, conforme gráfico 27.

A aula expositiva, vista como tradicional, tem por base a transmissão do conhecimento do mestre para o aluno. Então, se bem planejada e realizada, essa estratégia de ensino em que o professor é o protagonista e conduz a turma por um raciocínio, pode ser também uma estratégia importante para ensinar determinados conteúdos e garantir a aprendizagem da turma. No entanto, este método não deve ser o único recurso usado em sala de aula e sim, fazer parte de uma sequência de atividades.

Nota-se que a aula expositiva se consolidou como prática pedagógica na Idade Média pelas mãos dos jesuítas, se transformando na estratégia mais utilizada nas escolas, quando não a única. A transmissão do conhecimento, sobretudo pela linguagem verbal, era uma corrente

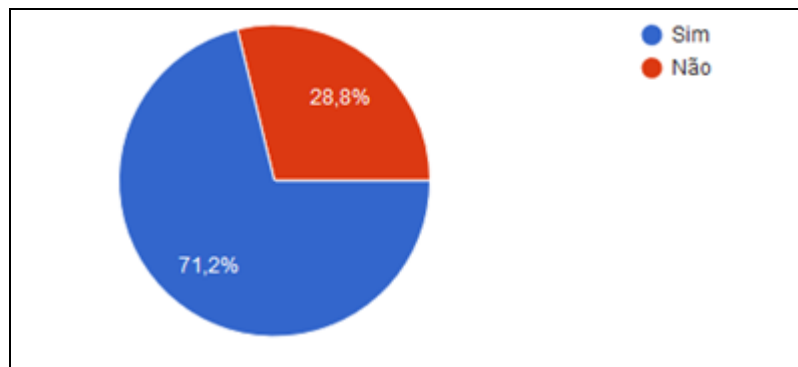
hegemônica. Acreditava-se que bastava o mestre falar para os alunos aprenderem. No entanto, o século XX trouxe luz sobre o processo de ensino e aprendizagem, e pesquisadores como Jean Piaget (1896-1980), Lev Vygotsky (1896-1934), Henri Wallon (1879-1962) e David Ausubel (1918-2008), demonstraram a importância da ação de cada indivíduo na construção do próprio saber e o papel do educador como mediador entre o conhecimento e o aluno. Com base nisso, a escola passou a valorizar outras formas de ensinar, como aquelas que envolvem a resolução de problemas, os trabalhos em grupo, os jogos e as pesquisas, ou seja, as metodologias ativas. A disseminação dessas práticas e o fato de a aula expositiva ser associada a uma didática ultrapassada fizeram com que ela fosse ficando de fora do planejamento de muitos docentes. No entanto, não é a atividade em si que indica se o professor segue uma ideia tradicional de ensino, mas a forma como ele atua em todos os momentos (PAIVA, et al; 2016).

Madeira (2015), afirma que não há nada de errado com a aula expositiva, o importante é averiguar quando a estratégia de aprendizagem é a melhor para se alcançar determinados objetivos, e então, empregá-la com correção e preparo anterior adequado.

Os alunos foram questionados se consideram que as atividades utilizadas em sala de aula pelos professores vão ao encontro de seus objetivos, e assim 88,9% responderam que sim. Esta é uma informação importante quando considerado que o aprendizado está ligado a motivação, e desta forma, a realização e satisfação dos alunos durante o processo de aprendizagem é um item importante a ser pontuado principalmente no que se refere ao fator motivador. Para Vigotiski (2003), há um fato muito observado pela investigação científica: onde o meio não cria os problemas correspondentes, não apresenta novas exigências, não motiva nem estimula com novos objetivos o desenvolvimento do intelecto, o pensamento do adolescente não desenvolve todas as potencialidades que efetivamente contém, não atinge as formas superiores ou chega a elas com um extremo atraso.

O Gráfico 28 a seguir, trata sobre a questão realizada aos discentes sobre se estes costumam utilizar as mídias sociais para aprimorar e ampliar os conteúdos trabalhados em sala de aula:

Gráfico 28 - Utilização de mídias sociais para aprimoramento e ampliação dos conteúdos trabalhados em sala de aula.



Fonte: Os autores (2019).

Tecnologias da Informação e Comunicação têm sido consideradas um suporte importante para a educação porque abrangem diferentes formas de aprendizagem em oposição aos métodos tradicionais que privilegiam apenas um tipo de aprendizagem (TREVELIN, PEREIRA, NETO; 2013).

Ensinar e aprender exigem atualmente muito mais flexibilidade espaço-temporal, pessoal e de grupo, menos conteúdos fixos e processos mais abertos de pesquisa e de comunicação. Para fins educacionais, as mídias e aplicativos têm se mostrado bastante úteis, pois algumas ferramentas se mostraram aplicáveis dentro da prática didática e metodológica diária, e também como extensão nas rotinas de trabalhos extras, aqueles em que o aluno leva as tarefas para casa e assim, aprimora e amplia o conhecimento sobre os conteúdos trabalhados em sala de aula.

Nota-se com os dados coletados que a utilização das mídias sociais para auxílio educacional é realizada por 71,2% dos alunos do programa Jovem Aprendiz, conforme gráfico 28.

Para Moran (2000), aprender depende também do aluno, de que ele esteja pronto e maduro, para incorporar a real significação que essa informação tem para ele, para incorporá-la vivencialmente e emocionalmente. Enquanto a informação não faça parte do contexto pessoal, intelectual e emocional, não se tornará verdadeiramente significativa e não será aprendida verdadeiramente.

A introdução do uso de mídias sociais e sua expansão na sala de aula, permite ao aluno um olhar diferenciado e ampliado no que se refere a melhor compreensão do conteúdo estudado em diversos vieses e significados. Sendo assim, cabe ao professor oferecer uma educação instigadora, estimulante, provocativa, dinâmica, ativa desde o começo e em todos os

níveis de ensino, pois o professor que realiza essa aproximação no seu cotidiano coordena as trocas, enquanto os alunos relatam suas descobertas, socializam suas dúvidas e compartilham os resultados encontrados favorecendo assim a aprendizagem (TREVELIN, PEREIRA, NETO, 2013).

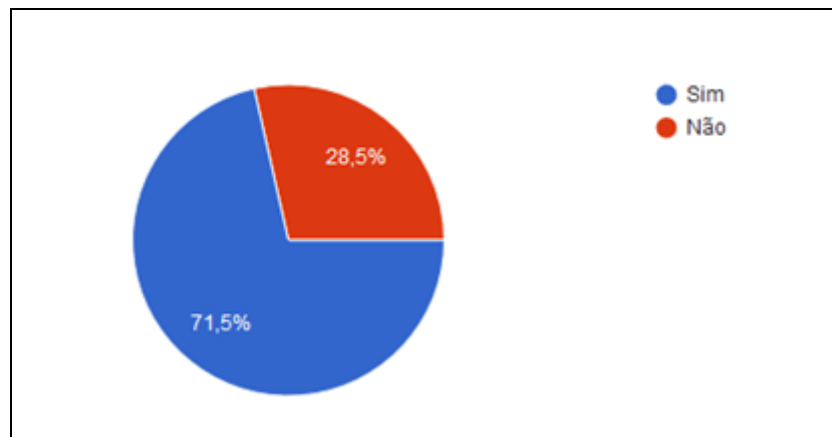
Desta forma, com a utilização das mídias, o professor ratifica a importância da utilização das redes sociais na sua prática docente como oportunidade de melhorar a relação didática com os alunos, estimulando-os e motivando-os e assim, favorecendo o aprendizado de novas propostas pedagógicas que ensinam ao aluno sobre a importância de compartilhar outros saberes vindo de relações já estabelecidas em suas redes sociais e com a comunidade, mediante a realidade atual. Pois, de acordo, com Moran (2013), vive-se em um momento em que se pode aprender estando junto fisicamente e também conectados, pode-se aprender no mesmo tempo e ritmo ou em tempos, ritmos e formas diferentes.

Os alunos também foram questionados se acreditam que as redes sociais possam ser utilizadas como uma extensão da sala de aula ou facilitador no processo de aprendizagem e 90,1% responderam positivamente, o que comprova que, com as tecnologias avançadas pode-se vivenciar processos participativos de compartilhamento do ensinar e aprender por meio da comunicação mais aberta, confiante, da motivação constante, de integração de todas as possibilidades da aula-pesquisa/aula-comunicação, em processo dinâmico e amplo de informação inovadora, reelaborada pessoalmente e em grupo, de integração do objeto de estudo em todas as dimensões pessoais: cognitivas, emocionais, sociais, éticas e utilizando todas as habilidades disponíveis do professor e do aluno (LEITE, 2017).

Pois, é importante educar para a autonomia, para que cada um encontre o seu próprio ritmo de aprendizagem e, ao mesmo tempo, possam trocar ideias, aprender em grupo, participar de projetos, realizar pesquisas individuais e em conjunto, tendo como base que o importante é educar e aprender para a cooperação.

No Gráfico 29 apresenta-se os dados obtidos para a questão realizada se os alunos já tiveram a oportunidade de utilizar jogos em sala de aula para aprender algum conteúdo novo:

Gráfico 29 - utilização de jogos em sala de aula como auxílio na aprendizagem de um conteúdo novo.



Fonte: Os autores (2019).

Para Perrenoud (2000), a maioria das pessoas se interessam, em alguns momentos, pelo jogo da aprendizagem, se lhe oferecem situações abertas, estimulantes, interessantes. Há maneiras mais lúdicas do que outras de propor a mesma tarefa cognitiva. Não é necessário que o trabalho pareça uma “via crucis”; pode-se aprender rindo, brincando, tendo prazer.

Foi questionado aos alunos se já tiveram a oportunidade de utilizar jogos em sala aula para aprender algum conteúdo novo, e apenas 71,5% responderam que sim, conforme gráfico 29. Bacich e Moran (2018), defendem que, para gerações acostumadas a jogar, a linguagem de desafios, recompensas, de competição e cooperação é atraente e fácil de perceber. Jogos individuais ou para muitos jogadores, de competições, colaboração ou de estratégias, com etapas e habilidades bem definidas, tornam-se cada vez mais presentes nas diversas áreas de conhecimento e níveis de ensino.

Diante à pergunta “Você acredita que a gamificação/ utilização de jogos ajudaria a melhorar sua aprendizagem?” 94,3% dos alunos responderam positivamente, ou seja, eles avaliam que a gamificação / utilização de jogos auxilia-os na melhoria da aprendizagem.

De acordo com Küller e Rodrigo (2013), é preciso que a estratégia de preparação para a ação considere, situe e integre a aprendizagem atual no itinerário formativo escolar dos alunos. Eles precisam entender a conexão que existe entre a aprendizagem atual e as anteriores. Além disso, em cursos de educação profissional, os alunos precisam visualizar e perceber o papel que exerce a competência que será desenvolvida pela situação de aprendizagem na composição do perfil profissional de conclusão do curso que estão frequentando, pois, quanto mais relacionada ao cotidiano e as vivências, mais significativas serão as aprendizagens. Os jogos fazem parte do universo desses alunos, dessa forma, a

utilização deste recurso favorece a correlação entre a teoria e a prática na ação a ser desenvolvida ou na resolução do problema apresentado.

Quando questionados se as salas de aulas temáticas, salas ambientes e laboratórios favorecem a aprendizagem, 97,9% dos alunos responderam que sim.

De acordo com Gomes (2013), as práticas de laboratório, que na maioria dos cursos ocorrem concomitantemente à teoria, despertam grande interesse e motivam os candidatos a conhecer adequadamente os subsídios técnicos que antecedem a prática específica. Em especial, o ato educativo se relaciona à intencionalidade dos currículos escolares, à abordagem metodológica e ao espaço onde se efetiva. Por essa via de compreensão, é possível afirmar que no Modelo Pedagógico Senac – cuja organização curricular e proposta pedagógica centra-se no desenvolvimento de competências, o espaço físico dos ambientes de aprendizagem também seja importante para o sucesso escolar dos alunos. Tal hipótese, já referenciada na literatura educacional especializada, afirma que o espaço físico é uma variável de impacto na aprendizagem, que deve se integrar ao currículo e dar suporte às metodologias educacionais empregadas. Em outras palavras, a organização desses espaços deve ser capaz de favorecer o tipo de concepção pedagógica, curricular e metodológica que fundamenta o ato educativo (SENAC, 2018).

Por fim, de acordo com os dados obtidos nesta pesquisa, foi possível analisar que os professores que atuam no Programa Jovem Aprendiz no Senac – Blumenau afirmaram conhecer sobre as metodologias ativas assim como, elaboram, planejam e utilizam metodologias ativas em sala de aula. Assim, são contempladas nas aulas, recursos didáticos variados como: estudos de caso, resoluções de problemas, jogos pedagógicos, projetos, fóruns e salas de aula invertidas. Todas essas tendo como objetivo oferecer e proporcionar um ambiente favorável para a aprendizagem como também, promover a adesão e motivação dos alunos, capacitando-os para o mercado de trabalho.

Nota-se que os professores do Programa Jovem Aprendiz no Senac – Blumenau, alegaram sentirem-se confortáveis para utilizar estes recursos variados em suas aulas e isso foi validado pelos alunos quando afirmaram estar totalmente satisfeitos com as aulas administradas pelos professores.

É importante salientar que os professores responderam nesta pesquisa que ao mostrarem-se interessados em utilizar as metodologias ativas em suas aulas não encontraram nenhum impedimento por parte da instituição Senac-Blumenau na aplicação destas em sala de aula, uma vez que, a instituição facilita e incentiva a utilização de metodologias ativas como método de ensino. Nesse sentido, a escolha por uma ou outra metodologia de ensino e

aprendizagem está relacionada ao posicionamento e à intenção pedagógica da instituição diante das demandas da sociedade e do contexto educacional. Assim analisadas, as metodologias de ensino e aprendizagem não se restringem à aula ou ao seu planejamento: elas espelham a prática social da educação em determinado contexto histórico (SENAC. DEPARTAMENTO NACIONAL, 2018).

Alunos e Professores do Programa de Aprendizagem da Faculdade Senac Blumenau avaliaram e assim consideraram as aulas ministradas dinâmicas e interessantes, apontando que os assuntos abordados são atualizados, contribuindo assim, para a formação profissional e para o alcance de seus objetivos. Também consideraram que a utilização de mídias digitais pode ampliar e facilitar o acesso às informações e gerar conhecimento.

Outro ponto importante a ser analisado, é a utilização dos jogos e da gamificação para apresentação dos conteúdos e facilitação no processo de aprendizagem, embora 25% dos professores que responderam à pesquisa referiram não ter utilizado esta ferramenta para apresentar um conteúdo novo, 96,9% acreditam que esta prática auxiliaria no processo de aprendizagem. Os alunos também concordaram que a utilização de jogos facilitaria o processo de aprendizagem.

Apesar dos alunos perceberem um alto grau de contribuição das aulas do programa para sua aprendizagem, assim como para seu desenvolvimento pessoal e profissional, encontrou-se um percentual relativamente alto (17,1%) que demonstraram não se sentirem-se motivados a participar das aulas do programa. Isto pode ser observado também por parte dos professores quando questionados se na visão deles os conteúdos apresentados, no momento da realização da pesquisa, em sala de aula despertavam a curiosidade dos alunos, onde a média de respostas recebida ficou 3,81 que apesar de ser um número próximo a pontuação máxima que representa “concordo totalmente”, representa uma visão semelhante ao percentual de alunos que discordam quanto a motivação para participação das aulas.

Nota-se que as respostas dos alunos quanto a, como estes se sentem participativos e responsáveis com sua aprendizagem está em acordo com o resultado obtido no questionamento feito aos professores sobre a forma com que estes veem as atividades aplicadas por eles em sala de aula se estas proporcionam a participação dos alunos.

Ao verificar-se, se as respostas dadas pelos pesquisados de ambos os grupos quanto a opinião sobre aulas expositivas (tradicionais) em comparação a aulas que fazem o uso de recursos variados, ambos os grupos deram respostas semelhantes onde pouco mais da metade destes indicaram a preferência por aulas que fazem o uso de recursos variados. Este resultado pode ser um complicador para o planejamento das aulas uma vez que, há um percentual

grande que discorda da maioria dos entrevistados. Porém, é interessante avaliar que, com base nas respostas de ambos os questionários direcionados à percepção dos grupos quanto a aulas e atividades que fazem o uso de recursos variados, foi possível identificar que tanto os professores, quanto os alunos percebem que aulas onde há o uso de atividades e recursos variados, assim como o uso de salas ambientes e laboratórios favorecem o processo de aprendizagem.

5 PROPOSIÇÃO

Com o presente trabalho de pesquisa bibliográfica desenvolvido e por meio da aplicação da pesquisa de atuação com os professores e alunos do Programa de Aprendizagem, foi possível perceber que muitos professores que atuam no nível básico possuíam conhecimento prévio sobre o assunto discutido e assim, já utilizavam metodologias ativas em suas aulas. Também foi possível constatar que o trabalho desenvolvido pela instituição pesquisada já oportunizava o desenvolvimento desses profissionais frente à atuação acadêmica.

Ao analisar o resultado desta pesquisa, foi possível identificar possibilidades de melhorias a serem implementadas pela instituição, a exemplo da customização das formações oferecidas aos professores, tornando-as mais personalizadas e assim, buscando atender as necessidades específicas de cada profissional, uma vez que, para desenvolver conteúdos em sala de aula, é necessário rever estratégias metodológicas e procurar o que de fato é adequado para introduzir os temas a serem trabalhados. Para Imbernón (2016), ao se pensar que um dos objetivos prioritários da formação do professorado é a formação construtiva e crítica e a auto formação que conduz à autonomia, sua finalidade deveria ser o fortalecimento de modelos autônomos de trabalho. Isso não impede que, para ser consolidados, os modelos autônomos necessitem de referências técnico-práticas e de reflexão ou de alguém que os acompanhe. A autonomia não significa necessariamente caminhar sozinho.

Oportunizar momentos formais de interação e troca de conhecimento entre os professores para que conversem com seus pares dividindo experiências bem-sucedidas como também, solicitando aconselhamento e sugestões frente a orientação de um novo conteúdo ou ao comportamento de alguma turma, também é uma estratégia a ser considerada que garantirá o desenvolvimento e formação desse profissional.

Outra proposta a ser considerada pela instituição, é o incentivo e motivação aos docentes para a participação em seminários e congressos relacionados ao tema abordado, custeando inscrições, deslocamento, alimentação e hospedagem aos professores participantes com o objetivo de estimular com que os mesmos registrem suas práticas e escrevam sobre a temática para apresentações em meio acadêmico e assim, possam ampliar seus conhecimentos e favorecer sua atuação em sala de aula .

Atrelada a proposta de incentivo, motivação e promoção de inovação na educação, a instituição também pode promover e organizar eventos estaduais com o objetivo de premiar os professores que desenvolvem suas aulas de forma inovadora. Este evento pode ser

promovido por meio de concursos para apresentação de propostas de aulas inovadoras premiando as melhores ideias, e assim estimulando os docentes. Esta prática também resultaria em um banco de atividades que possibilitaria o acesso das mesmas, por outros docentes, que a partir da publicação das ideias de inovação apresentadas, poderão incrementar suas aulas.

Deve-se considerar que, em algumas situações, ou seja, na apresentação de determinados assuntos, é difícil fugir dos métodos tradicionais. Assim, na aplicação da pesquisa identificou-se que 52,9% dos alunos consideraram que aprendem com mais facilidade com aulas somente expositivas, no entanto, este dado apresentou incoerência nas questões seguintes respondidas, onde os alunos manifestaram maior interesse por aulas que utilizam jogos e atividades dinâmicas, evidenciando a necessidade para que a equipe pedagógica desenvolva um trabalho apresentando o tema e sua prática, com o objetivo de conscientizar os alunos referente as metodologias ativas aplicadas pelos professores em sala de aula, tornando-os propagadores do diferencial metodológico utilizado pelos professores do Senac Blumenau.

Notou-se uma necessidade eminente no investimento de recursos didáticos e pedagógicos voltados para os cursos da área de gestão, como jogos de tabuleiro, de estratégias, peças de encaixes, entre outros que possam ser utilizados para dinamizar o processo de ensino, sendo este um ponto importante a ser considerado. É importante ressaltar que a instituição já investe na compra de materiais, mas precisaria envolver e engajar um pouco mais os professores nesse processo, fazendo-os participar e assim, consultando-os para a aquisição de novos materiais e jogos. Aponta-se como algo a ser avaliado a destinação de uma verba específica para aquisição de novos materiais/jogos e manutenção dos existentes, como uma estratégia importante a ser considerada.

Ao identificar o desenvolvimento exponencial das tecnologias, o profissional docente necessita de atualização constante, tendo que utilizar metodologias capazes de atrair, motivar, seus alunos para os assuntos a serem abordados em sala de aula. Precisa ter presente que o conhecimento é acessado facilmente pelos mais variados meios, que o docente não é mais o detentor do saber. Desta forma, a diversificação das atividades oferecidas e realizadas, dinamizando as aulas, pode ser considerado uma proposta importante para redução da evasão e aumento da satisfação por parte dos alunos e professores. Conforme Gil (2012), à medida que a ênfase é colocada na aprendizagem, o papel predominante do professor deixa de ser o de ensinar, e passa a ser o de ajudar o aluno a aprender.

Dando continuidade à diversificação das metodologias ativas, uma proposta significativa é a introdução da Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL), que é considerada uma estratégia de ensino que está centrada no aluno. Possui uma metodologia ativa, fazendo com que os estudantes trabalhem com o objetivo de conhecer, compreender e solucionar situações desafiadoras. A metodologia é *Problematizadora* e está centrada nas perguntas, na pesquisa, no aprender a pensar, a criar hipóteses e testá-las (com base no conhecimento prévio e nas novas descobertas); tem como base a identificação e resolução de problemas, onde o estudante deve aprender a fazer perguntas e a trabalhar cooperativamente para respondê-las. Os alunos não copiam nem absorvem ideias do mundo externo, mas constroem seus conceitos por meio da observação e experimentação ativa e pessoal. Para Berbel (1998), a PBL, metodologia da problematização, é uma estratégia de ensino, estudo e trabalho que pode ser utilizada sempre que for oportuno, em situações onde os temas estejam relacionados com assuntos da sociedade. Além disso, a inclusão da PBL, e outras metodologias ativas, também se torna ferramenta didática importante, principalmente quando há turmas com alunos de cursos, que possuem conhecimentos prévios e interesses distintos como é o caso encontrado nas configurações das turmas do programa de aprendizagem do Senac Blumenau.

Existem melhorias estruturais e tecnológicas que podem vir a ser aplicadas em sala de aula com a finalidade de auxiliar os professores e visando novamente aumentar a interação e participação dos estudantes no processo de ensino vivido por eles. Muito se fala em interação e foco no estudante, assim, o espaço físico da sala de aula deve possibilitar que isto ocorra e o layout tradicional de mesas pode ser melhorado com este objetivo. O uso de mesas e bancadas de diferentes formatos e tamanhos possibilita que os alunos se reúnam em grupos maiores e se sintam mais confortáveis, além de facilitar a troca de ideias durante as aulas, favorecer a criatividade e a aplicação de atividades em grupos por parte dos professores. A revitalização das salas de aula resultaria em um melhor uso do espaço tornando este mais amplo, mais agradável e influenciando na disposição e motivação dos estudantes em aprender.

Por fim, além dos ajustes do mobiliário, pode ser feito também o uso da tecnologia para agregar valor ao processo educacional da instituição e colocar o aluno como parte ativa do processo de aprendizagem. A aplicação do conceito de sala de aula invertida pode ser feita através do uso de fóruns online na internet onde o professor pode direcionar o aluno em seus estudos fora da sala de aula com a disponibilização de materiais básicos e roteiros referente os assuntos de estudos com o uso de mídias diversificadas (textos, imagens, vídeos), estimulando nos estudantes o processo de pesquisa. A sala de aula se torna neste formato um ambiente

para socialização do conhecimento adquirido pelos estudantes em seus estudos, tendo o professor como orientador e mediador deste processo, e permite que a aula presencial seja direcionada a atividades mais criativas e supervisionadas.

De acordo com o que já foi exposto, sugere-se como proposta de aplicação as ações apresentadas na tabela a seguir:

Quadro 4 – Propostas.

Proposta:	Sugestão para aplicação:	Investimento:
Customização das formações oferecidas aos professores.	Realização de pesquisa para identificar demanda e utilização do resultado para promoção das formações oferecidas aos professores.	Não há necessidade de investimento, pois poderá ser utilizada o Google Forms (software livre) para aplicação da pesquisa.
Oportunizar a participação em seminários e congressos relacionados ao tema.	Incentivar os professores a registrarem suas práticas e escreverem sobre a temática para apresentarem em meio acadêmico.	Custear as inscrições, deslocamento, alimentação e hospedagem aos professores participantes.
Oportunizar momentos formais de interação e troca de conhecimento entre os professores.	Promoção de encontros organizados pela equipe pedagógica quinzenalmente para troca e socialização de atividades desenvolvidas entre os pares.	Proporcional ao valor hora/aula do professor de nível básico – 1 hora.
Investimento em recursos didáticos e pedagógicos com destinação de uma verba específica para aquisição de novos materiais/jogos e manutenção dos existentes.	Por meio dos dados obtidos na pesquisa e nos encontros pedagógicos, definir a necessidade de aquisição de novos materiais/jogos e manutenção dos existentes.	Levantamento feito após dados coletados na pesquisa e formação com os professores, definição de um percentual para aquisição dos materiais, conforme aprovação da Direção.
Diversificação das atividades oferecidas e realizadas: -Introdução da Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL); - Aplicação da atividade de sala de aula invertida.	Promoção de capacitações aos professores voltadas para instrumentalizar os professores na diversificação das atividades e implementação das metodologias ativas.	Proporcional ao valor hora/aula do professor de nível básico, de acordo com o número de professores e carga horária da formação.
Troca do mobiliário das salas de aula, com substituição das mesas utilizadas pelos alunos e revitalização do espaço como um todo.	Criar uma sala modelo na área de gestão do Senac, avaliando sua efetividade e posterior aplicação para demais salas.	Contratação de projeto arquitetônico, reforma e aquisição de materiais permanentes para reestruturação do espaço.

Organização de eventos estaduais com o objetivo de premiar professores que desenvolvem suas aulas de forma inovadora.	Promover concursos para apresentação das propostas de aulas inovadoras premiando as melhores ideias.	Lançamento de edital, criação de ambiente de inscrição, investimento com premiação e organização do evento (local, organização, alimentação, hospedagem).
---	--	---

Fonte: Os autores (2019).

6 CONCLUSÃO

Este estudo foi realizado tendo como objetivo, propor alternativas para implementação da gestão da inovação para a atuação do professor da modalidade de Formação Inicial e Continuada na Educação do Nível Básico da Faculdade Senac Blumenau.

Esta escolha deu-se primeiramente pelo interesse dos pesquisadores sobre o tema escolhido como também, por perceberem a necessidade e importância da realização do estudo para a contribuição e aprimoramento da instituição pesquisada, favorecendo assim os docentes e alunos do Programa Jovem Aprendiz.

Desta forma, a partir do desenvolvimento deste estudo, foi possível analisar as práticas dos professores durante o processo de ensino desempenhado no programa Jovem Aprendiz do Senac - Blumenau, assim como a avaliação deste processo também na visão dos alunos que participam do programa. Em várias áreas do conhecimento humano novos processos e modelos vem sendo desenvolvidos e aprimorados com o passar dos anos, e o mesmo ocorre dentro do modelo educacional que tem sido alterado e melhorado para uma visão mais global e humana, criando a necessidade do constante desenvolvimento dos agentes da educação.

Mais do que se propor a entregar ensino aos alunos, deve haver a preocupação de atender as necessidades e expectativas destes, promovendo um ensino de qualidade através da utilização de metodologias de ensino diversificadas que saiam do comum já conhecidas e utilizadas. Assim, com a aplicação da pesquisa realizada aos professores e alunos, foi possível identificar a percepção de ambos os grupos, com relação ao uso de novas formas e práticas de ensino durante as aulas, como também, a visão dos professores com relação as necessidades destes dentro da instituição para a aplicação de novas metodologias durante o processo de ensino.

Durante a fundamentação deste trabalho foi possível conhecer e avaliar o que são metodologias ativas e as possíveis formas de aplicação destas no processo de ensino realizado pelos professores ofertadas aos alunos. Por meio deste estudo e da pesquisa aplicada, foi identificado que os professores do Programa Jovem Aprendiz já fazem o uso de alguns tipos de metodologias ativas durante suas aulas. Desta forma, foi apresentado na proposição a possibilidade de expandir o uso destas nas salas de aula, assim como a constante capacitação dos professores com relação ao tema para trabalhar o mindset destes profissionais, tornando o assunto algo comum e de fácil aplicação a todos os docentes.

Levando em consideração o estudo realizado acerca dos temas apresentados durante o trabalho, fica como sugestão o desenvolvimento de estudos de acompanhamento de alunos

envolvidos em sua aprendizagem com metodologias ativas afim de validar o desempenho destas em um processo de formação completa. Outro ponto identificado se refere a carência de material referente ao trabalho sobre o mindset de profissionais da área, havendo a possibilidade de um estudo voltado para o assunto, tornando-se um limitador desta pesquisa.

Além disso, a complexidade e amplitude do tema abordado, juntamente com o desenvolvimento deste trabalho gerou muita curiosidade acerca de outros temas que podem ser pesquisados gerando futuros estudos como:

- Investigar o impacto na utilização das metodologias ativas para a redução da evasão escolar.
- A modificação comportamental a partir do ensino pautado no desenvolvimento de competências.
- A utilização de Metodologias Ativas para diminuir a indisciplina em sala de aula.
- O Planejamento como ferramenta indispensável na prática docente.
- O aluno e o professor, várias faces do ensinar e aprender.

Por fim, conclui-se que os objetivos propostos pela pesquisa foram todos alcançados, oportunizando assim crescimento pessoal e acadêmico aos autores por meio da ampliação de conhecimentos teóricos e práticos, como também, possibilitando relacionar diversos assuntos abordados em várias disciplinas do curso dentro deste estudo.

REFERENCIAS

ABBAD, G; BORGES-ANDRADE, J. E. Aprendizagem humana em organizações de trabalho. In: ZANELLI, J. C.; BORGES-ANDRADE, J. E.; BASTOS, A. V. B. (Orgs). **Psicologia, Organizações e Trabalho no Brasil**. Porto alegre: Artmed. 2004.

ABREU, M. C.; MASETTO, M. T. **O professor universitário em aula**. 11^a ed. São Paulo: MG Ed. Associados. 1990.

ANTUNES. C. **Professores e professauros**: reflexões sobre a aula e práticas pedagógicas diversas – 6. Ed. Petrópolis. RJ: Vozes. 2012.

ARAÚJO, E. M. NETO, J. D. O. CAZARINI, E. W. OLIVEIRA, S. R. M. **A gestão da inovação na educação a distância**. Revista Gest. Prod. São Carlos. v. 20, n. 3, p. 639-651. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-530X2013000300010&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 27/02/2019.

BACICH. L. MORAN. J. (org). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre. Penso. 2018.

BRASIL. IBGE. PNAD-C - **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. 2017. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 17/04/2019.

BRASIL. DECRETO Nº 8.621/1946. **Serviço Nacional de Aprendizagem**. 1946.

BECKER, F. **Educação e construção de conhecimento**. 2º ed. Porto Alegre. Penso. 2012.

BERBEL. N. A. N. **A problematização e a aprendizagem baseada em problema**. Revista Interface. Comunicação, Saúde, Educação. V.2, 1998. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/icse/v2n2/08>. Acesso em: 19/05/2019.

_____. **As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes**. Semina: Ciências Sociais e Humanas, Londrina. v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/10326/0>> Acesso em: 27/04/2019.

BES, F. T.; KOTLER, P. **A bíblia da inovação**. São Paulo. Leya. 2011.

BORGES. T. S.; ALENCAR, G. **Metodologias ativas na promoção da formação crítica do estudante**: o uso das metodologias ativas como recurso didático na formação crítica do estudante do ensino superior. Cairu em Revista. 2014. Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/47300771/08_METODOLOGIAS_ATIVAS_NA_PROMOCAO_DA_FORMACAO_CRITICA_DO_ESTUDANTE.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1555890515&Signature=70qz94qkc0zrdvIayia6%2Bf1C0%2Fw%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DMETODOLOGIAS_ATIVAS_NA_PROMOCAO_DA_FORMA.pdf>. Acesso em: 20/04/2014.

BORGES-ANDRADE, J. E. ABBAD, G, MOURÃO, L. **Treinamento, desenvolvimento e educação em organizações e trabalho**: fundamentos para a gestão de pessoas. Porto Alegre Artmed. 2007.

BLOG MORAN. **Educação transformadora**. Disponível em: <blog www2.eca.usp.br/moran>. Acessado em 02/02/2019.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

CADERNOS DO GEA. **Grupo estratégico de análise da educação superior no brasil**. N°.6. jul./dez. Rio de Janeiro. 2014. Disponível em: <http://flacso.org.br/?publication-type=cadernos&gea=GEA>. Acesso em: 11/04/2019.

CAMARGOS, M. A.; CAMARGOS. M. C. S.; MACHADO. C. J. **Análise das preferências de ensino de alunos de um curso superior de administração de minas gerais**. Revista de Gestão USP. São Paulo. v. 13, n. 2, p. 1-14, abril/junho. 2006. Disponível em: <www.journals.usp.br/rege/article/viewFile/36554/39275>. Acesso em: 15/04/2019.

CARVALHO, A. V. **Administração de Recursos Humanos**. São Paulo: Pioneira. 2017.

CARVALHO, C. et al. **Educação jesuítica: contexto, surgimento e desdobramentos**. Revista Eletrônica de Ciências da Educação, Campo Largo, v. 7, n. 2, nov. 2008. Disponível em: <http://www.periodicosibepes.org.br/index.php/reped/article/view/474/363>. Acesso em: 16 de set. 2018.

CASTOLDI. R. POLINARSKI, C. A. **A utilização de recursos didático-pedagógicos na motivação da aprendizagem**. In: I simpósio Internacional de Ensino e Tecnologia. 2009. Disponível em: <http://www.sinect.com.br/anais2009/artigos/8%20Ensinodecienciasnasseriesiniciais/Ensinodecienciasnasseriesinicias_Artigo2.pdf>. Acesso em: 24/04/2019.

CHIAVENATO, I. **Recursos Humanos: o capital humano das organizações**. São Paulo -SP: Editora Atlas, 8ª edição, 2006.

CHIZZOTTI, A. Metodologia do ensino superior: o ensino com pesquisa. In: CASTANHO, S.; CASTANHO, M. E. (orgs.). **Temas e textos em metodologia do ensino superior**. 7ªed. Campinas, SP: Papirus. 2001.

COOPER, D. R.; SCHINDLER, P. S. **Métodos de Pesquisa em Administração**. 10ª Ed. Porto Alegre: Editora Bookman. 2011.

DE NEGRI, A. SALERMO, M. DE CASTRO, A. B. inovações, padrões tecnológicos e desempenho das firmas industriais brasileiras. In: DE NEGRI, A. SALERMO, M (Orgs). **Inovações, padrões tecnológicos e desempenhos das firmas industriais brasileiras**. Brasília: IPEA, 2005. Cap 1. p. 5 – 46.

DWECK, C.S. **Mindset: a nova psicologia do sucesso**. São Paulo. Objetiva. 2017.

DRUCKER, P. **A nova sociedade das organizações**. In: HOWARD, R. (Org.) Aprendizado organizacional. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

DURKHEIM, E. **Educação e Sociologia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

FERNANDES, J. C. L.; CAZONATO, R. J. **A universidade, o indivíduo e a sociedade**. Revista café com Sociologia. v 3, n. 2, p. 82 - 94, 2014.

FREIRE. P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro/São Paulo. Paz e Terra. 1996.

GADOTTI, M. **Educação e Poder**: introdução à pedagogia do conflito. 10 ed. São Paulo: Cortez, 1991.

GEORGE. M. **Mindsets**: altere suas percepções, crie novas perspectivas e mude seu modo de pensar. Petrópolis. Vozes. 2017.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2010.

_____. **Didática do ensino superior**. São Paulo: Atlas, 2011.

_____. **Didática do ensino superior**. 1ª edição. 7ª reimpressão. São Paulo: Atlas. 2012.

GOLEMAN. D. **Inteligência emocional**: A teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. São Paulo. Objetiva. 2012.

GOMES, H. M. **A ação docente na educação profissional**. 2 ed. São Paulo: Editora Senac. 2013.

GOMES. M. A. F., SOUZA. M. A., CALDEIRA. I. C., DIAS. F. M. **Análise do uso de Metodologias Ativas nas práticas docentes de uma instituição de ensino superior brasileira – Unileste**. Revista: Int. J. Activ. Learn. v. 2, n. 1, p. 53-62, jan./jun. Rio de Janeiro. 2017. Disponível em: <<http://www.revistas.unisuam.edu.br/index.php/ijoaal/article/download/82/23/>>. Acesso em: 21/04/2019.

GRAY, D. E. **Pesquisa no mundo real**. 2. ed. Porto Alegre: Editora Penso. 2012.

GUIMARÃES, J. C. F. SEVERO, E. A. NOBREGA, K. C. LEONE, N. M. C. P. G. **A influência da inovação no ensino, qualidade e comprometimento sobre a retenção de alunos no ensino superior**. Revista GUAL. Florianópolis. v. 12, n. 1, p. 249-269, janeiro-abril 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/gual/article/view/1983-4535.2019v12n1p249/38110>>. Acesso em: 02/03/2019.

GUIMARAES, S. E. R. BORUCHOVITCH, E. **O estilo motivacional do professor e a motivação intrínseca dos estudantes**: uma perspectiva da Teoria da Autodeterminação. Psicol. Reflex. Crit. vol.17, n.2. 2004. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?pid=S010279722004000200002&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 16/04/2019.

HAIR JR. J. F et al. **Fundamentos de métodos de pesquisa em administração**. Porto Alegre: Editora Bookman, 2005.

IMBERNÓN, F. **Qualidade do ensino e formação do professorado: uma mudança necessária**. São Paulo. Cortez. 2016.

ITAMARATY. **Denominações das Instituições de Ensino Superior (IES)**. Disponível em: <http://www.dce.mre.gov.br/nomenclatura_cursos.html>. Acessado em 03/03/2019.

JANER, L. **Tecnologia e educação: o valor real das instituições educacionais deve estar na experiência que oferece ao aluno**. Revista INOVEDUC. Folha Dirigida. Maio. pág.44. 2018. Disponível em: <<https://inoveduc.com.br/wp-content/uploads/2018/05/REVISTA-MAIO-2018-INOVAEDUC-SITEa.pdf>>. Acesso em: 03/03/2019.

KÜLLER, J. A.; RODRIGO, N. F. **Metodologia de desenvolvimento de competências**. Rio de Janeiro: Senac Nacional. 2013.

LEITE, B. S. **Gamificando as aulas de química: uma análise prospectiva das propostas de licenciandos em química**. Novas Tecnologias na Educação - CINTED-UFRGS. nº 2V. 15. dezembro, 2017. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/renote/article/view/79259/46153>>. Acesso em: 23/04/2019.

LÜCK, H. **Ação integrada: administração, supervisão e orientação educacional**. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. **Dimensões de gestão escolar e suas competências**. Curitiba: Editora Positivo. 2009.

LUCKESI C. C. **Avaliação da Aprendizagem componente do ato pedagógico**. São Paulo. Cortez. 2011.

MACHADO, A. **História da educação**. 3. ed. Florianópolis: UDESC, 2002.

MADEIRA, M. C. Situações em que a aula expositiva ganha eficácia. In: **Educere – XII Congresso Nacional de Educação**. Araçatuba. PUCPR. 2015. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/21752_10083.pdf>. Acesso em: 15/04/2019.

MAINARDES, E.; DOMINGUES, M.; DESCHAMPS, M. **Quality evaluation of education in institutions of higher learning in Joinville, sc**. REGE Revista de Gestão, v. 16, n. 1, p. 17-32, 1 mar. 2009.

MANSANO, E, L, de S. **Gestão de recursos escolares**. São Paulo: Know-How, 2010.

MASETTO, M. T. Atividades pedagógicas no cotidiano da sala de aula universitária: reflexões e sugestões práticas. In: CASTANHO, S.; CASTANHO, M. E. (orgs.). **Temas e textos em metodologia do ensino superior**. 7ª ed. Campinas. SP: Papirus. 2001.

MASSETO, M. **Inovação na Educação Superior**. Revista Interface - Comunic., Saúde, Educ. v.8, n.14, p.197-202, set.2003-fev.2004. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/icse/2004.v8n14/197-202/>>. Acesso em 23/02/2019.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing**. São Paulo. Atlas. 2001.

MESSINA, G. **Mudança e inovação educacional**: notas para reflexão. Cad. Pesqui. [online]. n.114, p.225-233. 2001. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742001000300010>>. Acesso em: 03/03/2019.

MICHAELIS, H. **Dicionários online**. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br>>. Acesso em: 03/03/2019.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC) ou Qualificação Profissional**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cursos-da-ept/formacao-inicial-e-continuada-ou-qualificacao-profissional>>. Acessado em 03/03/2019.

MIRANDA, S. **Como se tornar um educador de sucesso**: dicas, conselhos, propostas e ideias para potencializar a aprendizagem. 3º ed. Petrópolis, RJ. Vozes. 2012.

MORAES, C. R. VARELA, S. **Motivação do Aluno Durante o Processo de Ensino-Aprendizagem**. Revista Eletrônica de Educação. N. 01, p. 01-15, ago./dez. 2007. Disponível em: <http://web.unifil.br/docs/revista_eletronica/educacao/Artigo_06.pdf> . Acesso em: 29/04/2019.

MORAN, J. M. **Mudar a forma de ensinar e aprender**. Revista Interações. Vol. V. p.57-72. São Paulo 2000. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_eduacacao/uber.pdf>. Acesso em: 12/04/2019.

_____. **A integração das tecnologias na educação**. A Educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá. 5 ed. Campinas: Papirus, 2013.

MOREIRA, A.; Barbosa, F. **Currículo e Programas no Brasil**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

MORETTO, V. P. **Prova**: um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas. Rio de Janeiro. Lamparina. 2010.

MOTTA, A. **A importância da pesquisa na construção de conhecimento**. 2011. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-da-pesquisa-na-construcao-de-conhecimento/76090/>>. Acesso em: 17/02/2019.

MUNHOZ, A. S.; MARTINS, D. R. **Gameificação**: perspectivas de utilização no ensino superior. Experiência inovadora. Relatório de estudo concluído. Curitiba-PR. 2014. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/hotsite/20-ciaed/pt/anais/pdf/91.pdf>>. Acesso em 13/04/2019.

NASSIF, J. V.; CHIRELLI M. Q. **Processo de formação de professores para atuar em metodologias ativas. Investigação**. Qualitativa em Educação. Vol 1. 2018. Disponível em: <<https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2018/article/view/1644>>. Acesso em: 13/04/2019.

NOGARO, A.; BATTESTIN, C. **Sentidos e cotornos da inovação na educação**. HOLOS, vol. 2, p. 357-372. 2016. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/3097>>. Acesso em: 03/03/2019.

PAIVA, M. R. F.; PARENTE, J. R. F.; BRANDÃO, I. R.; QUEIROZ, A. H. B. **Metodologias ativas de ensino-aprendizagem: revisão integrativa**. SANARE. Sobral. V.15 n.02, p.145-153, Jun./Dez. 2016. Disponível em: <<https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/1049>>. Acesso em: 23/04/2019.

PEDRO, M. J. C.; OLIVIERI, M. F. A. **Gestão de pessoas na educação**. 2008. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/artigos/marketing/gestao-de-pessoas-na-educacao/23866/>>. Acesso em: 10/02/2019.

PERRENOUD, P. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artmed. 1999.

_____. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

PILATI, R. **Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed. 2016.

PONTES. E. H. S. **Mindset** – condicionamento mental para a melhor performance. Revista Psicologia e saberes. V 7. N° 9. 2018. Disponível em: <<http://revistas.cesmac.edu.br/index.php/psicologia/article/view/858>>. Acesso em: 31/01/2019.

POZO, J.J. **Gestão por competências: uma contribuição a estratégia das organizações**. Porto Alegre: Artmed. 2014.

RANGEL, M. **Métodos de ensino para aprendizagem e a dinamização das aulas**. 5ª ed. Campinas. SP: Papirus, 2010.

RANK, L., EMEDIATO, G.; OSÓRIO. H. H. G. **Manual de inovação**. Brasília: Movimento Brasil Competitivo. 2008. Disponível em: <<file:///C:/Users/User/Downloads/Manual%20de%20Inovacao.pdf>>. Acesso em: 03/03/2019.

RECH, I. M.; VIÊRA, M. M.; ANSCHAU, C. T. Geração Z, os nativos digitais: como as empresas estão se preparando para reter esses profissionais. **Revista Tecnológica**. v. 6, n. 1, p. 152 – 166 set. 2017. Disponível em: <<https://uceff.edu.br/revista/index.php/revista/article/view/223>>. Acesso em: 25/04/. 2019.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROCHA, M. A. S. **A educação pública antes da independência**. 2005. Disponível em: <<http://goo.gl/0XDQbV>>. Acesso em: 16 set. 2018.

ROMANELLI, O. O. **História da educação no Brasil**. . Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

SALES. G. LL.; CUNHA, J. L.; GONÇALVES A. J.; SILVA. J. B.; SANTOS. R. L. **Gamificação e ensinagem híbrida na sala de aula de física: metodologias ativas aplicadas aos espaços de aprendizagem e na prática docente**. Conex. Ci. e Tecnol. v. 11, n. 2. Fortaleza/CE. p. 45 - 52, jul. 2017. Disponível em: <<http://conexoes.ifce.edu.br/index.php/conexoes/article/view/1181>>. Acesso em: 25/04/2019.

SALORENZO, L. H. **Avaliação de impacto de treinamento no trabalho**: analisando e comparando modelos de predição. Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília. Brasília. 2015.

SANTOS, S. C. **O processo de ensino-aprendizagem e a relação professor-aluno**: aplicação dos sete princípios para a boa prática na educação de Ensino Superior. *REGE Revista de Gestão*. V. 08, nº 1, janeiro/março. São Paulo. 2010. Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/43810491/v081art07.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1555889790&Signature=vhG28gMxb7htS3gTPg99w2eoZ0g%3D&responsecontentdisposition=inline%3B%20filename%3DO_PROCESO_DE_ENSINOAPRENDIZAGEM_E_A_RE.pdf> Acesso em: 24/04/2019.

SANCHES, C. **Inovação e tecnologia no ambiente escolar**. Revista: INOVEDUC: Folha Dirigida. Outubro. pág.15. 2017. Disponível em: <<http://inoveduc.com.br/wp-content/uploads/2017/10/REVISTA-INOVEDUC-OUTUBRO2017-SITE.pdf>>. Acesso em: 03/03/2019.

SCHULTZ, R. **Formação docente**: a terceira margem no ofício de aprender e ensinar. 2007. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/268300302_Gestao_da_educacao_inovacao_e_mudanca>. Acesso em: 28/02/2019.

SENAC. **Avaliação da aprendizagem**. Departamento Nacional. Rio de Janeiro. 2015.

_____. **Planejamento docente**: Coleção de Documentos Técnicos do Modelo Pedagógico. Rio de Janeiro. 2015.

_____. **Metodologias ativas de aprendizagem**. Senac. Departamento Nacional. Rio de Janeiro. 2018.

_____. **Ambientes de aprendizagem**. Senac. Departamento Nacional. 2018.

SILVA, T. T. **Identidades terminais: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

SIMÃO, F. **Ensino gamificado: o início de uma nova era**. Revista: INOVEDUC: Folha Dirigida. Novembro. pág. 67, 2017. Disponível em: <<http://inoveduc.com.br/wp-content/uploads/2017/03/REVISTA-INOVACAO-EDUCACAO-NOVEMBRO-2016.pdf>>. Acesso em 03/03/2019.

SHIGUNOV, N., MACIEL, A. **O ensino jesuítico no período colonial**. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

SUANNO, J. H. **Inovação na educação**: uma visão complexa, transdisciplinar e humanista. IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE. PUCPR. 26 a 29 de outubro de 2009. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/3483_1988.pdf>. Acesso em 03/03/2019.

SUHR, I. R. F. **Desafios no uso da sala de aula invertida no ensino superior**. Revista. Transmutare. Curitiba, v. 1, n. 1, p. 4-21, jan./jun. 2016. Disponível em: <<https://revistas.utfpr.edu.br/rtr/article/view/3872>>. Acesso em: 28/04/2019.

TEBAR, L. **O perfil do professor mediador: pedagogia da mediação**. São Paulo. Editora Senac. 2011.

TIGRE, P. B. **Gestão da inovação: a economia da tecnologia no Brasil**. Rio de Janeiro. Elsevier Editora. 2014.

TREVELIN, A. T. C.; PEREIRA, M. A. A. NETO, J. D. O. **A utilização da “sala de aula invertida” em cursos superiores de tecnologia: comparação entre o modelo tradicional e o modelo invertido**. Revista de Estilos de Aprendizagem. nº12. Vol 11. outubro de 2013. Disponível em: <<http://learningstyles.uvu.edu/index.php/jls/article/viewFile/12/51>>. Acesso em: 17/04/2019.

VEIGA, I. P. A. Ensino e avaliação: uma relação intrínseca à organização do trabalho pedagógico. In: _____ (org). **Didática; o ensino e suas relações**. Campinas. SP. Papirus. 2010.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Editora Atlas S.A. 2014.

VIELLA, M. A. L. Das intenções aos objetivos educativos. In: CASTANHO, S. CASTANHO, M. E (orgs.). **Temas e textos em metodologia do ensino superior**. 7ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2001.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e linguagem**. São Paulo. Martins Fontes. 2003.

VYGOTSKY, L. S; LEONTIEV, A.; LURIA, A. R. et al. **Psicologia e Pedagogia: Bases Psicológicas da Aprendizagem e do Desenvolvimento**. São Paulo. Centauro. 2007.

VOLPE, R.A.; LORUSSO, C. B. **A importância do treinamento para o desenvolvimento do trabalhador**. Revista Psicologia.com.pt. 2009. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0136.pdf>>. Acesso em 10/02/2019.

ZABALA, A. **Como aprender e ensinar competências**. Porto Alegre. Artmed. 2010.

ZANELLI, J. C.; SILVA, N. **Interação humana e gestão: a construção psicossocial das organizações de trabalho**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2015.

APÊNDICE A - PESQUISA METODOLOGIA ATIVAS SENAC JOVEM APRENDIZ / PROFESSOR

Pensando em melhorar os processos de formação continuada para os professores que atuam no programa de Jovem Aprendiz, foi elaborada a pesquisa abaixo que nortearão as futuras capacitações.

1) Idade:

- 20 a 24 anos
- 25 a 29 anos
- 30 a 34 anos
- 35 a 39 anos
- 40 a 44 anos
- 45 a 49 anos
- 50 a 54 anos
- 55 a 59 anos
- 60 anos ou mais

2) Sexo:

- Masculino Feminino

3) Escolaridade:

- Graduação Incompleto
- Graduação Completo
- Pós Graduação Incompleto
- Pós Graduação Completo
- Mestrado Incompleto
- Mestrado Completo
- Doutorado Incompleto
- Doutorado Completo

Sobre o ambiente de aula, responda as questões abaixo:

4) Você conhece o que são metodologias ativas?

- Sim Não

5) Você utiliza alguma metodologia ativa em sala de aula?

- Não utilizo
- Sala de aula invertida
- Estudo de caso
- Resolução de problemas
- Projetos
- Fórum
- Jogos pedagógicos (jogos empresariais/gameificação)

6) Utiliza recursos didáticos diferenciados?

- Sim Não

7) Você se sente confortável em utilizar recursos variados durante suas aulas?

- Sim Não

8) O local em que você trabalha proporciona treinamento e desenvolvimento para você melhorar a qualidade do seu trabalho?

Sim Não

9) O local que você trabalha disponibiliza material didático e tecnológico para sua atuação em sala de aula?

Sim Não

10) Você considera que os programas de treinamento e desenvolvimento oferecidos pela instituição favorecem e auxiliam no seu planejamento e desempenho das aulas?

Sim Não

11) Você está satisfeito com o material didático e tecnológico disponibilizado pelo seu local de trabalho?

Sim Não

12) Você considera suas aulas dinâmicas e interativas?

Sim Não

13) Você utiliza as mídias sociais para aprimorar e ou ampliar estratégias para apresentar os conteúdos a serem trabalhados em sala de aula?

Sim Não

14) Você acredita que as redes sociais possam ser utilizadas como uma extensão da sala de aula ou facilitador no processo de aprendizagem?

Sim Não

15) Você já teve a oportunidade de utilizar jogos em sala de aula para ensinar algum conteúdo novo?

Sim Não

16) Você acredita que a gamificação/utilização de jogos ajudaria a melhorar suas aulas tornando melhor o processo de aprendizagem dos seus alunos?

Sim Não

17) Você já teve interesse no uso de metodologias ativas mas encontrou algum tipo de impedimento por parte da instituição de ensino na aplicação destas nas aulas?

Sim Não

18) A instituição que você atua facilita e incentiva a utilização de metodologias ativas como método de ensino?

Sim Não

Em uma escala de 1 a 5, onde 1 representa "Discordo totalmente" e 5 "Concordo totalmente", avalie:

19) Os conteúdos apresentados em sala de aula atualmente despertam a curiosidade dos alunos.

1 2 3 4 5

20) As atividades utilizadas atualmente em sala de aula proporcionam a participação do aluno.

1 2 3 4 5

21) Um professor deve estar disposto a aprender mais sobre metodologias ativas.

1 2 3 4 5

22) Uma aula somente expositiva facilita o processo de aprendizagem do aluno.

1 2 3 4 5

23) Uma aula utilizando atividades e recursos variados facilita o processo de aprendizagem do aluno.

1 2 3 4 5

APÊNDICE B - PESQUISA METODOLOGIA ATIVAS SENAC JOVEM APRENDIZ / ALUNO

Pensando em melhorar os processos de aprendizagem e ensino para os Jovens Aprendizizes, precisamos da sua colaboração respondendo a pesquisa abaixo que possibilitará a melhoria da atuação dos professores.

1) Idade:

- 10 a 14 anos
- 15 a 19 anos
- 20 a 24 anos
- 25 a 29 anos
- 30 a 34 anos
- 35 a 39 anos
- 40 a 44 anos
- 45 a 49 anos
- 50 a 54 anos
- 55 a 59 anos
- 60 anos ou mais

2) Sexo:

- Masculino Feminino

3) Escolaridade:

- Ensino Fundamental Incompleto
- Ensino Fundamental Completo
- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Médio Completo
- Graduação Incompleto

4) Tipo de escola que cursa/cursou o ensino fundamental ou médio?

- Ensino Público Ensino Privado

5) Em sua opinião, você aprende com mais facilidade em uma aula expositiva (tradicional), ou em uma aula com recursos variados onde haja trocas entre professores e alunos?

- Aula expositiva (tradicional) Aula com recursos variados

Em uma escala de 1 a 5, onde 1 representa "Não contribuem" e 5 "Contribuem muito", responda:

6) Você considera que as aulas administradas pelos professores do Programa Jovem Aprendiz contribuem para sua aprendizagem?

- 1 2 3 4 5

7) Você considera que as aulas administradas pelos professores do Programa Jovem Aprendiz contribuem para seu desenvolvimento pessoal e profissional?

- 1 2 3 4 5

Em uma escala de 1 a 5, onde 1 representa "Totalmente insatisfeito" e 5 "Totalmente satisfeito", responda:

8) Como você avalia as aulas administradas quando os professores utilizam recursos variados (Trabalhos em grupos, jogos, pesquisas, estudo de caso, resolução de problemas, projetos, fórum, ...) para ensinar?

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5

9) Como você avalia as atividades utilizadas em sala de aula pelos professores?

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5

Responda as questões abaixo selecionando entre as opções de "Sim" ou "Não":

10) Você avalia as aulas administradas pelos professores no Programa Jovem Aprendiz como dinâmicas e interessantes?

() Sim () Não

11) Você considera que os assuntos abordados pelos professores no Programa Jovem Aprendiz são atualizados?

() Sim () Não

12) Os professores do Programa Jovem Aprendiz propiciam espaços em que você possa expressar suas opiniões sobre os conteúdos abordados e assim possa contribuir com a aprendizagem em sala de aula?

() Sim () Não

13) Você se sente agente participativo e responsável pela sua aprendizagem?

() Sim () Não

14) Você se sente interessado e motivado em participar das aulas do Programa Jovem Aprendiz?

() Sim () Não

15) Na sua opinião as aulas somente expositivas (tradicionais) auxiliam na sua aprendizagem?

() Sim () Não

16) Você considera que as atividades utilizadas em sala de aula pelos professores vão ao encontro aos seus objetivos?

() Sim () Não

17) Você utiliza as mídias sociais para aprimorar e ou ampliar os conteúdos trabalhados em sala de aula?

() Sim () Não

18) Você acredita que as redes sociais possam ser utilizadas como uma extensão da sala de aula ou facilitador no processo de aprendizagem?

() Sim () Não

19) Você já teve a oportunidade de utilizar jogos em sala de aula para aprender algum conteúdo novo?

() Sim () Não

20) Você acredita que a gamificação/utilização de jogos ajudaria a melhorar sua aprendizagem?

() Sim () Não

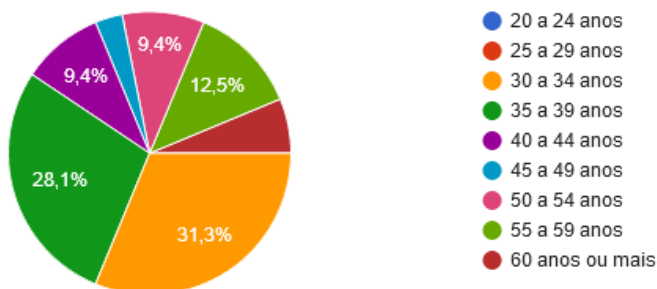
21) Você acredita que salas de aulas temáticas, salas/ambientes e laboratórios favorecem a aprendizagem?

() Sim () Não

APÊNDICE C - PESQUISA METODOLOGIA ATIVAS SENAC JOVEM APRENDIZ / PROFESSOR RESULTADOS

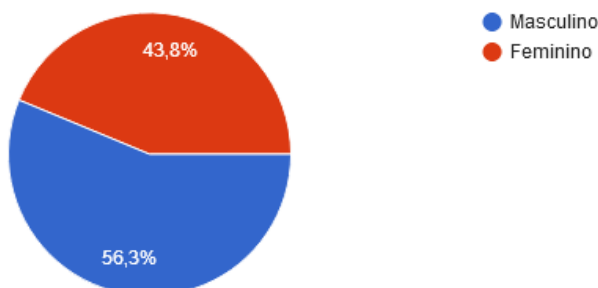
1) Idade:

32 respostas



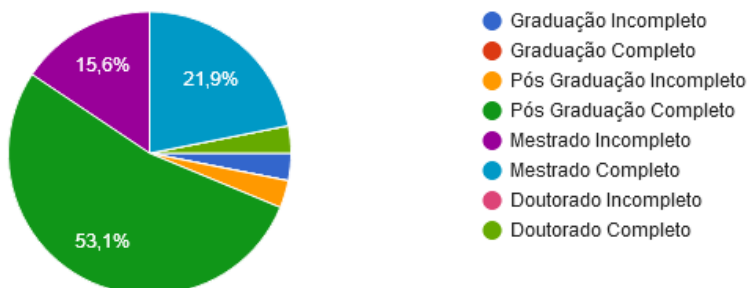
2) Sexo:

32 respostas



3) Escolaridade:

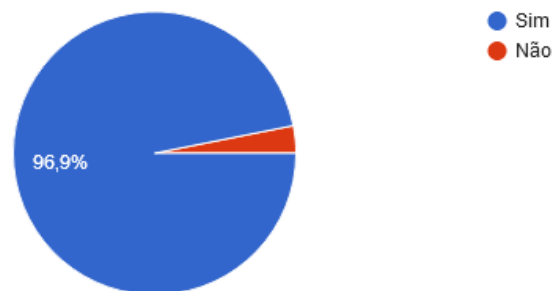
32 respostas



Sobre o ambiente de aula, responda as questões abaixo:

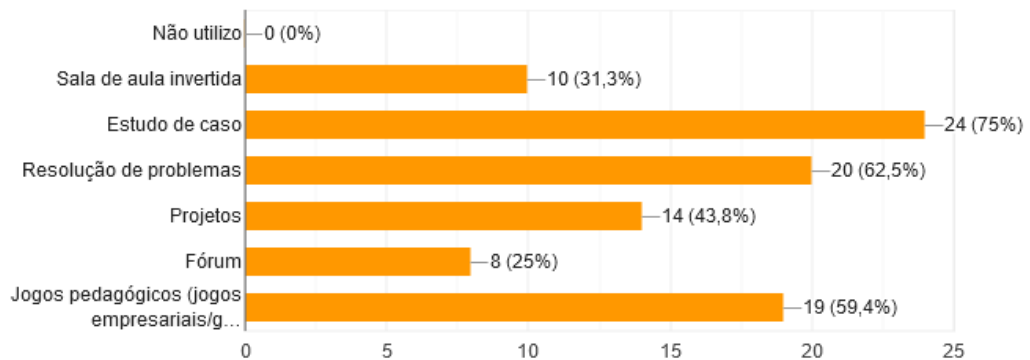
4) Você conhece o que são metodologias ativas?

32 respostas



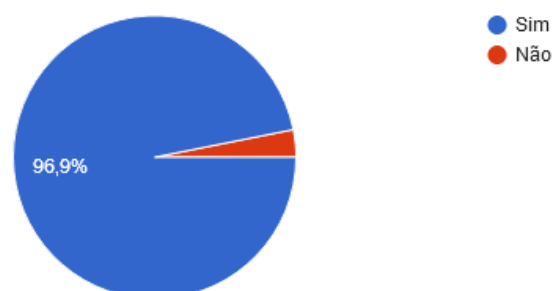
5) Você utiliza alguma metodologia ativa em sala de aula?

32 respostas



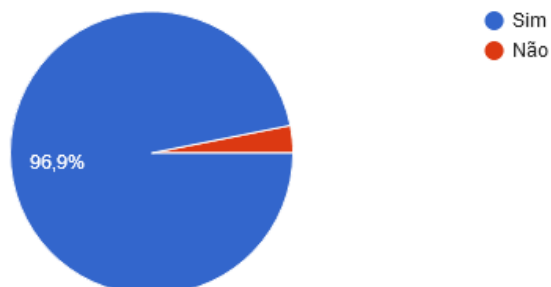
6) Utiliza recursos didáticos diferenciados?

32 respostas



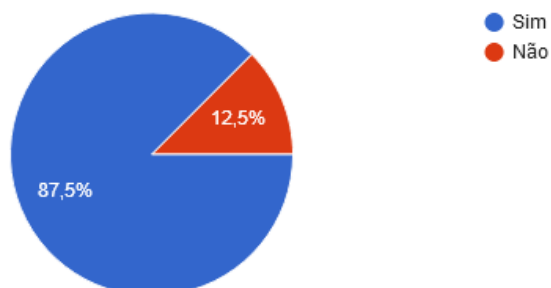
7) Você se sente confortável em utilizar recursos variados durante suas aulas?

32 respostas



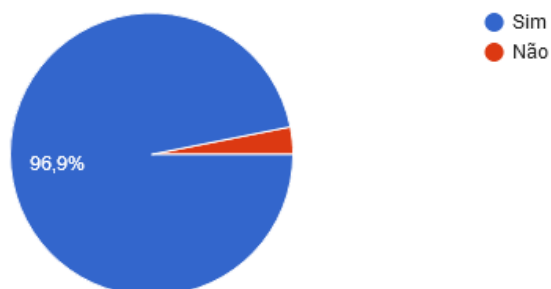
8) O local em que você trabalha proporciona treinamento e desenvolvimento para você melhorar a qualidade do seu trabalho?

32 respostas



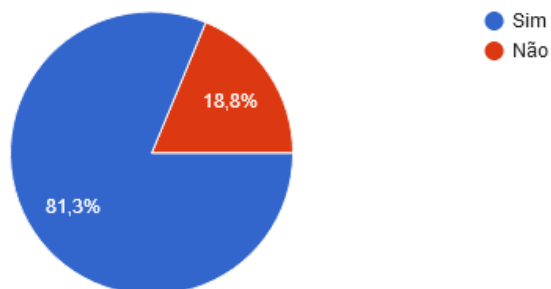
9) O local que você trabalha disponibiliza material didático e tecnológico para sua atuação em sala de aula?

32 respostas



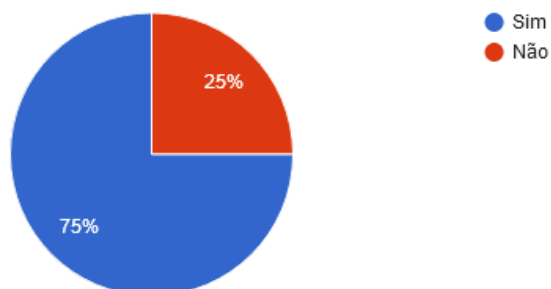
10) Você considera que os programas de treinamento e desenvolvimento oferecidos pela instituição favorecem e auxiliam no seu planejamento e desempenho das aulas?

32 respostas



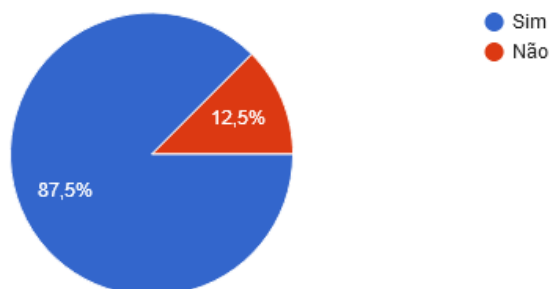
11) Você está satisfeito com o material didático e tecnológico disponibilizado pelo seu local de trabalho?

32 respostas



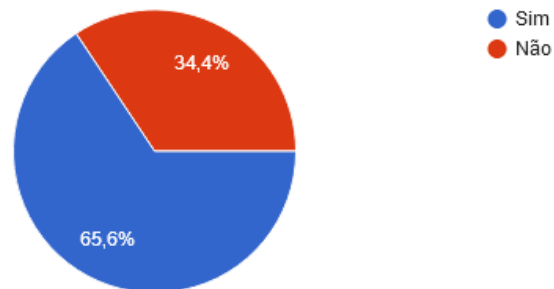
12) Você considera suas aulas dinâmicas e interativas?

32 respostas



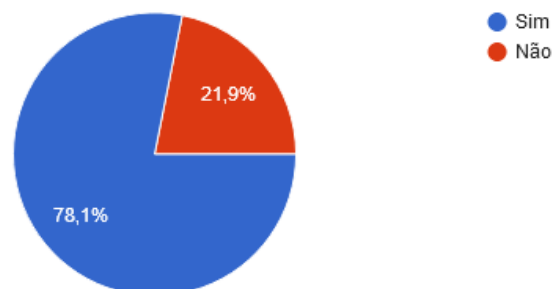
13) Você utiliza as mídias sociais para aprimorar e ou ampliar estratégias para apresentar os conteúdos a serem trabalhados em sala de aula?

32 respostas



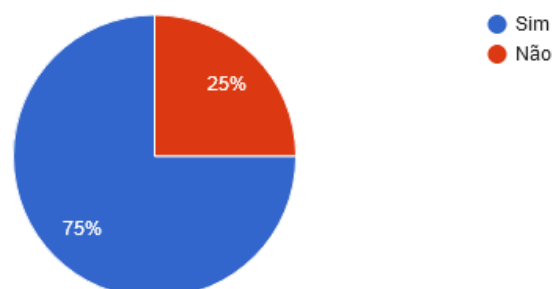
14) Você acredita que as redes sociais possam ser utilizadas como uma extensão da sala de aula ou facilitador no processo de aprendizagem?

32 respostas



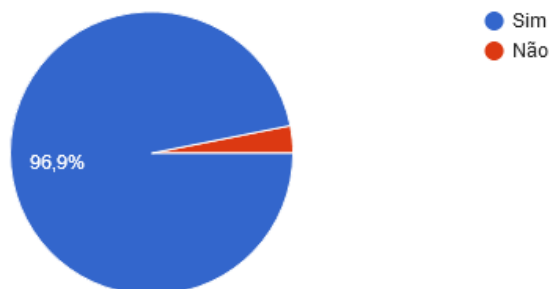
15) Você já teve a oportunidade de utilizar jogos em sala de aula para ensinar algum conteúdo novo?

32 respostas



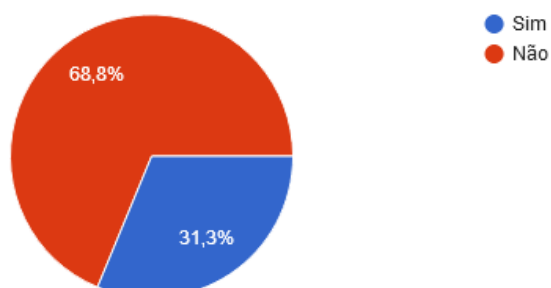
16) Você acredita que a gamificação/utilização de jogos ajudaria a melhorar suas aulas tornando melhor o processo de aprendizagem dos seus alunos?

32 respostas



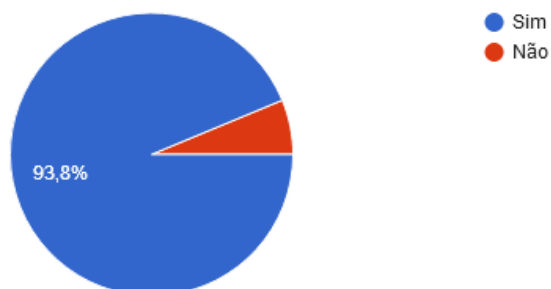
17) Você já teve interesse no uso de metodologias ativas mas encontrou algum tipo de impedimento por parte da instituição de ensino na aplicação destas nas aulas?

32 respostas



18) A instituição que você atua facilita e incentiva a utilização de metodologias ativas como método de ensino?

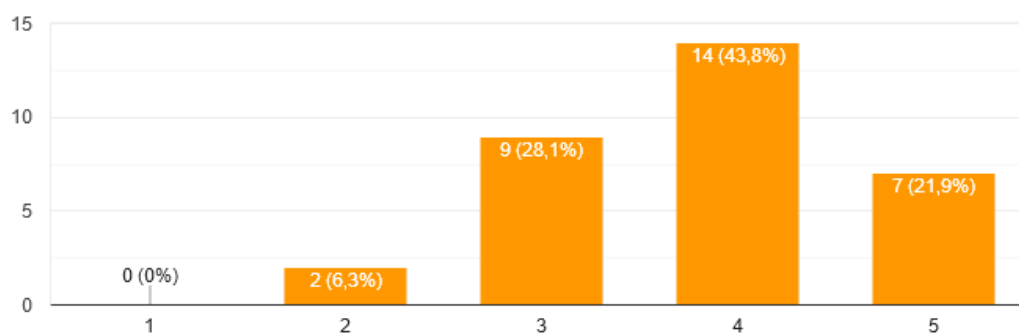
32 respostas



Em uma escala de 1 a 5, onde 1 representa "Discordo totalmente" e 5 "Concordo totalmente", avalie:

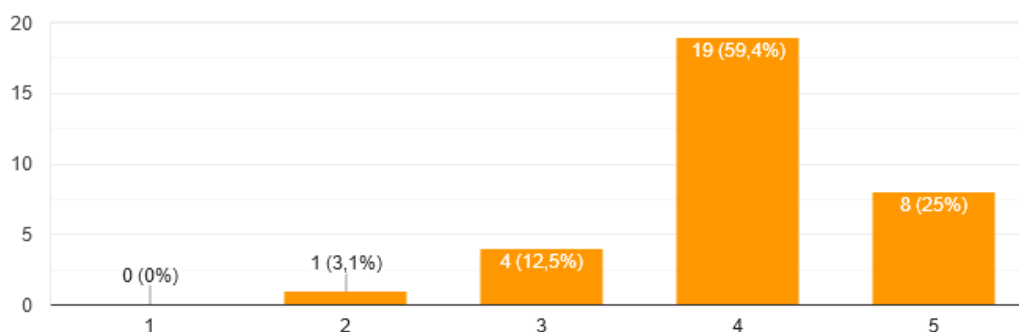
19) Os conteúdos apresentados em sala de aula atualmente despertam a curiosidade dos alunos.

32 respostas



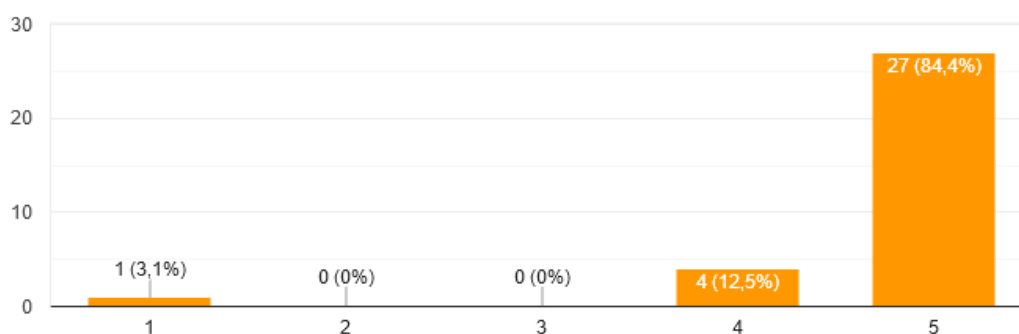
20) As atividades utilizadas atualmente em sala de aula proporcionam a participação do aluno.

32 respostas



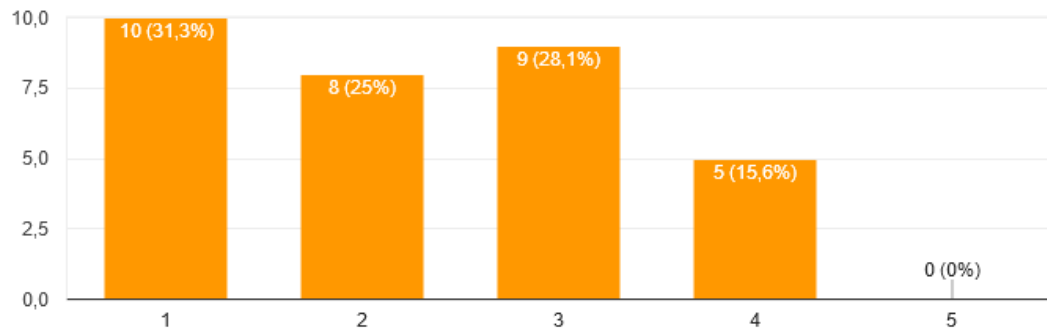
21) Um professor deve estar disposto a aprender mais sobre metodologias ativas.

32 respostas



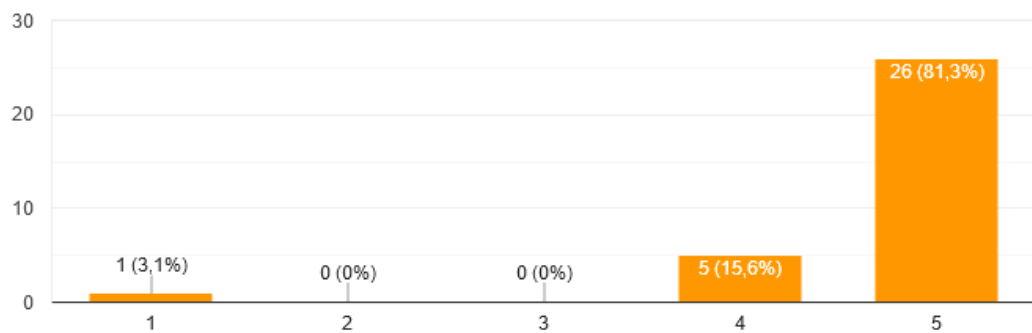
22) Uma aula somente expositiva facilita o processo de aprendizagem do aluno.

32 respostas



23) Uma aula utilizando atividades e recursos variados facilita o processo de aprendizagem do aluno.

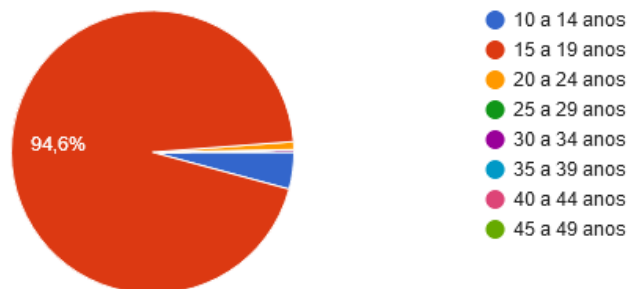
32 respostas



APÊNDICE D - PESQUISA METODOLOGIA ATIVAS SENAC JOVEM APRENDIZ / ALUNO RESULTADOS

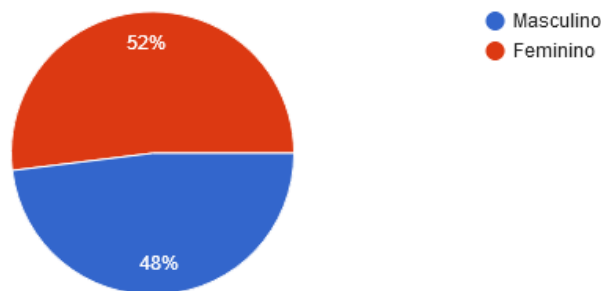
1) Idade:

333 respostas



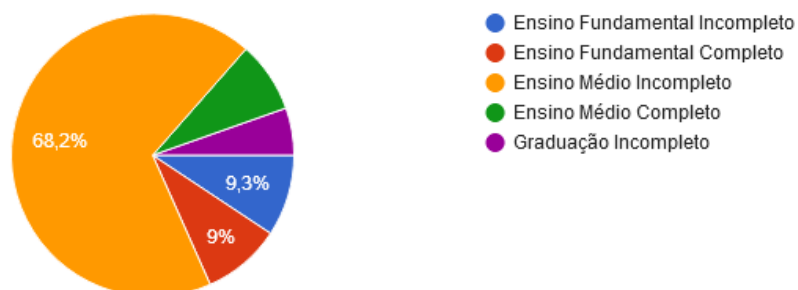
2) Sexo:

333 respostas



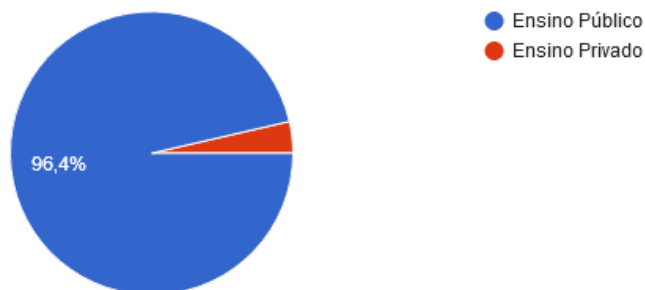
3) Escolaridade:

333 respostas



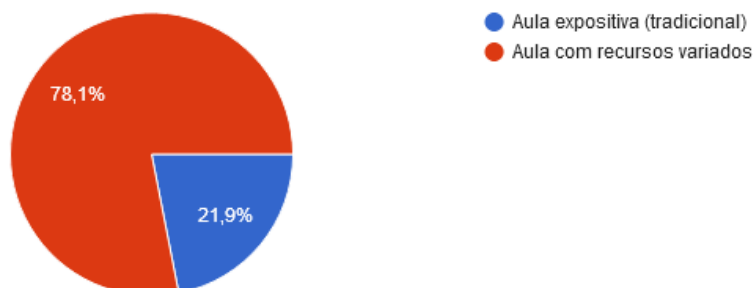
4) Tipo de escola que cursa/cursou o ensino fundamental ou médio?

333 respostas



5) Em sua opinião, você aprende com mais facilidade em uma aula expositiva (tradicional), ou em uma aula com recursos variados onde haja trocas entre professores e alunos?

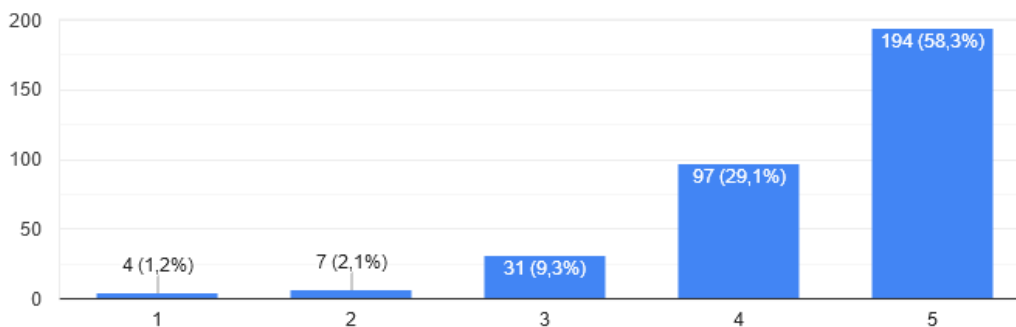
333 respostas



Em uma escala de 1 a 5, onde 1 representa "Não contribuem" e 5 "Contribuem muito", responda:

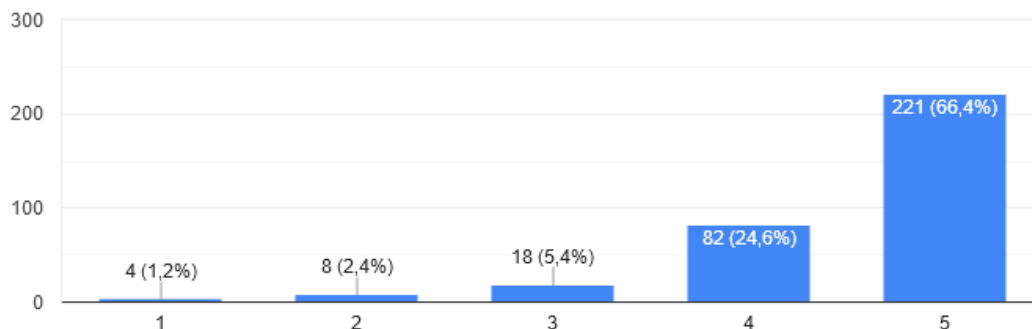
6) Você considera que as aulas administradas pelos professores do Programa Jovem Aprendiz contribuem para sua aprendizagem?

333 respostas



7) Você considera que as aulas administradas pelos professores do Programa Jovem Aprendiz contribuem para seu desenvolvimento pessoal e profissional?

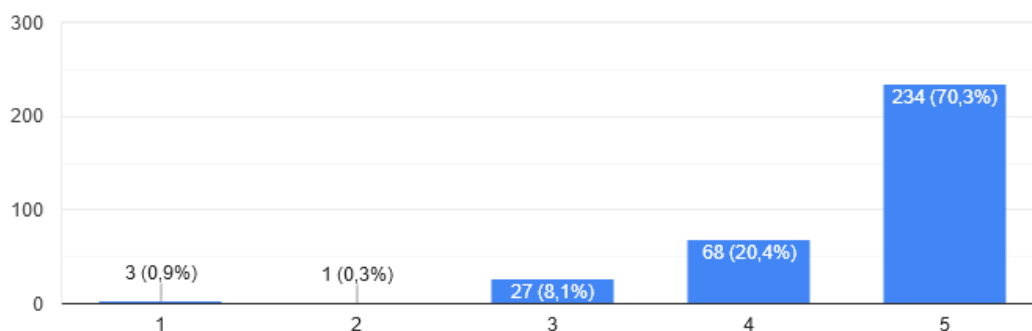
333 respostas



Em uma escala de 1 a 5, onde 1 representa "Totalmente insatisfeito" e 5 "Totalmente satisfeito", responda:

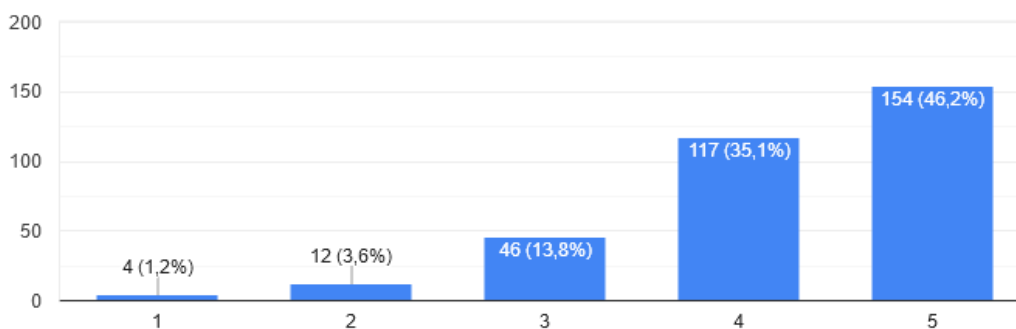
8) Como você avalia as aulas administradas quando os professores utilizam recursos variados (Trabalhos em grupos, jogos, pesquisas, estudo de caso, resolução de problemas, projetos, fórum, ...) para ensinar?

333 respostas



9) Como você avalia as atividades utilizadas em sala de aula pelos professores?

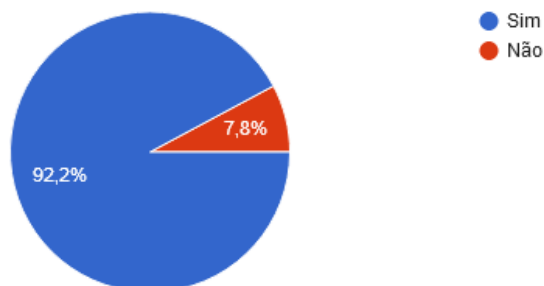
333 respostas



Responda as questões abaixo selecionando entre as opções de "Sim" ou "Não":

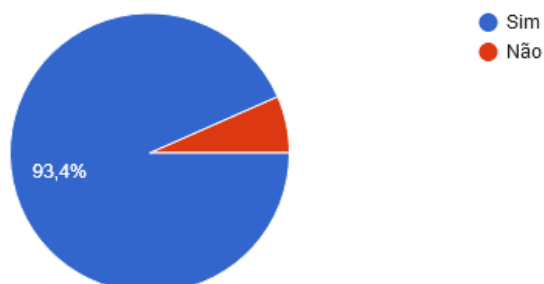
10) Você avalia as aulas administradas pelos professores no Programa Jovem Aprendiz como dinâmicas e interessantes?

333 respostas



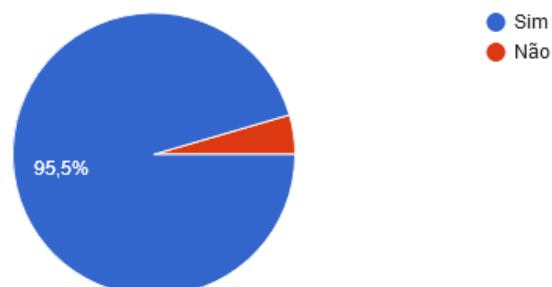
11) Você considera que os assuntos abordados pelos professores no Programa Jovem Aprendiz são atualizados?

333 respostas



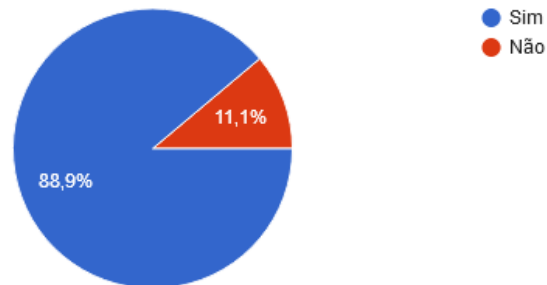
12) Os professores do Programa Jovem Aprendiz propiciam espaços em que você possa expressar suas opiniões sobre os conteúdos abordados e assim possa contribuir com a aprendizagem em sala de aula?

333 respostas



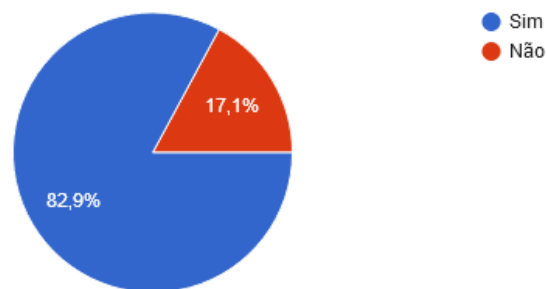
13) Você se sente agente participativo e responsável pela sua aprendizagem?

333 respostas



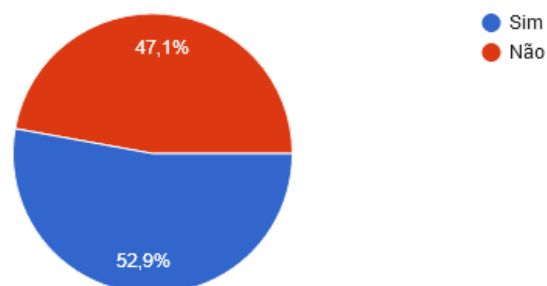
14) Você se sente interessado e motivado em participar das aulas do Programa Jovem Aprendiz?

333 respostas



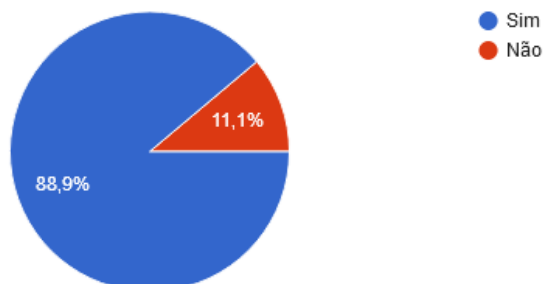
15) Na sua opinião as aulas somente expositivas (tradicionais) auxiliam na sua aprendizagem?

333 respostas



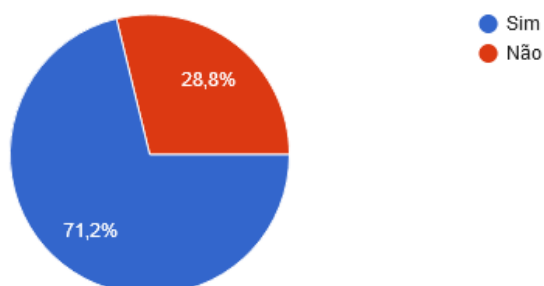
16) Você considera que as atividades utilizadas em sala de aula pelos professores vão ao encontro aos seus objetivos?

333 respostas



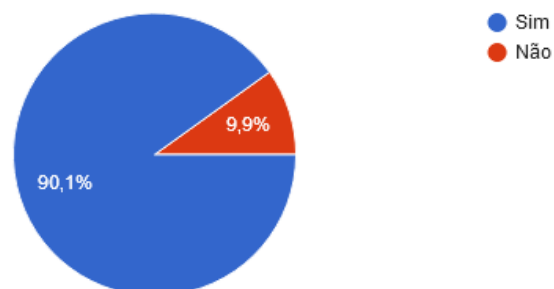
17) Você utiliza as mídias sociais para aprimorar e ou ampliar os conteúdos trabalhados em sala de aula?

333 respostas



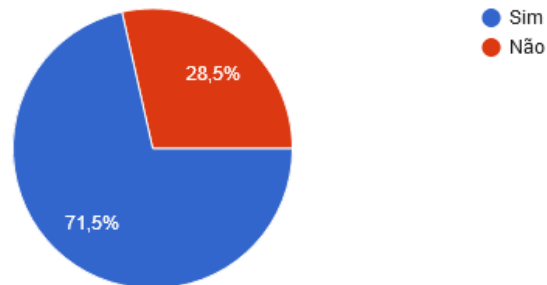
18) Você acredita que as redes sociais possam ser utilizadas como uma extensão da sala de aula ou facilitador no processo de aprendizagem?

333 respostas



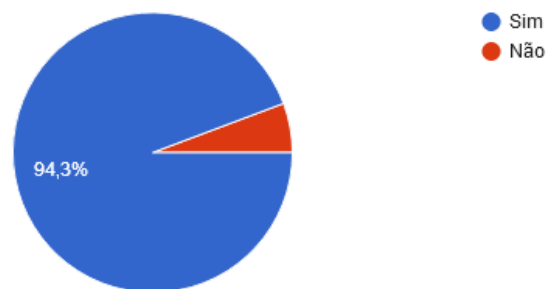
19) Você já teve a oportunidade de utilizar jogos em sala de aula para aprender algum conteúdo novo?

333 respostas



20) Você acredita que a gamificação/utilização de jogos ajudaria a melhorar sua aprendizagem?

333 respostas



21) Você acredita que salas de aulas temáticas, salas ambientes e laboratórios favorecem a aprendizagem?

333 respostas

